



FICHA TÉCNICA

DIRETORA	LACOMBLEZ, MARIANNE / UNIVERSIDADE DO PORTO	PORTUGAL
VICE-DIREÇÃO	<p>BAUDIN, CAROLE / HAUTE ECOLE ARC INGÉNIERIE DE NEUCHÂTEL</p> <p>HES SO - UNIVERSITY OF APPLIED SCIENCES AND ARTS OF WESTERN SWITZERLAND</p> <p>CHRISTO, CIRLENEA / UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ) - INSTITUTO DE PSICOLOGIA</p> <p>COSTA, LÚCIA SIMÕES / ESTESC-COIMBRA HEALTH SCHOOL, INSTITUTO POLITÉCNICO DE COIMBRA</p> <p>MASSON, LETÍCIA / FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ) - ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SÉRGIO AROUCA</p> <p>NUSSHOLD, PATRICIO / UNIVERSITÉ PARIS DESCARTES - SORBONNE PARIS CITÉ - UFR DE PSYCHOLOGIE</p> <p>MEMBRE DE L'ÉQUIPE DE PSYCHODYNAMIQUE DU TRAVAIL ET DE L'ACTION</p> <p>CONSERVATOIRE NATIONAL DES ARTS ET MÉTIERS (CNAM)</p> <p>VALVERDE, CAMILO / CATÓLICA PORTO BUSINESS SCHOOL, UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA</p>	<p>SUISSE</p> <p>BRASIL</p> <p>PORTUGAL</p> <p>BRASIL</p> <p>FRANCE</p> <p>PORTUGAL</p>
COMITÉ EDITORIAL	<p>DIREÇÃO LUSÓFONA – PÓLO EUROPEU</p> <p>COSTA, LÚCIA SIMÕES / ESTESC-COIMBRA HEALTH SCHOOL, INSTITUTO POLITÉCNICO DE COIMBRA</p> <p>CUNHA, LILIANA / FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE DO PORTO</p> <p>GIL MATA, RITA / FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE DO PORTO</p> <p>NASCIMENTO, ADELAIDE / LABORATOIRE D'ERGONOMIE, CENTRE DE RECHERCHE SUR LE TRAVAIL ET LE DÉVELOPPEMENT, CONSERVATOIRE NATIONAL DES ARTS ET MÉTIERS</p> <p>SANTOS, MARTA / FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE DO PORTO</p> <p>VALVERDE, CAMILO / FACULDADE DE ECONOMIA E GESTÃO, UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA</p> <p>DIREÇÃO LUSÓFONA – PÓLO BRASILEIRO</p> <p>BRITO, JUSSARA / FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ) - ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SÉRGIO AROUCA</p> <p>CHRISTO, CIRLENE / UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ) - INSTITUTO DE PSICOLOGIA</p> <p>FIGUEIREDO, MARCELO / UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - ESCOLA DE ENGENHARIA - DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO</p> <p>MASSON, LETÍCIA / FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ) - ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SÉRGIO AROUCA</p> <p>ZAMBRONI, PAULO / UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB) - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL DA UFPB</p> <p>DIREÇÃO HISPANA</p> <p>BAUDIN, CAROLE / HAUTE ECOLE ARC INGÉNIERIE DE NEUCHÂTEL</p> <p>HES SO - UNIVERSITY OF APPLIED SCIENCES AND ARTS OF WESTERN SWITZERLAND</p> <p>DIÁZ CANEPA, CARLOS / DEPARTAMENTO DE PSICOLOGÍA, FACSO UNIVERSIDAD DE CHILE</p> <p>DE LA GARZA, CECÍLIA / EDF-R&D, MANAGEMENT DES RISQUES INDUSTRIELS</p> <p>NIÓN, SOLEDAD / FACULTAD DE CIENCIAS SOCIALES, UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA</p> <p>NUSSHOLD, PATRICIO / UNIVERSITÉ PARIS DESCARTES - SORBONNE PARIS CITÉ - UFR DE PSYCHOLOGIE - MEMBRE DE L'ÉQUIPE DE PSYCHODYNAMIQUE DU TRAVAIL ET DE L'ACTION</p> <p>CONSERVATOIRE NATIONAL DES ARTS ET MÉTIERS (CNAM)</p> <p>POY, MARIO / CENTRO DE INVESTIGACIONES POR UNA CULTURA DE SEGURIDAD UNIVERSIDAD DE SAN ANDRÉS</p> <p>WALTER, JORGE / CENTRO DE INVESTIGACIONES POR UNA CULTURA DE SEGURIDAD UNIVERSIDAD DE SAN ANDRÉS</p>	<p>PORTUGAL</p> <p>PORTUGAL</p> <p>PORTUGAL</p> <p>FRANCE</p> <p>PORTUGAL</p> <p>PORTUGAL</p> <p>BRASIL</p> <p>BRASIL</p> <p>BRASIL</p> <p>BRASIL</p> <p>BRASIL</p> <p>SUISSE</p> <p>CHILE</p> <p>FRANCE</p> <p>URUGUAY</p> <p>FRANCE</p> <p>ARGENTINA</p> <p>ARGENTINA</p>
EDITOR-COORDENADOR DA RUBRICA “TEXTOS HISTÓRICOS”	OUVRIER-BONNAZ, RÉGIS / CONSERVATOIRE NATIONAL DES ARTS ET MÉTIERS	FRANCE
COMITÉ CIENTÍFICO	CONSULTAR PÁGINA DOS COMITÉS HTTP://LABOREAL.UP.PT/PT/EDITORIAL/COMITES/	LABOREAL.UP.PT
SECRETARIADO DE REDAÇÃO	LOPES, MAFALDA MONTEIRO, CLÁUDIA SILVA, BRUNO	
PROPRIETÁRIO E EDITOR	UNIVERSIDADE DO PORTO	PRAÇA GOMES TEIXEIRA 4099-002 PORTO, PORTUGAL T: + 351 220 408 000
PERIODICIDADE	BIANUAL	
SEDE DA REDAÇÃO	BRUNO SILVA (BRUNO_SILVA@FPCE.UP.PT) FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE DO PORTO	RUA ALFREDO ALLEN 4200-135 PORTO, PORTUGAL T: + 351 22 040 06 17
ANOTADA NA ERC	ESTATUTO EDITORIAL PODE SER CONSULTADO NA PÁGINA: HTTP://LABOREAL.UP.PT/PT/EDITORIAL/SOBRE-A-REVISTA/	

ÍNDICE PT

7 – 8	EDITORIAL LÚCIA SIMÕES COSTA & CAMILO VALVERDE
9 – 12	DOSSIER TEMÁTICO O REGRESSO AO EMPREGO APÓS UM ACIDENTE DE TRABALHO: APRESENTAÇÃO DO DOSSIER. MARIANNE LACOMBLEZ & AUGUSTO ROGÉRIO LEITÃO
13 – 24	PESQUISA EMPÍRICA OS SINISTRADOS NO TRABALHO E O DIREITO À REPARAÇÃO: PERCURSOS PÓS-SINISTRO DE CONTACTO COM AS INSTITUIÇÕES. VANESSA RODRIGUES
25 – 36	INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO A RECONSTITUIÇÃO DE EXPERIÊNCIAS APÓS UM ACIDENTE DE TRABALHO: MAPAS DE PERCURSO COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE RISCO NA ATIVIDADE DE TÉCNICOS SUPERIORES DE SEGURANÇA NO TRABALHO. CLÁUDIA PEREIRA & VANESSA RODRIGUES
37 – 48	PESQUISA EMPÍRICA O ESPAÇO EXPERIENCIAL DA DOR: SOFRIMENTO, CORPO E INSCRIÇÃO SOCIAL DEPOIS DO ACIDENTE DE TRABALHO ENTRE TRABALHADORES INDUSTRIAIS PORTUGUESES. BRUNO MONTEIRO & VIRGÍLIO BORGES PEREIRA
49 – 58	PESQUISA EMPÍRICA PERCURSOS DE REGRESSO AO TRABALHO APÓS ACIDENTE: CONFRONTO COM NOVOS OBSTÁCULOS. CLÁUDIA PEREIRA, MARTA SANTOS & LILIANA CUNHA
59 – 64	RESUMO DE TESE A ABORDAGEM ERGOLÓGICA PARA UMA OUTRA AVALIAÇÃO DO TRABALHO SOCIAL. INGRID FOUCHECOURT-DROMARD
65 – 68	TEXTOS HISTÓRICOS UM RETORNO A GILBERT SIMONDON E À SUA OBRA INICIAL. JACQUES LEPLAT
69 – 72	TEXTOS HISTÓRICOS DO MODO DE EXISTÊNCIA DOS OBJETOS TÉCNICOS: INTRODUÇÃO. GILBERT SIMONDON
73 – 75	O DICIONÁRIO X, COMO RAIO X. ADELAIDE NASCIMENTO
76 – 78	O DICIONÁRIO WHAT IS WATT? HISTÓRIA DE UMA MEDIDA. FRANÇOIS VATIN

ÍNDICE S

7 – 8	EDITORIAL LÚCIA SIMÕES COSTA & CAMILO VALVERDE
9 – 12	DOSSIER TEMÁTICO VOLVER AL TRABAJO TRAS UN ACCIDENTE LABORAL: PRESENTACIÓN DEL DOSSIER. MARIANNE LACOMBLEZ & AUGUSTO ROGÉRIO LEITÃO
13 – 24	INVESTIGACIÓN EMPÍRICA LOS SINIESTRADOS EN EL TRABAJO Y EL DERECHO A LA REPARACIÓN: TRAYECTOS POST-ACCIDENTE AL CONTACTO CON LAS INSTITUCIONES. VANESSA RODRIGUES
25 – 36	INSTRUMENTOS DE INVESTIGACIÓN LA RECONSTITUCIÓN DE EXPERIENCIAS TRAS UN ACCIDENTE DE TRABAJO: MAPAS DE TRAYECTORIA COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISIS. CLÁUDIA PEREIRA & VANESSA RODRIGUES
37 – 48	INVESTIGACIÓN EMPÍRICA EL ESPACIO EXPERIENCIAL DEL DOLOR: SUFRIMIENTO, CUERPO E INSCRIPCIÓN SOCIAL TRAS UN ACCIDENTE DE TRABAJO ENTRE TRABAJADORES INDUSTRIALES PORTUGUESES. BRUNO MONTEIRO & VIRGÍLIO BORGES PEREIRA
49 – 58	INVESTIGACIÓN EMPÍRICA TRAYECTORIAS DE VUELTA AL TRABAJO TRAS UN ACCIDENTE: ENFRENTARSE A NUEVOS OBSTÁCULOS. CLÁUDIA PEREIRA, MARTA SANTOS & LILIANA CUNHA
59 – 64	RESUMEN DE TESIS EL ENFOQUE ERGOLÓGICO PARA UNA OTRA EVALUACIÓN DEL TRABAJO SOCIAL. INGRID FOUCHECOURT-DROMARD
65 – 68	TEXTOS HISTÓRICOS VOLVER SOBRE GILBERT SIMONDON Y SU LIBRO INICIAL. JACQUES LEPLAT
69 – 72	TEXTOS HISTÓRICOS EL MODO DE EXISTENCIA DE LOS OBJETOS TÉCNICOS: INTRODUCCIÓN. GILBERT SIMONDON
73 – 75	EL DICCIONARIO X, COMO RAYOS X. ADELAIDE NASCIMENTO
76 – 78	EL DICCIONARIO WHAT IS WATT? HISTORIA DE UNA MEDIDA. FRANÇOIS VATIN

ÍNDICE FR

7 – 8	EDITORIAL LÚCIA SIMÕES COSTA & CAMILO VALVERDE
9 – 12	DOSSIER TEMÁTICO REPRENDRE UN EMPLOI APRÈS UN ACCIDENT DU TRAVAIL: PRÉSENTATION DU DOSSIER. MARIANNE LACOMBLEZ & AUGUSTO ROGÉRIO LEITÃO
13 – 24	RECHERCHE EMPIRIQUE LES VICTIMES D'ACCIDENTS DE TRAVAIL ET LE DROIT À LA RÉPARATION: PARCOURS POST-SINISTRE AU CONTACT DES INSTITUTIONS. VANESSA RODRIGUES
25 – 36	INSTRUMENTS DE RECHERCHE LA RECONSTRUCTION D'EXPÉRIENCES APRÈS UN ACCIDENT DU TRAVAIL: DES CARTES DE PARCOURS COMME INSTRUMENT D'ANALYSE. CLÁUDIA PEREIRA & VANESSA RODRIGUES
37 – 48	RECHERCHE EMPIRIQUE L'ESPACE EXPÉRIENTIEL DE LA DOULEUR: SOUFFRANCE, CORPS ET INSCRIPTION SOCIALE APRÈS L'ACCIDENT DE TRAVAIL PARMI LES TRAVAILLEURS INDUSTRIELS PORTUGAIS. BRUNO MONTEIRO & VIRGÍLIO BORGES PEREIRA
49 – 58	RECHERCHE EMPIRIQUE PARCOURS DE RETOUR AU TRAVAIL APRÈS UN ACCIDENT: FAIRE FACE À DE NOUVEAUX OBSTACLES. CLÁUDIA PEREIRA, MARTA SANTOS & LILIANA CUNHA
59 – 64	RÉSUMÉS DE THÈSES LA DÉMARCHE ERGOLOGIQUE POUR UNE AUTRE ÉVALUATION DU TRAVAIL SOCIAL. INGRID FOUCHECOURT-DROMARD
65 – 68	TEXTES HISTORIQUES UN RETOUR À GILBERT SIMONDON ET À SON ŒUVRE INITIALE. JACQUES LEPLAT
69 – 72	TEXTES HISTORIQUES DU MODE D'EXISTENCE DES OBJETS TECHNIQUES: INTRODUCTION. GILBERT SIMONDON
73 – 75	LE DICTIONNAIRE X, COMME RAYON X. ADELAIDE NASCIMENTO
76 – 78	LE DICTIONNAIRE WHAT IS WATT? HISTOIRE D'UNE MESURE. FRANÇOIS VATIN

ÍNDICE EN

7 – 8	EDITORIAL LÚCIA SIMÕES COSTA & CAMILO VALVERDE
9 – 12	DOSSIER RETURNING TO THE OLD JOB AFTER A WORK-RELATED ACCIDENT: DOSSIER PRESENTATION. MARIANNE LACOMBLEZ & AUGUSTO ROGÉRIO LEITÃO
13 – 24	EMPIRICAL RESEARCH THE INJURED AT WORK AND THE RIGHT TO REPARATION: THE INSTITUTIONAL CONTACTS AFTER THE ACCIDENT. VANESSA RODRIGUES
25 – 36	RESEARCH INSTRUMENTS THE RECONSTRUCTION OF EXPERIENCES AFTER A WORK ACCIDENT: ACCIDENT JOURNEY CHARTS AS ASSESSMENT INSTRUMENTS. CLÁUDIA PEREIRA & VANESSA RODRIGUES
37 – 48	EMPIRICAL RESEARCH THE EXPERIENTIAL SPECTRUM OF PAIN: SUFFERING, BODY AND SOCIAL INSCRIPTION AFTER THE WORK ACCIDENT AMONG PORTUGUESE INDUSTRIAL WORKERS. BRUNO MONTEIRO & VIRGÍLIO BORGES PEREIRA
49 – 58	EMPIRICAL RESEARCH BACK-TO-WORK PATHS AFTER AN ACCIDENT: FACING NEW OBSTACLES. CLÁUDIA PEREIRA, MARTA SANTOS & LILIANA CUNHA
59 – 64	THESIS SUMMARY THE ERGOLOGY APPROACH TO REACH A DIFFERENT ASSESSMENT OF THE SOCIAL WORK. INGRID FOUCHECOURT-DROMARD
65 – 68	HISTORICAL TEXTS A RETURN TO GILBERT SIMONDON AND TO HIS INITIAL WORK. JACQUES LEPLAT
69 – 72	HISTORICAL TEXTS ON THE MODE OF EXISTENCE OF TECHNICAL OBJECTS: INTRODUCTION. GILBERT SIMONDON
73 – 75	THE DICTIONARY X, AS X-RAY. ADELAIDE NASCIMENTO
76 – 78	THE DICTIONARY WHAT IS WATT? HISTORY OF A MEASURE. FRANÇOIS VATIN

EDITORIAL

LÚCIA SIMÕES COSTA ^[1] & CAMILO VALVERDE ^[2]

[1] ESTESC-Coimbra Health School,
Instituto Politécnico de Coimbra
Rua 5 de Outubro - SM Bispo
Apartado 7006
3046-854 Coimbra, Portugal
luciasimoescosta@gmail.com

[2] Católica Porto Business School,
Universidade Católica Portuguesa
Rua Diogo Botelho 1327
4169-005 Porto, Portugal
cvalverde@porto.ucp.pt

Neste novo número da Laboreal apresentamos um dossier temático acerca do **REGRESSO AO TRABALHO APÓS UM ACIDENTE DE TRABALHO**. Trata-se de uma problemática com contornos multidimensionais e de grande complexidade que exige abordagens multidisciplinares para identificar alternativas adaptadas, e consistentes, de apoio na reinserção na vida ativa dos indivíduos sinistrados, dos seus coletivos de trabalho, das organizações envolvidas e da sociedade na sua globalidade.

De destacar, ainda sobre este assunto, a escassez de estudos publicados, quer em Portugal quer noutros países. Tal incrementa o interesse deste *dossier* que esperamos possa vir a estimular o interesse pela realização de investigação acerca do tema, nomeadamente através de perspetivas que equacionem e problematizem as condições reais de trabalho e o contexto social, económico e cultural em que ocorrem os acidentes e o inerente sofrimento nos atores envolvidos.

Deste *dossier* fazem parte três artigos incluídos na rubrica **PESQUISAS EMPÍRICAS** e um em **INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO** que sustentam esta temática abordando uma diversidade de pontos de vista com inegável pertinência e atualidade. Marianne Lacomblez e Augusto Rogério Leitão num texto inicial de apresentação do *dossier* sumarizam a estrutura e conteúdo destes artigos e fazem a sua análise pormenorizada à luz do modelo jurídico-institucional português e das dinâmicas complexas das trajetórias que estão subjacentes ao regresso ao trabalho na sequência de um sinistro laboral.

No **RESUMO DE TESE**, Ingrid Fouhecourt-Dromard remete-nos para a possibilidade da mobilização da abordagem ergológica para perspetivar uma outra forma de avaliação do trabalho social, ou seja, a avaliação de um trabalho dirigido a seres humanos onde múltiplos valores coexistem. A autora questiona o que deve ser avaliado neste tipo de trabalho, assumindo que ao mesmo lhe cabe ser mensurável e rentável. Por outro lado, sustenta a inviabilidade da utilização de um único modelo avaliativo, quantitativo

face ao significado do propósito deste trabalho e defende a reflexão sobre uma avaliação baseada no conhecimento daqueles que trabalham. Apresenta, no seguimento, uma proposta de avaliação qualitativa que pode, também, constituir uma ferramenta de gestão, especialmente em instituições públicas.

Na rubrica **TEXTOS HISTÓRICOS** Jacques Leplat propõe-nos um texto histórico de Gilbert Simondon destacando a importância do autor e da sua obra para a história do trabalho. Relembra a propósito da temática em apreço, os objetos técnicos, a associação nas pesquisas de Simondon destes a situações de trabalho e recorda-nos as reflexões por ele produzidas sobre as relações entre o objeto técnico e o trabalho humano.

Finalmente no **DICIONÁRIO**, e através das letras X e W, são apresentados conceitos transversais à ciência e magistralmente alinhados com o trabalho e a saúde. Assim, Adelaide Nascimento fala-nos do **X** como raio X, um revolucionador em diversos domínios científicos, uma fonte de benefícios em inúmeros setores e simultaneamente a origem de riscos para trabalhadores e pacientes a ele submetidos. Watt é a palavra para **W** e a partir da qual François Vatin constrói um texto intitulado *What is watt?*: História de uma medida. Explana este termo através da sua associação a James Watt e ao desenvolvimento da máquina a vapor e discorre sobre o conceito enquanto unidade de energia ligada aos motores elétricos.

Nesta edição agradecemos a ajuda no processo de arbitragem científica dos artigos aos membros dos Comités da revista e aos colegas Nuno Bessa, Simone Oliveira, Thiago Drumond Moraes e Xavier Roth. São contributos que foram essenciais na qualidade deste número.

Não poderíamos terminar este Editorial sem informar os nossos estimados leitores que efetuámos uma reestruturação na Direção da nossa revista. Com a finalidade de continuar a consolidar a nossa difusão junto dos leitores de língua espanhola e portuguesa, renovámos a composição da Direção Hispana e da Direção Lusófona, sendo esta agora subdividida em dois polos: um europeu e outro brasileiro.

Os nossos votos de uma excelente leitura.

Pelo Comité Editorial da Laboreal,
Lúcia Simões Costa e Camilo Valverde

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO?

Costa, L. S. & Valverde, C. (2018). Editorial. *Laboreal*, 14(1), 7-8.
<http://dx.doi.org/10.15667/laborealxv0118sc>

DOSSIER TEMÁTICO**O REGRESSO AO EMPREGO APÓS UM ACIDENTE DE TRABALHO: APRESENTAÇÃO DO DOSSIER.**

MARIANNE LACOMBLEZ ^[1] & AUGUSTO ROGÉRIO LEITÃO ^[2]

[1] Centro de Psicologia da
Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências
da Educação
Universidade do Porto
Rua Dr. Manuel Pereira da Silva
4200-392 Porto, Portugal
lacomb@fpce.up.pt

[2] Centro Observare, Universidade
Autónoma de Lisboa
Rua Santa Marta 56, 1169-023 Lisboa
& Faculdade de Economia,
Universidade de Coimbra
Av. Dr. Dias da Silva 165
3004-512 Coimbra, Portugal
arleitao@fe.uc.pt
arrcleitao@sapo.pt

1. UM PROCESSO COMPLEXO E MULTIFACETADO

Partindo do princípio que “regressar ao trabalho após um acidente de trabalho” se traduz na reintegração profissional do sinistrado em funções compatíveis com as limitações resultantes do desastre, várias questões levantam-se ainda sobre o modo como o empregador assegura tal regresso.

A legislação portuguesa desta matéria é, hoje, clara sobre esses aspetos. Nem sempre o foi. E para lá chegar o caminho se revelou, às vezes, sinuoso e tenso. Felizmente culminou, já nos inícios do século XXI, com a adoção de um novo quadro jurídico-institucional relativo a essa grave problemática social.

Assim, só a partir da Lei n.º 98/2009, de 4 de setembro (que regulamenta o regime de reparação de acidentes de trabalho e de doenças profissionais, em vigor desde 1 de janeiro de 2010), foi estabelecido um regime jurídico relativo à reabilitação e reintegração profissional de trabalhador sinistrado com incapacidade temporária parcial, ou incapacidade permanente, parcial ou absoluta, para o trabalho habitual. E tal regime estipula, desde logo, que o empregador deverá assegurar a reabilitação profissional do trabalhador e a adaptação do posto de trabalho, bem como terá de ocupar o trabalhador que, ao seu serviço, ainda que a título de contrato a termo, sofreu acidente de trabalho ou contraiu doença profissional, em funções e condições de trabalho compatíveis com o respetivo estado (artigos 154.º a 166.º). Na verdade, tais obrigações e ações de reabilitação e reintegração dos sinistrados estipuladas na lei, constituem novas prestações atribuídas no âmbito do sistema de reparação dos danos.

Mas convém não esquecer que a adaptação ao, e do, posto de trabalho referida convoca, na larga maioria dos casos, um contexto laboral que originou, essencialmente em razão de falhas técnico-organizacionais, o acidente registado. Tais falhas requerem, portanto, antes de tudo, análise e intervenção, porque sem um

melhoramento das condições do desempenho da atividade, individual e coletiva, correr-se-á o risco de ver reiterado o processo anterior e a multiplicação de situações limites suscetíveis de provocar outros (novos) acidentes – sem menosprezar, no quadro do regresso do trabalhador acidentado, a probabilidade de se verificar uma acentuada deterioração da sua saúde, física e psíquica.

Nesta perspetiva, o regresso à atividade profissional insere-se na dinâmica de uma trajetória que tem início antes do afastamento forçado do local de trabalho e se prolonga num processo complexo, multifacetado, de reconhecimento do acidente, da avaliação dos danos provocados, da reparação desses mesmos danos e da reinserção profissional, em condições decentes, do sinistrado. Ora, não raras vezes, a configuração desta trajetória evidencia fatores de desigualdade, seja em função do nível de escolaridade, do setor de atividade, da situação laboral, da idade, ou do género. Tal como demonstram os artigos do dossier que apresentamos neste número da *Laboreal*, esse regresso ao trabalho pode, de facto, ocorrer em moldes muito diversos, conjugando, no pior dos casos, vários fatores de desigualdade, prejudicando particularmente os trabalhadores mais frágeis em termos de recursos profissionais e sociais.

O acidente de trabalho, ao impor deste modo uma dramática descontinuidade na vida profissional e, por extensão, nas demais dimensões da existência do trabalhador, pode originar uma profunda “desestruturação das identidades” e mesmo “provocar nos sinistrados sentimentos de perda e de desajustamento existencial comparáveis aos que decorrem da situação, também ela crítica, de desemprego”, afetando ainda frequentemente “a integridade física dos sinistrados e, conseqüentemente, a imagem que cada um constrói sobre o seu próprio corpo (...), bem como sobre a visão que os outros dele alegadamente formarão” (Pinto, 2017, p. 4 e 5).

Relembremos, ainda, que as ruturas decorrentes do acidente se tornam tão mais penosas, quanto mais longa for a ausência do sinistrado do seu quadro habitual de trabalho. Ora, as mais das vezes, a dilatação do tempo dessa ausência resulta das dificuldades encontradas no processo de reparação dos danos causados pelo sinistro, por via jurídico-administrativa. Com efeito, tal processo acaba, quase sempre, por envolver o sinistrado num desigual relacionamento com o direito e seus atores principais, que neste domínio são, fundamentalmente, os tribunais do trabalho e as seguradoras. E de facto, como realçou José Madureira Pinto, “à familiaridade com o local de trabalho - nem sempre gratificante, mas previsível - sucede, abruptamente, a incerteza, vivida frequentemente como opressivo arbitrário institucional, de um labirinto de normas e procedimentos com o qual as vítimas têm de aprender a lidar (...)” (Pinto, 2017, p. 4 e 5).

2. QUATRO ARTIGOS

Eis, deste modo, apontado o objeto de estudo dos quatro artigos que compõem o dossier deste número da revista. Todos os textos exprimem a finalidade de identificar novas vias de intervenção, tendo em conta as múltiplas dificuldades encontradas pelos trabalhadores acidentados no percurso jurídico-institucional de reconhecimento do acidente, da reparação dos danos e da reintegração profissional.

Na verdade, estes artigos desenvolvem as suas análises no seguimento da participação de todos os autores numa mesma investigação, que foi solicitada pela Associação Nacional de Deficientes Sinistrados no Trabalho (ANDST), ativa em Portugal desde 1976. Não será, por isso, de estranhar uma relativa redundância quando os quatro textos referem as suas características metodológicas. A autonomia de cada artigo exigia, contudo, esclarecer a contextualização dos dados privilegiados nas respetivas análises – já que, como o constatarão os leitores, cada uma tem a sua especificidade.

Assim, se o artigo de **Vanessa Rodrigues** descreve, logo no início, a problemática geral da pesquisa realizada para e com a ADNST, precisa, todavia, que a sua análise pretende sobretudo evidenciar, através de uma fundamentação teórico-empírica, elementos de compreensão sociológica do modo de organização e funcionamento da rede institucional que, em Portugal, materializa o quadro regulatório jurídico-social dos acidentes de trabalho. E, através de um levantamento cruzado e organizado de documentos jurídicos e administrativos, da doutrina jurídica, de dados de inquérito por questionário e de testemunhos recolhidos em entrevista e compilados em mapas de percurso, a autora procura sistematizar os principais momentos que constituem um percurso pós-sinistro. Concluindo que as práticas institucionais envolvendo tal percurso, especialmente as relativas à engrenagem da tramitação processual nos tribunais, e a experiência e perceção que sobre tais práticas têm as pessoas sinistradas, configuram um labirinto penoso, recheado de obstáculos e de impasses, para os trabalhadores acidentados e seus familiares.

A técnica dos mapas de percurso passou, de facto, a assumir um papel decisivo no avançar da reflexão coletiva. **Claúdia Perreira e Vanessa Rodrigues** consagram, portanto, um artigo às particularidades deste suporte metodológico. Lembram-nos que os métodos de reconstituição de percursos são largamente utilizados no âmbito das ciências sociais, com graus de complexificação e suportes teóricos diversificados. Porém, com um enfoque analítico direcionado a um percurso pós-sinistro, a abordagem que apresentam não se aproxima duma lógica puramente biográfica, sem relação com um contexto, aliás em constante transformação. Descrevem, então, como se conseguiu, deste modo, a reconsti-

tuição temporal de uma história que se inicia com um acidente, explorando o modo de relacionamento com as diferentes instituições responsáveis pela efetivação dos direitos resultantes de um acidente de trabalho, assim como com outros agentes sociais.

Todavia, como já referido, se defrontar com preocupações de um retorno ao trabalho exige ainda uma ancoragem da abordagem no real da atividade profissional em causa. Foi o que motivou **Cláudia Pereira, Marta Santos e Liliana Cunha** na sua exploração dos obstáculos com os quais os sinistrados do trabalho se deparam no regresso ao trabalho, sistematizando no seu artigo três grandes categorias de obstáculos: quando o regresso é feito à mesma função, mas sem uma análise e planeamento prévios; quando o conteúdo do trabalho atribuído não é objeto de debate com os trabalhadores; e quando o regresso é realizado sem ter em conta o facto de haver necessidade também de o coletivo de trabalho se reorganizar.

Este terceiro artigo argumenta igualmente, na sequência da reflexão de outros pesquisadores, sobre as potencialidades heurísticas de uma definição do acidente de trabalho como *turning point* no percurso profissional e pessoal. O artigo seguinte, de **Bruno Monteiro e Virgílio Borges Pereira**, prolonga de facto tal asserção, numa abordagem que se propôs recorrer à análise de correspondências múltiplas dos dados reunidos. Sustentam deste modo uma interpretação sociológica da experiência da dor e insistem na desigualdade associada à (re)produção de acidentes laborais, argumentando que as inscrições sociais dos trabalhadores e os dispositivos institucionais têm um contributo decisivo na configuração das experiências individuais de sofrimento pós-sinistro.

3. PERSPETIVAS E PRIMEIRO BALANÇO DO MODELO JURÍDICO-INSTITUCIONAL PORTUGUÊS

Este dossier pretende, antes de tudo, compensar a escassez dos estudos sobre o “regresso ao trabalho após um acidente de trabalho”, em Portugal e fora do país. Mas o seu objetivo, além de dar a conhecer investigações recentemente concluídas neste campo, é o de incentivar o desenvolvimento de novas linhas de pesquisa – que serão, e o os artigos aqui publicados demonstram-no, inevitavelmente pluridisciplinares. Pois, só assim se poderá caminhar no sentido de uma reflexão renovada acerca de todas as formas de apoio (individual, coletivo, institucional) suscetíveis de permitir ao(a) trabalhador(a) acidentado(a) um regresso decente à vida ativa.

Na verdade, o cerne e os contornos destas problemáticas são fortemente determinados pelas configurações dos diferentes modelos jurídico-institucionais adotados pelos Estados, concernentes à reparação dos danos sofridos pelos trabalhadores acidentados,

sobretudo no respeitante a indemnizações e pensões por incapacidades permanentes. Ora, sobre essa dimensão de política social, os Estados europeus não conhecem nenhuma harmonização das suas legislações e regulamentações, resultando as suas opções, acerca do modelo adotado, particularmente das dinâmicas da respetiva história social e política.

Certos países optaram por sistemas de responsabilidade social em que a responsabilidade de reparação está, regra geral, inserida na segurança social, isto é, assumida diretamente pelo Estado. Outros, como Portugal, elegeram um sistema de responsabilidade privada, em que a responsabilidade incide sobre a entidade empregadora que fica, contudo, obrigada a transferi-la para uma seguradora, que se tornará assim num ator muito importante do processo de reparação dos danos emergentes de acidentes de trabalho, tal como Vanessa Rodrigues sublinha no seu artigo.

Mas, de qualquer modo, o Estado (social) tem de assegurar que este modelo (privado) garante o interesse público subjacente à decisão da sua adoção/implementação, através, especialmente, de normas imperativas, de ações de fiscalização e de instrumentos públicos que assegurem subsidiariamente a reparação devida, missão essa que, no caso português, foi atribuída ao Fundo de Acidentes de Trabalho (FAT).

Porém, no modelo português, a garantia e proteção dos direitos dos trabalhadores acidentados vai centrar-se e depender, fundamentalmente, do (bom) desempenho do Tribunal do Trabalho, e, particularmente, das funções que a lei impõe e exige ao Ministério Público (MP), e, logo, do modo como tais funções serão exercidas pelos procuradores. Na realidade, o MP, no âmbito dos trâmites processuais, dirige a fase conciliatória, promovendo e fiscalizando um eventual acordo entre as partes envolvidas, ao serviço da legalidade e, pois, na qualidade de órgão de justiça. Só nos casos em que não se tenha alcançado consenso e o processo tenha que prosseguir para a fase contenciosa, o MP assumirá então o patrocínio do sinistrado e dos seus familiares, isto é, a defesa judiciária dos seus interesses e direitos. Mas tal não impede, que os sinistrados e seus familiares optem, igualmente, pelas demais alternativas que têm ao seu alcance: o patrocínio judiciário através de advogado constituído ou um patrono (advogado) nomeado ao abrigo do regime do apoio judiciário.

Por outro lado, o sistema português ao instituir o (seu) FAT, como organismo que subsidiariamente deverá garantir as prestações devidas aos sinistrados e seus familiares, nos casos de “impossibilidade” de cumprimento da entidade empregadora ou/e da seguradora, limitou o campo da sua ação a certas situações tipificadas, ficando ainda tal ação fortemente dependente de decisões judiciárias e de despachos dos respetivos juízes.

Tal conceção normativa, da ação subsidiária a exercer pelo poder público, contribui para a formação de longos hiatos de tempo em que os interessados acabam por não usufruir de nenhuma proteção financeira. Além disso, o FAT português, contrariamente ao que se passa em instituições similares de outros países europeus, não exerce nenhuma função de apoio jurídico e de apoio social junto dos sinistrados e dos seus familiares.

Ora, estas particularidades, e outras que não são aqui apontadas, caracterizam o modelo português como muito pouco protetor, reforçando, assim, as assimetrias intrínsecas à relação salarial e as vulnerabilidades sociais, visíveis e invisíveis, a ela associadas, e, em especial, os processos de desestruturação vivenciados pelos trabalhadores em tais situações, tantas vezes dramáticas.

O sistema adotado pelo Estado português, relativamente à reparação no caso de acidentes de trabalho, parece-nos ser um dos mais frágeis e precário em vigor nos países da União Europeia. Daí que tenhamos já programado completar a análise desse assunto em próximos números da *Laboreal*.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Pinto, J. (2017). Impactos do acidente sobre a vida profissional: rendimentos, emprego e relações de trabalho. *Le Monde Diplomatique – Edição Portuguesa*, n.º 127, pp. 4-5 (Dossier O acidente de trabalho não é o fim da história).

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO?

Lacomblez, M. & Leitão, A. R. (2018). O regresso ao emprego após um acidente de trabalho: apresentação do dossier. *Laboreal*, 14(1), 9-12. <http://dx.doi.org/10.15667/laborealxiv0118ml>

PESQUISA EMPÍRICA

OS SINISTRADOS NO TRABALHO E O DIREITO À REPARAÇÃO: PERCURSOS PÓS-SINISTRO DE CONTACTO COM AS INSTITUIÇÕES.

VANESSA RODRIGUES

Instituto de Sociologia da
Universidade do Porto
Faculdade de Letras
Universidade do Porto
Via Panorâmica Edgar Cardoso
4150-564 Porto, Portugal
vanessa.m.c.rodrigues@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE

Acidentes de trabalho;
Percurso pós-sinistro;
Reparação legal;
Contactos com as Instituições.

RESUMO

O presente texto procura dar destaque à dimensão institucional como componente de análise no âmbito do projeto “Regresso ao trabalho após acidente: superar obstáculos”, da Associação Nacional de Deficientes Sinistrados no Trabalho (ANDST). Através da leitura cruzada de documentos jurídicos e administrativos, doutrina jurídica, dados do inquérito por questionário e dos testemunhos recolhidos em entrevista e compilados em mapas de percurso, procurou-se sistematizar os principais momentos que constituem um percurso pós-sinistro, reconstituindo não apenas o guião do percurso institucional de reparação, mas articulando-o com as representações dos sinistrados e com os obstáculos com que se deparam.

PALABRAS-CLAVE

Accidentes laborales;
Trayectos post-accidente;
Reparación legal;
Contactos con las Instituciones.

RESUMEN

LOS SINIESTRADOS EN EL TRABAJO Y EL DERECHO A LA REPARACIÓN: TRAYECTOS POST-ACCIDENTE AL CONTACTO CON LAS INSTITUCIONES.

Este texto intenta subrayar la dimensión institucional como componente del análisis central en el marco del proyecto “Regreso al trabajo tras accidente: superar obstáculos”, de la Associação Nacional de Deficientes Sinistrados no Trabalho (ANDST). A través de la lectura cruzada de documentos jurídicos y administrativos, de la doctrina jurídica, de datos de la encuesta por cuestionario y de los testimonios recogidos en entrevista y compilados en mapas de trayecto se procuró sistematizar los principales momentos que constituyen un trayecto post-accidente, reconstituyendo no sólo la guía de trayecto institucional de reparación, sino también las representaciones de las personas accidentadas y los obstáculos a los que se enfrentan.

Manuscrito recebido em:
janeiro/2018
Aceite após peritagem:
março/2018

MOTS CLÉS

Accidents de travail;
Parcours post-accident;
Réparation légale;
Contacts avec les Institutions.

RÉSUMÉ

**LES VICTIMES D'ACCIDENTS DE TRAVAIL ET LE DROIT
À LA RÉPARATION: PARCOURS POST-SINISTRE AU
CONTACT DES INSTITUTIONS.**

L'article veut souligner la dimension institutionnelle en tant que composante de l'analyse menée à la suite du projet «Retour au travail après un accident: surmonter les obstacles» de l'Association Nationale des Personnes Handicapées par un Accident de Travail (Associação Nacional de Sinistrados no Trabalho - ANDST). Grâce à une lecture croisée de documents juridiques et administratifs, de la doctrine juridique, des données d'une enquête par questionnaire et de témoignages recueillis par la voie d'entretiens, et convertis ensuite en cartes de parcours, nous avons systématisé les principales étapes du parcours post-accident. Cela a permis non seulement de reconstituer le parcours institutionnel de la réparation, mais également de l'articuler avec les représentations des accidentés et les obstacles que ceux-ci rencontrent.

KEYWORDS

Accidents at work;
Post-accident pathways;
Legal repair;
Contacts with Institutions.

ABSTRACT

**THE INJURED AT WORK AND THE RIGHT TO
REPARATION: THE INSTITUTIONAL CONTACTS AFTER
THE ACCIDENT.**

The present paper seeks to highlight the institutional dimension of the analysis that was developed within the research project "Return to Work after an Accident: Overcoming Obstacles", promoted by the Associação Nacional de Deficientes Sinistrados no Trabalho (ANDST). Combining the cross-reading of legal and administrative documents, legal doctrine, data from a survey by questionnaire, and the testimonies collected through interviews and compiled on journey maps, this paper tries to analytically reconstruct the main moments that constitute a post-sinister path. Thereto it describes the contacts in the institutional approach to reparation, and articulates it with the representations of the victims about their personal cases and the obstacles they have faced.

1. INTRODUÇÃO

O projeto “Regresso ao trabalho após acidente: superar obstáculos” ^[1], que decorreu entre 2016 e 2017, teve como principal objetivo o aprofundamento do conhecimento existente sobre as etapas biográficas subsequentes à ocorrência de um acidente de trabalho. A face mais visível deste fenómeno é constituída, sem dúvida, pelos acidentes de trabalho mortais, objeto de regular atenção pública e mediática. Os acidentes de trabalho não mortais, por sua vez, não obstante serem mais frequentes, tendem a caracterizar-se pela sua invisibilidade, a qual contribui para uma menor relevância dada à complexidade inerente às respetivas consequências e às vicissitudes do sistema legal de proteção. Neste âmbito, a dimensão institucional associada aos percursos pós-sinistro constituiu-se como elemento de análise e foi explorada no sentido da compreensão do modo como os sinistrados no trabalho se relacionam com o dispositivo legal e institucional previsto formalmente para a efetivação do direito à reparação. Esta dimensão foi introduzida no principal instrumento de recolha de informação deste projeto, o inquérito por questionário, cuja conceção e aplicação a 366 sócios e ex-sócios da ANDST foi antecedida pela realização de dez entrevistas aprofundadas pela e reconstituição das experiências dos sinistrados através da elaboração de dez mapas de percurso ^[2]. As entrevistas incidiram sobre três grandes grupos de questões: a caracterização socioprofissional, o acidente de trabalho e o percurso pós-sinistro. Em relação ao terceiro, aqui em análise, a abordagem dividiu-se na exploração de aspetos relativos aos contactos institucionais, por um lado, e aos contactos informais, por outro (respeitando o registo, para cada momento de contacto, das atividades, dos canais e interfaces, dos facilitadores e obstáculos encontrados, dos sentimentos experienciados, de sugestões de melhoria). Por sua vez, em traços gerais, o inquérito por questionário contempla a caracterização sociodemográfica e profissional, as circunstâncias e consequências do acidente de trabalho (ao nível laboral, da reparação legal, da saúde da imagem de si e relação com os outros) e o balanço do impacto do acidente na vida pessoal, familiar e social dos indivíduos.

O presente texto, após percorrer brevemente algumas referências teóricas que incidem a sua análise na relação dos indivíduos com as instâncias administrativas e burocráticas do Estado, fará uma incursão sintética no quadro regulatório em vigor dirigido aos acidentes de trabalho - particularmente sobre o conceito de acidente de trabalho, a responsabilidade, o risco e o dano -, para, posteriormente, tecer algumas considerações sobre as vicissitudes do mesmo e, à luz do material empírico recolhido, finalmente, refletir acerca dos percursos pós-sinistro vivenciados pelas vítimas de acidente de trabalho.

2. OS PERCURSOS DA RELAÇÃO DOS INDIVÍDUOS COM AS INSTITUIÇÕES: ALGUMAS REFERÊNCIAS TEÓRICAS

Vários estudos a nível internacional vêm alertando, há várias décadas, para a dissociação entre, por um lado, os atos normativos e a sua fundamentação, as estruturas administrativas e as decisões políticas e, por outro, as práticas adotadas no quotidiano institucional (Crozier, 1964; Pressman & Wildavski, 1973; Lipsky, 1980; entre outros).

Michael Lipsky, sociólogo norte-americano que rompe com as teorias clássicas da sociologia das instituições, apela, na sua obra *Street-level Bureaucracy. Dilemmas of the Individual in Public Services* (1980), para a importância da compreensão daquilo que separa as políticas públicas - no seu estado estático - como instrumentos regulativos da forma como os burocratas as acionam junto dos utentes que as experienciam nos serviços das instituições - de forma contextualizada e processual, interativa, relacional. É neste encontro de papéis que, segundo o autor, se pode chegar de forma mais objetiva ao entendimento do que são essas mesmas políticas públicas, sendo que o desenrolar do processo administrativo de aplicação das normas na linha da frente não pode ser ignorado se quisermos compreender os verdadeiros impactos das políticas públicas.

O interesse analítico por esta matéria tem vindo a ser reforçado mais recentemente, nomeadamente em França, por autores como Vincent Dubois, em *La vie au guichet: relation administrative et traitement de la misère* (1999) e Yasmine Siblot, em *Faire valoir ses droits au quotidien. Les services publics dans les quartiers populaires* (2006). Através de aproximações etnográficas à realidade das instituições públicas, estes autores centram-se no exame dos encontros quotidianos que entre aquelas e os indivíduos que as procuram acontecem, para desse exame retirar ilações sociológicas relevantes sobre o panorama geral da relação entre Estado e cidadãos.

De acordo com Dubois (1999), que estudou os encontros quotidianos entre instituições do Estado Social e os respetivos utentes, dimensões como o controlo burocrático, a distância social, os processos de negociação (no caso de existirem), a dominação simbólica, entre outras, são de incidência analítica indispensável quando procuramos analisar os atendimentos administrativos e jurídicos, administrados precisamente por burocratas do Estado. Os indivíduos são colocados perante uma instituição que tem no seu poder a potencial resolução do problema que vivem, nomeadamente o poder de decidir questões relativas à distribuição dos recursos do Estado Social, e experienciam encontros caracterizados por uma opacidade administrativa, a existência de requisitos de conhecimento e de domínio de linguagem técnica.

Yasmine Siblot, investigadora que em França se debruçou sobre a relação das classes populares com os serviços públicos, revela que esta experiência de contacto com a burocracia do Estado não

precisa de ser necessariamente - nem será, seguramente, em grande número de casos - uma relação estrita de dominação do "aparado estatal" (por via direta ou indireta) sobre aqueles que com ele interagem, uma relação que, portanto, nestes termos, seria necessariamente geradora de atrito, desinteligência e equívoco, traduzida ora em silêncio resignado, ora em revolta potencialmente geradora de dissensão. Na verdade, estamos perante formas de relação muito variadas, a cujas configurações e resultados não são alheias quer as formas como as instituições se organizam e apresentam na interação quotidiana com os seus utentes, quer os sistemas de disposições que confluem nos encontros mencionados, os capitais e as trajetórias prévias que lhes subjazem, as estratégias e as táticas mobilizadas pelas partes. Tratando-se, como é o caso, de instituições que acolhem utentes com origens, disposições, circunstâncias e trajetórias muito diversas - a realidade dos sinistros laborais apresenta padrões passíveis de identificação e explicação, mas não deixa de ser ampla e diversa -, ganha relevância o estudo dos encontros onde essa relação quotidianamente se concretiza, pois é neles e através deles que se constroem espaços de manobra ou, pelo contrário, se fecham oportunidades àquela afirmação de posições e efetivação de direitos.

3. NOTAS SOBRE O RISCO, O DANO E A RESPONSABILIDADE NA LEGISLAÇÃO PORTUGUESA

Em Portugal, durante o Século XIX, a única via que as vítimas de acidentes de trabalho tinham para eventualmente receber uma indemnização era a de tentar provar em tribunal a responsabilidade do empregador na ocorrência do desastre ^[3], o que na prática se revelava quase impossível. Foi apenas a partir de 1913 ^[4] que a responsabilidade passou a ser objetivamente atribuída ao empregador, primeiro assente na doutrina do risco profissional e, a partir de 1936 até aos dias de hoje, na do risco económico ou de autoridade ^[5], transferível para entidades seguradoras. As leis dos acidentes de trabalho foram, ao longo dos tempos, assumindo um leque mais vasto de concepções de risco, extravasando claramente a zona de riscos derivada da atividade laboral e abrangendo situações de risco geral, em que a entidade patronal deverá contribuir para uma vida digna do trabalhador, enquanto que este último contribuiu para a atividade do empregador.

Atualmente a transferência da responsabilidade para as seguradoras por parte dos empregadores é imperativa, sendo estas as entidades que atuam, em princípio, desde o início numa situação de acidente de trabalho. Este sistema de responsabilidade privada ^[6] - com introdução de uma entidade estranha à realidade laboral e às políticas sociais - não é dominante nos ordenamentos jurídicos europeus, onde a reparação dos acidentes de trabalho tende a assentar largamente num sistema de segurança social. Não foi apenas ao nível associativo e político que se observou

contestação relativamente ao regime de responsabilidade na reparação dos acidentes de trabalho. Verifica-se na doutrina jurídica um vasto número de reflexões acerca desta matéria, que denunciam a inadequação deste sistema de responsabilidade, defendendo que um sistema de segurança social garantiria uma maior proteção ao trabalhador (Leitão, 2001). A responsabilização de particulares por um risco que é, na verdade, coletivo, social, deveria, segundo o autor, dar lugar a um esquema de seguro social a cargo da coletividade.

A Lei n.º 98/2009, atualmente em vigor, regulamenta o regime de reparação ^[7] de acidentes de trabalho e de doenças profissionais ^[8], incluindo a reabilitação e a reintegração profissionais, cujos princípios estão consagrados no Código do Trabalho de 2009. No que diz respeito ao conceito de acidente de trabalho, é possível identificar, através da definição do mesmo presente nesta Lei, os requisitos necessários para que um acidente seja enquadrado neste âmbito. Cumulativamente, i) é necessária a identificação de um acidente ii) que ocorra no local de trabalho, iii) no tempo de trabalho, iv) do qual resulte um dano, isto é, "produz direta ou indiretamente lesão corporal, perturbação funcional ou doença, de que resulta redução na capacidade de trabalho ou de ganho ou a morte", v) sendo que deverá existir um nexo causal entre este último e o acidente ^[9].

O núcleo essencial do conceito de dano prende-se com os casos em que há uma incapacidade ou nos casos de morte, ou seja, quando há um dano indemnizável, sendo que estamos perante uma tutela do direito à integridade económica ou produtiva do trabalhador - isto é, em que medida a sua capacidade de ganho para o seu trabalho habitual ou para qualquer outro trabalho foi afetada pela lesão. Esta "conceção produtivista do trabalhador, que esgota a sua identidade na sua força de trabalho e o seu corpo na sua função instrumental" (Santos, Gomes & Ribeiro, 2012: 232), separa o trabalhador do cidadão ao não contemplar a reparação de danos morais e psicológicos, ao nível sexual, estético, de afirmação pessoal e outros não patrimoniais, impossibilitando a satisfação de todos os interesses lesados na vida da vítima (Alegre, 2001). Para além disso, o facto de na base da reparação de uma perda de capacidade de ganho estar o critério salarial ^[10] gera assimetrias evidentes e coloca os trabalhadores dos setores mais expostos aos riscos, que, por norma, auferem rendimentos mais baixos, perante uma potencial indemnização muito aquém dos prejuízos que efetivamente foram sofridos (Santos, Gomes & Ribeiro, 2012). No quadro regulatório atual, os danos são "reparados tendo em conta o «valor económico» da vítima, o que gera grandes injustiças sociais" (Magalhães & Antunes, 2012: 286).

Por sua vez, a relação entre o acidente e a lesão é feita através do nexo de causalidade, o qual nem sempre é imediatamente identificado e é necessário fazer-se prova do mesmo, quando sobre este se colocam dúvidas. Ramalho (2006, p.739) chama a atenção para a complexidade do "estabelecimento de nexo de causalida-

de entre o sinistro e as suas consequências”, entre a acidente e o dano físico ou psíquico, e esse dano e o dano laboral (redução ou exclusão da capacidade de trabalho), sendo que a falta de qualquer destes elementos exclui o dever de reparação.

4. OS PERCURSOS PÓS-SINISTRO: PARA ALÉM DO GUIÃO DE REPARAÇÃO INSTITUCIONAL

4.1. Os contactos com o sistema de reparação em síntese

Para se tornar possível a aproximação compreensiva do que, na prática, decorre dos instrumentos legais – a sua materialidade – procurou-se levar a cabo uma análise que não se esgotasse naquilo que é objetivo (legislação e regulação de procedimentos e processos judiciais), mas que procurou relevar igualmente os elementos subjetivos e aquilo que surge sob a forma de “imprevisto”. Assim, e após a identificação da rede institucional, dos normativos jurídicos e dos procedimentos prescritos pelo Código de Processo de Trabalho (CPT) para a efetivação de direitos resultantes de acidente de trabalho no sentido de delinear o percurso legal que serve de orientação para as ações de todos os protagonistas envolvidos no processo, ainda numa fase exploratória, procurou-se, no presente estudo, chegar a esse nível de análise através da realização de entrevistas e da construção de mapas de percurso. Este instrumento permitiu registar não só os momentos de contacto institucional legalmente previstos (nomeadamente com o empregador, as seguradoras e o Tribunal do Trabalho), mas também, e porque o percurso pós-sinistro não se esgota nestes, os contactos (formais e até informais) que são ativados em paralelo, por se revelarem necessários e, por vezes, até decisivos. Sendo a análise aqui levada a cabo dirigida aos momentos de contacto dos indivíduos com as instituições, apresentam-se de seguida, sem pretensão de esgotar os elementos de relevo presentes em ambos os documentos, os procedimentos de cariz obrigatório descritos no CPT e na Lei n.º 98/2009, que implicam momentos de contacto entre as vítimas de um acidente de trabalho não mortal e as instituições num percurso pós-sinistro.

Após a ocorrência do acidente, os sinistrados são assistidos no local onde o mesmo sucedeu e, nos casos que constituam urgência médica, devem ser transportados para o hospital, onde eventualmente podem ter que ficar internados. Caso o empregador não tenha presenciado ou não tenha tido conhecimento do acidente, o sinistrado deve fazer a respetiva participação. Por sua vez, a comunicação da ocorrência do acidente à seguradora constitui um dever do empregador. No caso de não ter procedido à transferência (obrigatória) da responsabilidade a uma seguradora, o empregador deve comunicar a ocorrência ao tribunal competente. Uma vez recebido o sinistrado, a seguradora deve prestar todos os tratamentos necessários à recuperação da lesão do sinistrado (nestes contactos se incluindo consultas de acompanhamento,

avaliações de danos corporais/definição de incapacidades temporárias ou permanentes/atribuição do boletim de alta médica). Sob a alçada da seguradora, o sinistrado poderá receber a indicação de que deve regressar ao trabalho, com alta com ou sem desvalorização decorrente de uma incapacidade temporária, e, no caso duma cura clínica a 100%, sem qualquer tipo de incapacidade (eventualmente após períodos com desvalorização), não é obrigatória a participação ao Tribunal do Trabalho por parte da seguradora (é facultativa para o sinistrado, se dela discordar^[11]). Perante uma sucessão de incapacidades temporárias que ultrapassem 12 meses, ou a identificação de uma incapacidade permanente, a participação pela seguradora ao Tribunal do Trabalho é obrigatória, altura em que esta deve comunicar o grau de incapacidade permanente decorrente da sua avaliação de dano corporal. O processo em tribunal responderá a uma estrutura bifásica, sendo a primeira fase, e de realização obrigatória, a conciliatória, dirigida pelo Ministério Público (MP)^[12]. Este momento processual tem como finalidade a resolução amigável e conforme à lei, e implica três atos processuais: a instrução preliminar, a perícia médica suscitada pelo MP e levada a cabo pelo médico perito do Instituto Nacional de Medicina Legal (INML) e, por fim, a tentativa de conciliação. Se houver acordo entre as partes sobre os elementos em questão, e se o acordo for homologado pelo juiz, o processo termina. Caso não haja anuência, inicia-se a fase contenciosa, e se a ausência de consensos se referir, por exemplo, à incapacidade^[13], será convocada a Junta Médica. Esta é constituída por três peritos médicos, em representação do tribunal (nomeados pelo INML), do sinistrado (um médico da sua escolha ou um nomeado oficiosamente pelo tribunal), e da seguradora. Presidida por um juiz, esta fase termina com a sua decisão face aos elementos apresentados e defendidos pelas partes. Serão apresentados, de seguida, alguns dos elementos ilustrativos dos percursos pós-sinistro, recolhidos da análise das entrevistas, dos mapas de percurso e do inquérito por questionário do projeto “Regresso ao trabalho após acidente: superar obstáculos”.

4.2. O acidente e os impactos na esfera laboral

A ocorrência do acidente de trabalho pode significar, em si, um acontecimento traumático na vida dos trabalhadores, cujos efeitos se tornam visíveis não só na forma como estes encaram o trabalho, mas também no modo como veem a vida em geral. O medo das consequências que o acidente de trabalho pode trazer para a capacidade de trabalho, ou até para a potencial empregabilidade futura do trabalhador, é transversal nos discursos dos entrevistados.

Verificou-se que, ainda que configure um cenário menos comum no seio das entrevistas realizadas a sócios e ex-sócios da AN-DST, nem sempre a participação do acidente de trabalho ocorre de forma automática, sem resistências e obstáculos. O empregador, seja face ao desconhecimento em relação às normas acima

descritas, ou à resistência em assumir que determinada ocorrência corresponde a um efetivo acidente de trabalho, nem sempre agiliza o processo com a devida urgência que o problema exige. A resolução deste impasse logo no arranque do sistema de reparação pode ter que passar por diligências levadas a cabo pelos sinistrados^[14], nomeadamente por aconselhamento legal e comunicações escritas a ambas as entidades – empregador e seguradora –, no sentido de se garantir o direito a tratamentos médicos. Na ausência da iniciativa do trabalhador em repor o sentido correto do início do percurso pós-sinistro, o acidente de trabalho não chega, na verdade oficial, a sê-lo, e com ele qualquer possibilidade de reparação médica a cargo das entidades responsáveis e a possibilidade de vir a ter direito a uma pensão resultante de um dano permanente. Segundo os testemunhos de elementos da ANDST estes casos são seguramente muitos e, por escaparem à tutela prevista do Estado e das entidades responsáveis, invisíveis. Este facto constitui um primeiro exemplo de como, tanto a postura imediata de apoio do empregador perante o trabalhador, como um eventual processo de responsabilização e acompanhamento durante todo o processo, são descritos pelos entrevistados como determinantes para um percurso pós-sinistro vivido.

A centralidade dos discursos sobre os percursos reside no processo de retorno ao trabalho. E ainda que a maioria dos entrevistados viva esse regresso, este não significa, muitas vezes, que se vá encontrar no universo laboral um cenário igual àquele que se deixou quando se iniciou o percurso pós-sinistro, como se o momento anterior ao acidente tivesse ficado à espera, congelado, pelo regresso do trabalhador. Quando a capacidade do trabalhador para o desempenho das funções deixa de ser a mesma – e não há da parte do empregador intenção de adaptar o posto de trabalho, questão que, de resto, está prevista na legislação em vigor –, o regresso ao trabalho pode constituir um processo muito doloroso para o trabalhador e acabar mesmo por resultar em despedimento:

“(...) eu entro para aqui em condições, passado um mês tenho acidente, vêm-me dizer que a máquina onde me aleijei já está nova, alterada com proteção, e passado uma semana [depois de dar formação a outra pessoa para a função] mandam-me embora: «nós não temos mais trabalho para si» (...) E agora sem saber se vou arranjar emprego... assim com a mão...”. (Serralheiro, 48 anos, lesão na mão)

Um dos principais impactos do acidente na esfera laboral verifica-se no rendimento mensal dos sinistrados, tanto em termos de quantidade, quanto de modalidade. Conforme assinala Madsen Pinto (2017, p.5), “Dada a simples passagem do tempo de recuperação física dos sinistrados, a que acrescem dificuldades de relacionamento com a malha jurídico-institucional prevista para reparar as consequências do acidente, traz consigo um forte potencial de desactivação, a adaptação à nova condição

faz-se sob a ameaça de uma efetiva erosão de direitos e rendimentos”. De acordo com os dados recolhidos no projeto da ANDST, antes da ocorrência do acidente de trabalho, a principal fonte de rendimento dos sinistrados era, para 82%, o salário. Após o acidente, essa percentagem desce para 46,4. Por sua vez, entre estes dois períodos considerados, observa-se um aumento da percentagem de sinistrados que vivem principalmente de prestações sociais (2,5 para 25,1%), significando uma “transição forçada da condição de assalariado para a de beneficiário” (Pinto, 2017, p.5). E mesmo para aqueles que conservam o emprego, verifica-se não só uma diminuição dos complementos remuneratórios, como uma tendência para a precarização do estatuto socioprofissional^[15], condições que concorrem para um processo gradual de deterioração do nível de vida que os trabalhadores viviam antes da ocorrência do sinistro.

Muitos outros elementos fazem parte do universo de impactos que um sinistro laboral transporta consigo para as mais diversas dimensões da vida dos trabalhadores. E ainda que um exercício mais completo a este nível não seja aqui exequível, é de todo pertinente sublinhar os elementos de síntese que Pinto (2017, p.4 e p.5) dirige ao conjunto de efeitos decorrentes deste flagelo: a existência de uma “dupla precarização da condição profissional”, que decorre da análise da relação com o trabalho e da relação com o emprego; e a existência de processos de “restruturação identitária” decorrentes da vivência de um percurso pós-sinistro que implica, não raras vezes, uma dramática descontinuidade na vida profissional e, por extensão, nas restantes dimensões de existência das vítimas, sendo esta uma “ilustração particularmente expressiva, pela negativa, da centralidade social das relações de trabalho”:

“Também há a parte que não tem a ver com o dinheiro. Interiormente, uma pessoa sente-se mais diminuída, eu não andava assim, percebe? Eu não tinha as limitações que tenho hoje, não mancava, conseguia andar direito, não tinha que descansar, e isso afeta-nos também. (...) e já não basta o facto de uma pessoa estar parada, estar obrigada a estar em casa, uma pessoa fica mais isolada (...) uma pessoa fica completamente sozinha. Houve muita coisa na minha vida que modificou. (...). Antigamente uma pessoa estava habituada a levantar, tomar banho, vestir e ir trabalhar... agora acabou. (...) Adoro praia, fui criado praticamente na praia, e agora não consigo andar na areia. São coisas que marcam, que realmente marcam bastante, mas tenta-se não pensar nisso (...). Enquanto uma pessoa trabalha tem qualidade de vida, mantemos o nosso estatuto social... acontece uma coisa destas e isso deixa de acontecer. Já tenho reparado em algumas situações e antes quase que nem estava atento a esse tipo de situações, há pessoas que perdem isso tudo. E isso o que é que provoca em mim? Provoca-me receio, ansiedade”. (Chefe de cozinha, 52 anos, lesão na coluna e na perna)

4.3. O contacto com a seguradora

A relação estabelecida no contacto direto com os médicos das seguradoras, e apesar das circunstâncias negativas associadas a uma ocorrência deste tipo, pode constituir uma experiência positiva. É assim reportada para uma parte, ainda que reduzida, dos entrevistados, que destacam, por um lado, o relacionamento interpessoal com o médico assistente, caracterizado por uma postura de proximidade, com abertura ao diálogo e, por outro, a componente clínica em geral (acompanhamento, tratamentos, medicação). Por sua vez, uma avaliação negativa da relação com as seguradoras está associada a vários fatores que, em muitos casos, se conjugam cumulativamente. Um dos fatores largamente destacado prende-se com a discursividade empregue pelos médicos, que parece evidenciar uma intencionalidade na manutenção não só de uma distância interpessoal, como também de uma distinção de ordem técnica e linguística. Adicionalmente, nestes momentos de contacto, o diagnóstico – que condicionará o acompanhamento que se lhe segue – pode constituir igualmente um momento de grande tensão. A este momento de receção do indivíduo na instituição é associada imprecisão em relação à avaliação inicial, que é várias vezes relatada como sendo um sério obstáculo à reabilitação física e até à reparação legal (no que diz respeito à atribuição de uma pensão decorrente da definição de uma incapacidade). Muitas vezes, nestas situações, verifica-se a sugestão, por parte do médico, de que a lesão se reporta não ao acidente de trabalho, mas a um problema de saúde pré-existente, a uma doença natural, ou até à idade avançada do sinistrado:

“A sensação que eu tenho é que és velhinha, vais para casa, tens uma reforma da banca, e vai-te embora. Portanto, eu estou a ser avaliada dessa forma. (...) Estou a trabalhar na loja de decoração e estou a receber uma reforma, mas não interessa, não interessa. Um acidente é um acidente e a empresa paga precisamente para cobrir estas coisas. Não é pelo facto de eu já ser uma pessoa de idade e já ter uma reforma. (...) Fiquei um bocado, não vou agora dramatizar, é assim, mas confesso que não gostei de ser tratada pela companhia de seguros, muito menos por um médico da forma como fui. Fiquei muito desagradada, é como lhe digo, na altura manifestei-me, deitei cá para fora aquilo que sentia. Estou velha, estou reformada, vai para casa, não vale a pena investir em ti. Foi isso que senti”. (Vendedora numa loja de antiguidades, lesão na coluna, 69 anos)

A utilização de um discurso evasivo, a prescrição de medicação forte para atenuar os sintomas, a resistência na prescrição e exames para melhor diagnóstico caracterizam uma intervenção médica que, na perspectiva dos sinistrados, parece procurar evitar um diagnóstico apurado, que implicaria outro tipo de tratamentos e, consequentemente, mais custos para a seguradora. A

sensação de impotência perante a discrepância entre as decisões médicas e o problema de saúde que se faz sentir (onde se crê que haja imprecisão no diagnóstico e pouca importância dada a determinados sintomas), introduz, nalguns percursos, o recurso a médicos particulares. Isto constitui, na perspectiva dos sinistrados, a procura de uma figura imparcial que auxilie no processo de decifrar qual é, afinal, a condição médica real do sinistrado e os tratamentos possíveis para o caso concreto. Dos casos observados, nenhuma destas diligências, fosse no sentido da realização de uma intervenção cirúrgica, ou da continuidade de tratamentos interrompidos pela seguradora, resultou numa alteração da decisão já tomada por parte desta última. Não é apenas nesses contactos de recurso estabelecidos por iniciativa do sinistrado que são confirmadas, muitas vezes, lesões mais graves do que as identificadas na avaliação médica da seguradora, mas também no momento da perícia médica no INML.

O momento da alta clínica é um marco particularmente sensível do percurso pós-sinistro. Se, até então, a dúvida em relação à eficácia dos tratamentos, ao facto de se conseguir voltar a trabalhar ou não, já é evidente, no momento da alta clínica toda uma sensação de incerteza e dúvida se agudiza. Este é descrito como sendo uma consulta rápida feita por um “perito da seguradora”, caracterizada por diálogos curtos, dotados de poucos esclarecimentos, e em que se comunica o reconhecimento da existência de uma incapacidade parcial permanente – e consequente seguimento do processo para o tribunal do trabalho –, ou a avaliação de uma cura clínica a 100%. Em ambos os casos, é dada alta médica, o que implica que o trabalhador deve regressar às suas funções. Nos casos em que o trabalhador não se encontra em condições de saúde para retomar as suas funções, e enquanto o processo em tribunal não decide a natureza da incapacidade, o recurso ao médico de família torna-se incontornável, pois, sem uma baixa médica, o sinistrado começa a efetivamente faltar ao trabalho. Há, no entanto, quem regresse ao trabalho nessas condições e viva dificuldades relativas ao desempenho das funções, conforme foi exposto acima no ponto sobre os impactos decorrentes de um acidente de trabalho.

Por sua vez, nos casos em que a seguradora avalia uma cura clínica a 100%, portanto, sem qualquer tipo de incapacidade irremediável, a participação ao tribunal do trabalho, por não ser obrigatória para esta instituição, apenas ocorre quando o sinistrado dela discorda e tem conhecimento de que o pode fazer. Por falta de informação, muitos trabalhadores acabam por voltar ao trabalho com dores e limitações, sem recorrerem ao tribunal do trabalho para a procura da reparação legal na sequência do acidente de trabalho:

“Ele [médico avaliador da seguradora] deu-me alta sem incapacidade nenhuma. Eu até lhe falei do que o outro médico [assistente] me tinha dito [que me ia ser comunicada uma incapacidade], e ele disse-me: «Isso agora vai ficar

com um relógio, mas sabe, também é a idade, os nossos ossos vão-se desgastando», e deu-me capacidade a 100%. E pronto, eu lá fui, com muito esforço todos os dias e lá continuei a trabalhar. Enquanto eu andei na fisioterapia (...) andava lá uma senhora (...) que me perguntou: «Então, como é que está?». «Continuo com dores, mas olhe, que remédio, vou ficar com elas para toda a vida». «E você não recebeu nada nem foi ao Tribunal do Trabalho? (...) Tu tens direito». E eu: «Não, o outro médico [assistente] tinha dito que eu ia ficar com uma incapacidade, mas este [médico responsável pela alta] não me deu incapacidade nenhuma». E ela disse-me que tinha um ano para recorrer ao tribunal do trabalho. E faltavam muitos pouco dias!» (Auxiliar de ação direta, 61 anos, lesão nos membros superiores).

4.4. O contacto com o tribunal

Regra geral, o primeiro momento de contacto com o tribunal após a alta clínica dada pela seguradora é a perícia médica solicitada pelo MP e realizada no INML, da qual resultará um coeficiente de incapacidade permanente que será um dos elementos base a ser alvo de aceitação ou não tanto por parte do sinistrado como da seguradora. Este encontro é descrito, muitas vezes, como sendo de duração relativamente rápida, onde o sinistrado deve relatar a ocorrência do acidente de trabalho, os sintomas que se mantêm e as consequências para a sua saúde e capacidade de trabalho. Ainda que tenham sido reportadas pelos sinistrados posturas distantes e impessoais por parte dos peritos, aquilo que mais causa impacto nestes encontros é a constatação de um grau de incapacidade superior ao proposto pela seguradora, a qual reforça ainda mais a sensação de injustiça presente nos contactos com a seguradora.

A procura de acordo entre as partes é conduzida pelo MP durante a fase conciliatória. Contudo, segundo a quase totalidade dos entrevistados, a figura do procurador está ausente. Os testemunhos dos sinistrados revelam que é o funcionário do tribunal (muitas vezes o único funcionário do Estado em todo o processo com quem lidam, para além do perito do INML) a figura principal de mediação nesta fase.

Perante a inexistência de acordo entre as partes, iniciar-se-á a fase do contencioso que, em muitos casos, quando as divergências dizem respeito ao grau de incapacidade, começará pela realização de um exame por junta médica. A presença do juiz nessa diligência, apesar de estar previsto no CPT que deverá presidir à reunião de deliberação da junta, é raramente identificada pelos sinistrados. E à semelhança da experiência que já traziam das seguradoras, a distância, impessoalidade e frieza são elementos muitas vezes mencionados pelos sinistrados no contacto com o tribunal e com os respetivos intervenientes nas diligências.

Pelo facto de o acompanhamento por um médico particular num exame de junta médica implicar custos, que nem sempre podem

ser suportados pelos sinistrados, o mais comum é o tribunal nomear um médico que represente a vítima. O depoimento que se segue ilustra a opacidade e a tensão inscritas neste processo:

“Aqui há uma falta de informação muito grande, as pessoas que estão no tribunal não tratam as pessoas convenientemente, não dão informação. Quer dizer, de que é que nos serve o ministério público, se temos lá [junta médica] alguém, um médico a nos representar, quando não conseguimos levar ninguém, que nem sequer fala connosco? São incapazes de dizer assim: “Olhe, eu represento o ministério público e vou defendê-lo. Qual é a situação?”, ou dizer alguma coisa, mas não. Quer dizer, gasto eu uma pipa de massa em relatórios médicos para levar à junta médica e não têm valor nenhum, por aquilo que eu vejo. O trabalho que o doutor [nome do médico particular] fez, foi pelo cano abaixo (...). É claro que uma pessoa que está ali está um bocado menos à vontade, e por estar menos à vontade é também porque leva relatório complementares, para que nada falhe. Mas na ideia deles, os relatórios, aquilo é tudo uma mentira, como se estivéssemos a pagar para escreverem aquilo. Enfim. (...) Eles ficam lá dentro fechados, porque não permitem que uma pessoa ouça, temos que sair. Ao menos davam uma satisfação, mas isto passa-se tudo assim, uma pessoa entra, o que é que faz, mostro, vê, agora, não se preocupam, são objetivos, assertivos, mas não vão ver as limitações que uma pessoa tem, não se importam com nada disso. É assim, aquilo é uma bandalheira total”. (chefe de cozinha, 54 anos, lesão na coluna e na perna)

4.5. Outros contactos institucionais e informais da iniciativa do sinistrado

Através do material empírico recolhido nas entrevistas foi possível registar, para além dos momentos de contacto institucional legalmente previstos, e porque o percurso pós-sinistro não se esgota nestes, os contactos (formais e até informais) que são ativados em paralelo, por se revelarem necessários e, por vezes, até decisivos. Os dados obtidos através de inquérito por questionário do projeto da ANDST vão no mesmo sentido, ao indicarem uma tendência para a identificação de apoio por parte não (só) das entidades que fazem parte do guião institucional da reparação em caso de acidente de trabalho, mas principalmente daquelas às quais recorreram por iniciativa própria: destacam-se os «familiares, amigos e conhecidos» (49,8%) e a «ANDST ou outra associação» (36,9%); em sentido oposto, a entidade que mais se evidencia com uma avaliação negativa dos momentos de contacto é a seguradora (20,3%).

Perante obstáculos como a tentativa de desresponsabilização, ora da entidade patronal, ao resistir a participar o acidente à seguradora, ora da seguradora, ao resistir em reconhecer o nexo cau-

sal entre a lesão e o acidente (reportando, por exemplo, para uma doença natural ou para a idade avançada), os sinistrados procuram apoio na sua rede de conhecimentos, na ANDST, e junto de profissionais médicos fora da alçada das seguradoras (de família ou particulares). Por outro lado, há sinistrados que, ao não terem efetivamente condições de saúde para regressarem ao trabalho (apesar da alta clínica dada pela seguradora), solicitam apoio à ANDST (nomeadamente perante a recusa da entidade empregadora em aceitar o trabalhador de volta, ou em adaptar as funções às limitações do mesmo, ou ainda para a participação do acidente ao Tribunal do Trabalho), e ao médico de família (para obtenção de baixa médica através da Segurança Social). A preocupação em voltar a trabalhar é central nos discursos. Estes recursos, aos quais se podem juntar os advogados e o sindicato, vão no sentido, tantas vezes, de procurar garantir um desfecho justo, que não lhes parece ser possível quando dependem apenas de si mesmos.

5. REFLEXÕES FINAIS

A diversidade de pontos de partida é ampla. Para esta contribuem as características socioprofissionais, a idade, o género, a escolaridade, o percurso profissional, a profissão atual, a relação contratual, a exposição ao risco, etc., às quais se juntam as circunstâncias, consequências e limitações decorrentes do sinistro. Inicia-se, assim, um percurso de contacto com instituições que, na maioria dos casos, são estranhas aos indivíduos e que se regem por princípios e normas que estes desconhecem. O trajeto formal pós-sinistro está previamente traçado nos imperativos normativos, no entanto, os sinistrados percorrem-no não raras vezes quase às escuras, decifrando os meandros dos procedimentos conducentes à reparação legal por vias paralelas a este guião.

O sinistrado parece atravessar o seu percurso pós-sinistro, muito frequentemente, como um peão que vive processos de fragilização a vários níveis nesta trajetória de contactos com as instituições: fragilização física, desde logo, fragilização psicológica e identitária, vulnerabilidade perante o mercado de trabalho, ausência de conhecimento sobre o modo de funcionamento das instituições, e falta de um acompanhamento que possa, de certa forma, exercer controlo no processo de efetivação dos direitos referentes à reparação legal na sequência de um acidente de trabalho. Verifica-se a inexistência de uma instituição de tutela pública que atue, de forma sustentada, no sentido do acompanhamento de todo do processo (em certa medida, acontece, por exemplo, na Bélgica, com o Fundo de Acidentes de Trabalho). A desvantagem de partida do sinistrado é, desde logo, assinalada nos documentos jurídicos e processuais, ao sublinharem a relação assimétrica jurídico-laboral inerente à condição de trabalhador subordinado, que é, de resto, acentuada perante todas as fragilidades que um acidente de trabalho comporta. No entanto, a mediação prevista para o Estado no sentido de ajustar o equilíbrio no processo de

reparação em questão não parece ser tão consistente quanto seria de esperar. Conforme especificam Santos, Gomes e Ribeiro (2012, p. 242): “de um lado, o sinistrado com todas as fragilidades da sua circunstância social e pessoal; do outro, o poder de um grande grupo económico”, isto é, a seguradora. Verifica-se, também, o carácter contingente das formulações estruturais, que tendem a não ser independentes das ações individuais, tanto dos sinistrados, como dos representantes das instituições. A atuação não consistente do tribunal e das seguradoras, lida na distinção entre a descrição formal do seu papel e a prática quotidiana, é reveladora disso mesmo. O primeiro medeia a tentativa de conciliação e patrocina o sinistrado no processo judicial, responsabilidades que revelam a elevada importância do MP na garantia da efetivação de direitos do sinistrado. No entanto, são raros os testemunhos que os colocam presencialmente nessas situações, denunciando a existência dessa incongruência. Verifica-se, no mínimo, uma relativa demissão do tribunal na relação próxima com os sinistrados. Estas situações, onde não só as condições práticas da realização das diligências são afetadas, como também o são as condições simbólicas (Siblot, 2006), contribuem para a formação da visão que os indivíduos têm do Estado (Dubois, 2014). Esta situação de dependência estrutural do indivíduo em relação à máquina administrativa das instituições desemboca em encontros estruturalmente assimétricos (Lipsky, 1980).

O sinistrado poderá, eventualmente, tomar a iniciativa de procurar esclarecimentos sobre os seus direitos e pedir aconselhamento, por exemplo, a entidades como a Autoridade para as Condições do Trabalho, ao MP ou, eventualmente, consultar um advogado; no entanto, em muitos casos, não é nessas diligências individuais que se pode depositar o acompanhamento do sinistrado ao longo do seu percurso pós-sinistro, desde logo porque a efetivação de tais diligências está condicionada por diversos fatores, nomeadamente os que se relacionam com os capitais económicos e escolares dos indivíduos, a falta de informação prestada no que diz respeito a esta matéria, ou o distanciamento da população em relação ao tribunal e a outras instituições. Destaca-se, aqui, o papel da ANDST, ator satélite neste dispositivo, que parece estar a preencher uma lacuna séria existente num sistema legal de proteção social que parece deixar-se permear por elementos que contribuem para a reprodução das desigualdades sociais. De resto, não será demais lembrar que estes testemunhos se reportam apenas a sócios e ex-sócios da ANDST, que através desta beneficiaram de um acompanhamento relevante no seu percurso pós-sinistro, configurando-se frequentemente na reivindicação e garantia de direitos barrados noutras instâncias, e que estes representam uma pequena parte do universo de sinistrados em Portugal.

A classificação do acidente de trabalho como processo especial e urgente (conforme CPT) relaciona-se, entre outras coisas, com a constatação da assimetria da relação jurídico-laboral em que o trabalhador se encontra, recaindo o ónus da iniciativa processual

não sobre os sinistrados, que poderiam abdicar dos seus direitos perante constrangimentos de terceiros, mas nas entidades responsáveis (Monteiro, 2011). No entanto, este efetivo controlo – na ausência de diligências por iniciativa própria (ou denúncias feitas por terceiros) em fases anteriores – só se inicia com a comunicação ao Tribunal do Trabalho. E se na relação laboral o trabalhador é considerado juridicamente a figura mais fraca, numa situação de acidente de trabalho, o desequilíbrio entre o indivíduo e as instituições acentua-se perante todas as fragilidades que a mesma comporta. Uma das reflexões que Madureira Pinto (2017, p. 5) apresenta sobre esta matéria, ao procurar analisar a centralidade do trabalho e a fratura identitária provocada pelos acidentes de trabalho, incide precisamente sobre a forma como a desestruturação causada por estes parece não encontrar no âmbito institucional de reparação uma estrutura de suporte:

[A] rutura decorrente do acidente torna-se, aliás, tão mais violenta, quanto mais a separação face ao quadro técnico-organizacional do trabalho for prolongada, no processo de tentativa de reparação por via jurídico-administrativa dos prejuízos causados pelo acidente, por um relacionamento com a lei e com as instituições envolvidas (serviços do Estado, tribunais, seguradoras) recheado de atritos, dilações e opacidades. À familiaridade com o local de trabalho – nem sempre gratificante, mas previsível – sucede, abruptamente, a incerteza, vivida frequentemente como opressivo arbitrário institucional, de um labirinto de normas e procedimentos com o qual as vítimas do acidente têm de aprender a lidar, sob pena de serem objeto de uma segunda exclusão social.

A evolução do dispositivo legal do acesso à reparação da sequência de um acidente de trabalho não foi, por sua vez, permeável nem às tentativas de reformulação de fundo, nomeadamente em relação ao sistema de responsabilidade privado vigente, levadas a cabo no meio associativo, em particular pela ANDST, político e jurídico, nem aos exemplos da grande maioria dos restantes países europeus, que apostaram num esquema de seguro social a cargo da coletividade (em concorrência ou não com esquemas privados), que, de resto, já acontece em Portugal com o regime legal de reparação dirigido a doenças profissionais.

Entre a manutenção deste regime e a sua substituição pelo regime de responsabilidade social, parecem estar, frente a frente, limitações a diversos níveis. De um lado, os constrangimentos orçamentais da segurança social, a excessiva burocratização que revestiria o processo e a força exercida pelas seguradoras em sede legislativa. Do outro, a inexistência de uma instituição de tutela pública transversal a todo o processo (que acompanhe, de forma automática, todos os passos necessários à efetivação dos direitos, mesmo quando sob a alçada de uma instituição de domínio privado) e as vicissitudes da gestão isolada por parte das

seguradoras até à eventual participação ao Tribunal do Trabalho (continuando a interferir, a partir daí, por poder discordar da avaliação do INML e interferir na decisão em sede de exame por junta médica). Não assumindo que um sistema de reparação com base no sistema de segurança social corrigisse de forma automática muitos dos problemas que se registam no quadro atual, não pode deixar de se colocar em consideração, para além de todas as questões de subjetividade assentes numa avaliação de dano corporal, as fragilidades do sistema atual ^[16].

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alegre, C. (2001). *Regime Jurídico dos Acidentes de Trabalho e das Doenças Profissionais*. Coimbra: Almedina (2ª Ed.).
- Autoridade para as Condições do Trabalho (2017). *Promoção da Segurança e Saúde no Trabalho em 2016. Relatório de atividades apresentado à Assembleia da República*. DSPSST - Direção de Serviços para a Promoção da Segurança e Saúde no Trabalho (Coord.). Lisboa: ACT.
- Crozier, M. (1964). *Bureaucratic Phenomenon: an examination of bureaucracy in modern organizations and its cultural setting in France*. University of Chicago Press.
- Dubois, V. (1999). *La vie au guichet. Relation administrative et traitement de la misère*. Paris: Economica.
- Dubois, V. (2014). The State, Legal Rigor, and the Poor. The Daily Practice of Welfare Control. *Social Analysis*, 58 (3), 38-55.
- Goffman, E. (1983). The Interaction Order. *American Sociological Review*, 48, 1-17. <https://doi.org/10.2307/2095141>
- Leitão, L. (2001). A Reparação de danos emergentes de acidentes de trabalho. In Pedro Romano Martinez (Coord.). *Estudos do Instituto de Direito do Trabalho* (pp. 538-579). Coimbra: Almedina.
- Lipsky, M. (1980). *Street-level Bureaucracy. Dilemmas of the individual in public services*. New York: Russel Sage Foundation.
- Magalhães, T., & Antunes, I. (2012). Acidentes de trabalho. Avaliação médico-legal dos danos na pessoa. In H. V. Neto; J. Aresosa; P. Azeres (Eds.). *Impacto social dos acidentes de trabalho* (pp. 266-287). Vila do Conde: Civeri Publishing.
- Magalhães, T., Antunes, I., & Vieira, D. N. (2009). A avaliação do dano na pessoa no âmbito dos acidentes de trabalho e a nova tabela de incapacidades. *Prontuário de Direito do Trabalho – Centro de Estudos Judiciários*, 83, 147-170.
- Monteiro, J. (2011). Fase conciliatória do processo para a efetivação de direitos resultantes de acidente de trabalho: enquadramento e tramitação. *Prontuário de Direito do Trabalho – Centro de Estudos Judiciários*, 87, 124-135.
- Pinto, J. (1996). Contributos para uma análise dos acidentes de trabalho na construção civil. *Cadernos de Ciências Sociais*, 15-16, 86-119.

- Pinto, J. (2017). Impactos do acidente sobre a vida profissional: rendimentos, emprego e relações de trabalho. *Le Monde Diplomatique* – Edição Portuguesa, n.º 127, pp. 4-5 (Dossier *O acidente de trabalho não é o fim da história*).
- Pressman, J. L., & Wildavsky, A. (1973). *Implementation*. Berkeley: University of California Press.
- Ramalho, M. R. (2006). *Direito do Trabalho, Parte II – Situações Laborais Individuais*. Coimbra: Almedina.
- Ribeiro, V. (1984). *Acidentes de Trabalho: Reflexões e notas práticas*. Lisboa: Rei dos Livros.
- Santos, B. S., Gomes, C., & Ribeiro, T. (2012). Os acidentes de trabalho nos tribunais portugueses. In H. V. Neto; J. Areosa; P. Arezes (Eds.), *Impacto Social dos Acidentes de Trabalho* (pp. 228-264). Vila do Conde: Civeri Publishing.
- Siblot, Y. (2006). *Faire valoir ses droits au quotidien. Les services publics dans les quartiers populaires*. Paris: Presses de Sciences Po.
- Weber, M. (1968). *Economy and Society*. New York: Bedminster Press.
- Weller, J.-M. (1999). *L'état au guichet: sociologie cognitive du travail et modernisation administrative des services publics*. Paris: Desclée de Brouwer.
- [8] pensões, prestações e subsídios previstos na presente lei”. O n.º 2 do art.º 1.º instrui que as doenças profissionais sejam regidas pelas mesmas regras que norteiam os acidentes de trabalho, com as necessárias adaptações e, subsidiariamente, pelo regime geral da segurança social.
- [9] Art.º 8.º, n.º 1: “É acidente de trabalho aquele que se verifique no local e no tempo de trabalho e produza directa ou indirectamente lesão corporal, perturbação funcional ou doença de que resulte redução na capacidade de trabalho ou de ganho ou a morte”.
- [10] Ao contrário do que acontece, por exemplo, nos países anglo-saxónicos, em que a reparação é efetuada *in concreto* (Magalhães, Antunes & Vieira, 2009).
- [11] A lei confere igual faculdade de participação do acidente de trabalho ao tribunal ao sinistrado, directamente ou por interposta pessoa, aos familiares ou equiparados, a autoridades policiais ou administrativas que tenham tido conhecimento do mesmo, ao diretor do estabelecimento hospitalar, assistencial ou prisional onde tenha ocorrido o internamento, de forma a potenciar o exercício dos direitos fundamentais em questão.
- [12] Pode ler-se, no ponto 4 do preâmbulo do CPT: “Quanto ao processo especial emergente de acidente de trabalho e de doença profissional e respectivos incidentes, as modificações operadas destinam-se, em primeiro lugar, a regular com maior precisão e apuro técnico e de modo mais completo alguns aspectos da sua peculiar tramitação, nomeadamente quanto ao modo de exercício das funções do Ministério Público, a quem incumbe a direcção da fase conciliatória, e cuja omissão a experiência mostrou ser causadora de embaraços e bloqueios prejudiciais à rápida definição dos direitos e obrigações emergentes de sinistros do trabalho, área em que, mais do que em nenhuma outra, se torna urgente aquela definição, tanto mais que a lei impõe que ela se faça sempre pela via judicial, em homenagem aos valores de interesse e ordem pública envolvidos”.
- [13] A fixação da incapacidade constitui o primeiro grande motivo de conflito e que resulta na grande maioria das ações em fase contenciosa, facto que evidencia a forte preponderância dos coeficientes de incapacidade no processo de reparação do sinistrado (vd. Santos, Gomes & Ribeiro, 2012).
- [14] A lei confere igual faculdade de participação do acidente de trabalho ao tribunal ao sinistrado, directamente ou por interposta pessoa, aos familiares ou equiparados, a autoridades policiais ou administrativas que tenham tido conhecimento do mesmo, ao diretor do estabelecimento hospitalar, assistencial ou prisional onde tenha ocorrido o internamento, de forma a potenciar o exercício dos direitos fundamentais em questão.
- [15] Através da relação entre as posições hierárquicas anteriores e posteriores ao acidente de trabalho dos indivíduos

NOTAS

- [1] Projeto de investigação promovido pela ANDST e financiado pelo Instituto Nacional para a Reabilitação, I. P. (INR), que contou com uma equipa multidisciplinar de investigadores na área da sociologia e da psicologia.
- [2] Sobre a elaboração dos *mapas de percurso*, ver, neste número, Pereira e Rodrigues, “A reconstituição de experiências após um acidente de trabalho: mapas de percurso como instrumento de análise”.
- [3] Artigo 2398.º do Código Civil de 1867.
- [4] Lei n.º 83, de 24 de julho de 1913.
- [5] Lei n.º 1942, de 17 de julho de 1936.
- [6] Os sistemas de responsabilidade de reparação de danos emergentes de acidentes de trabalho podem agrupar-se em três grandes grupos: sistemas de responsabilidade privada; sistemas de responsabilidade social e sistemas mistos (Ribeiro, 1984).
- [7] Art. 23.º: “O direito à reparação compreende as seguintes prestações: a) Em espécie — prestações de natureza médica, cirúrgica, farmacêutica, hospitalar e quaisquer outras, seja qual for a sua forma, desde que necessárias e adequadas ao restabelecimento do estado de saúde e da capacidade de trabalho ou de ganho do sinistrado e à sua recuperação para a vida activa; b) Em dinheiro — indemnizações,

que responderam ao inquérito por questionário, pode recolher-se pistas concretas sobre os processos de desqualificação: dos 16 indivíduos com cargos de direção e gerência, apenas 8 os conservaram, um passou a encarregado geral, outro a trabalhador com autonomia, sem lugar de chefia; dos 21 indivíduos com carga de chefia direta/primeira chefia, apenas 9 mantiveram essa posição após ao acidente de trabalho, sendo que 2 deles passaram a executantes e 1 a trabalhador com autonomia, sem lugar de chefia. A par destes processos de mudança negativa, somam-se as situações de desemprego, situações de invalidez, de reforma antecipada e de incapacidade para trabalhar.

- [16] Dando continuidade à temática no seguimento da participação neste projeto, e no âmbito da dissertação de mestrado, desenvolvi uma investigação que problematiza sociologicamente as relações entre os indivíduos e as instituições, com um enfoque nas interações que decorrem nos encontros dos percursos pós-sinistro, cruzando os modos de funcionamento das instituições e o modo como a ordem social se produz e reproduz em contextos de interação dos indivíduos com as estruturas institucionais, a qual será, oportunamente, alvo de publicação de reflexões e resultados.

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO?

Rodrigues, V. (2018). Os sinistrados no trabalho e o direito à reparação: percursos pós-sinistro de contacto com as instituições. *Laboreal*, 14(1), 13-24. <http://dx.doi.org/10.15667/laborealxiv0118vr>

INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO**A RECONSTITUIÇÃO DE EXPERIÊNCIAS APÓS UM ACIDENTE DE TRABALHO: MAPAS DE PERCURSO COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE.**

CLÁUDIA PEREIRA ^[1] & VANESSA RODRIGUES ^[2]

[1] Faculdade de Psicologia e de
Ciências da Educação
Universidade do Porto
Rua Alfredo Allen
4200-135 Porto, Portugal
cpereira@fpce.up.pt

[2] Instituto de Sociologia da
Universidade do Porto
Faculdade de Letras
Universidade do Porto
Via Panorâmica Edgar Cardoso
4150-564 Porto, Portugal
vanessa.m.c.rodrigues@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE

Acidentes de trabalho;
Sinistrados do trabalho;
Trajetórias;
Mapas de percurso.

RESUMO

O presente artigo visa explorar um instrumento metodológico - mapas de percurso -, ilustrando a sua estrutura e os desafios e potencialidades associados à sua utilização. Os mapas de percurso foram concebidos no âmbito de uma investigação centrada na exploração das circunstâncias e consequências que os acidentes de trabalho têm nos indivíduos e no processo do regresso ao trabalho, e assumiram uma função exploratória na análise de processos de reconstituição de experiências após um acidente de trabalho, com foco na compreensão do percurso institucional que os sinistrados percorreram. A sua utilização, no âmbito do estudo, permitiu conhecer e ilustrar as trajetórias e percursos dos sinistrados após um acidente de trabalho, através de uma reconstituição temporal de uma história e de um evento de saúde - o acidente - e uma melhor compreensão do seu impacto na vida dos acidentados (no percurso institucional, nas interações que tiveram, e nos sentimentos e emoções experienciados).

PALABRAS-CLAVE

Accidentes de trabajo;
Accidentados del trabajo;
Trayectorias;
Mapas de trayectoria.

RESUMEN**LA RECONSTITUCIÓN DE EXPERIENCIAS TRAS UN ACCIDENTE DE TRABAJO: MAPAS DE TRAYECTORIA COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISIS.**

Este artículo tiene como objetivo explorar un instrumento metodológico - mapas de trayectoria - ilustrando su estructura así como los retos y potencialidades asociados con su uso. Los mapas de trayectoria fueron diseñados en el marco de una investigación centrada en el estudio de las circunstancias y las consecuencias de los accidentes de trabajo sobre los individuos y en el proceso de vuelta al trabajo. Sirvieron como instrumento exploratorio en

Manuscrito recebido em:
dezembro/2017
Aceite após peritagem:
abril/2018

el análisis de los procesos de reconstitución de experiencias tras un accidente de trabajo, permitiendo así entender las trayectorias institucionales recorridas por los accidentados. Su uso, en el marco del estudio, ayudó a identificar e ilustrar las trayectorias y las rutas de los accidentados tras un accidente de trabajo, gracias a la reconstitución temporal de una historia y de un *evento* de salud – el accidente – y permitió una mejor comprensión de su impacto en la vida de los accidentados (la trayectoria institucional, en las interacciones que tuvieron y en los sentimientos y emociones sentidos).

MOTS CLÉS

Accident de travail;
Sinistrés du travail,
Trajectoires;
Cartographie de parcours.

RÉSUMÉ

LA RECONSTRUCTION D'EXPÉRIENCES APRÈS UN ACCIDENT DU TRAVAIL: DES CARTES DE PARCOURS COMME INSTRUMENT D'ANALYSE.

L'article explore un instrument méthodologique – les cartes de parcours – en présentant leur structure ainsi que les défis et potentialités associés à leur utilisation. Les cartes de parcours ont été conçues dans le cadre d'une recherche concernant les circonstances et des conséquences des accidents du travail sur les individus et le processus de retour au travail. Elles ont servi d'instrument exploratoire dans la reconstruction d'expériences après un accident du travail, en aidant à comprendre les parcours institutionnels des travailleurs accidentés. L'utilisation de la carte de parcours a permis, dans le cadre de l'étude, de connaître et d'illustrer ces trajectoires en recourant à la reconstitution temporelle d'une histoire et d'un *épisode* de santé – l'accident, ouvrant l'analyse à un meilleur entendement de son impact sur la vie des victimes (sur le parcours institutionnel, sur les interactions que ceux-ci ont connues et sur les sentiments et émotions ressentis).

KEYWORDS

Work accidents;
Injured at work;
Paths;
Accident journey chart.

ABSTRACT

**THE RECONSTRUCTION OF EXPERIENCES AFTER A
WORK ACCIDENT: ACCIDENT JOURNEY CHARTS AS
ASSESSMENT INSTRUMENTS.**

This paper aims at exploring a methodological instrument – the accident journey charts –, depicting their structure and the challenges and potential related to their use. The accident journey charts were designed under the scope of a research which focused on the analysis of the circumstances and consequences the work accidents have on the individuals and on the back-to-work process. Additionally, the accident journey charts took an exploratory role in looking at processes of reconstruction of experiences after a work accident, focusing on the institutional path the injured people had to follow. Their use, within the study, was determinant to reveal and depict the paths and journeys of the injured workers after an accident, through the temporal reconstruction of a story and a health event – the accident. It also contributed to a better understanding of the accident's impact on the injured workers' life (on the institutional path, on the interactions that took place, and on the feelings and emotions they have been through).

1. ACIDENTES EM CONTEXTO LABORAL E O REGRESSO AO TRABALHO: ALGUMAS REFERÊNCIAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Os acidentes de trabalho constituem um fenómeno social produtor de inúmeros impactos, desde logo na vida daqueles que os sofrem, mas também na organização e atividade de outros agentes sociais e instituições direta ou indiretamente ligadas à sinistralidade laboral – empregadores, serviços do Estado, seguradoras, famílias dos sinistrados e outros grupos e contextos sociais com que os sinistrados interagem e se relacionam. O seu “carácter permanente e massivo” (Pinto, 1996, p. 92) tem sido, nos últimos anos, reforçado por um aumento associado à sua ocorrência (193611 acidentes de trabalho foram registados em 2012 e, num quadro de evolução constante de aumento, em 2015 ^[1] registaram-se 208 457).

Existe um conjunto diverso de conhecimentos produzidos em várias áreas científicas que se dirigem a esta temática e que incide, nomeadamente, sobre: a prevenção, a análise do risco e das causas dos acidentes de trabalho ^[2]; a compreensão dos processos de reabilitação e reintegração socioprofissional dos trabalhadores acidentados ^[3]; a análise das suas expectativas no regresso ao

trabalho ^[4]; o papel dos colegas de trabalho após um acidente ^[5]; ou até sobre o período de ausência ao trabalho provocado pelo acidente ^[6]. Os projetos de pesquisa que estão na base destes estudos contemplam a utilização duma variedade de técnicas de investigação e, ainda que privilegiando metodologias de cariz qualitativo (recorrendo a entrevistas, recolha e análise documental, histórias de vida), fazem também uso de dados estatísticos (disponíveis nas fontes oficiais ou recolhidos propositadamente para o estudo em questão).

Não obstante o património acumulado, exemplificado nas referências que aqui se mencionaram, uma abordagem menos presente na produção científica tem sido a análise dum percurso pós-sinistro que contemple a compreensão das etapas subseqüentes ao acidente de trabalho, integrando elementos relativos à interação com as instituições responsáveis pelo processo de reparação (e.g. Companhia de Seguro; Tribunal do Trabalho) ^[7], aos facilitadores e obstáculos que surgem no decorrer do mesmo, à interação com outros agentes, assim como aos sentimentos vivenciados pelos sinistrados no decorrer do leque de experiências que formam esta trajetória ^[8]. Esta “ordem de interação” (Goffman, 1983) com as estruturas sociais tem vindo a ser objeto de estudo para alguns autores (Dubois, 1999; Siblot, 2006) que, através de incursões etnográficas, procuraram compreender as

políticas públicas através do estudo dos momentos de encontro entre as instituições e os indivíduos, e cujas obras inspiraram à compreensão dos percursos pós-sinistro e das suas vicissitudes. Métodos de reconstituição de percursos são largamente utilizados no âmbito das ciências sociais, com graus de complexificação e suportes teóricos diversificados, em forma, entre outras designações, de histórias de vida, biografias, estudo de trajetórias e percursos. Com um enfoque analítico direcionado a um percurso pós-sinistro, a abordagem que aqui se apresenta não se aproxima duma lógica puramente biográfica, de uma trajetória como sendo uma “sequência de posições ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo)” sem relação com o seu “contexto em constante transformação” e com “o conjunto das relações objetivas” entre os vários intervenientes (Bourdieu, 1986, p. 71-72).

De forma complementar à lógica da trajetória até aqui abordada, destaca-se (de forma sucinta) um estudo realizado sobre o processo de reinserção social e profissional de trabalhadores em fase de readaptação física, social e profissional (Baril, Martin, Lapointe & Massicotte, 1994), cujos contributos teóricos auxiliam na compreensão da utilização dos mapas de percurso: trata-se de um estudo exploratório, realizado no Québec, cujos objetivos se prendiam com a identificação de fatores que facilitam ou criam um obstáculo à reinserção profissional de trabalhadores com uma incapacidade profissional permanente, em fase de readaptação física, social e profissional; o desenvolvimento de um modelo de compreensão global da reinserção profissional e social; e a identificação de pistas para pesquisa futura e intervenção. Com os resultados obtidos, através da recolha e análise de dados estatísticos, da análise de informação sobre os trabalhadores, e da realização de entrevistas semi-diretivas com estes e outros atores sociais (e.g. empregadores, sindicatos), foi identificado um modelo conceptual que integrou a trajetória ocorrida depois da lesão (que inclui, a título de exemplo, os momentos da análise e avaliação médica, da procura de emprego e do processo de reparação legal), o percurso destes trabalhadores (que se reporta, por sua vez, à vivência desses momentos e respetiva atribuição de significados), as interações sociais, e o seu itinerário pessoal. A análise de diversos fatores (pessoais, administrativos, legais, médicos, profissionais, sociais) permitiu, então, compreender a diversidade e complexidade de elementos que interagem num processo de readaptação após um acidente de trabalho.

2. OS ACIDENTES DE TRABALHO COMO BIFURCAÇÕES, AS TRAJETÓRIAS E PERCURSOS CONSEQUENTES

Os acidentes de trabalho podem ser definidos como “acontecimentos inesperados e imprevistos, incluindo atos derivados do trabalho ou com ele relacionados, do qual resulte uma lesão corporal, uma doença ou a morte de um ou vários trabalhado-

res” (Gabinete de Estratégia e Planeamento, 2010, p. 15). Neste sentido, os acidentes podem ser encarados como um evento de saúde, apresentando um carácter imprevisível para os indivíduos (Testenoire & Trancart, 2011). O momento da ocorrência do acidente, corresponde a uma rutura ^[9] (Testenoire & Trancart, 2011; Quériaud, Dugué & Petit, 2015), tornando-se num processo, de certo modo incerto, em relação à evolução do problema de saúde derivado do acidente (e.g. lesão músculo-esquelética), ao regresso profissional (e.g. regresso ao mesmo emprego, adaptação do posto de trabalho) e sobre as consequências que o *evento* pode ter a outros níveis (e.g. a nível pessoal, social, familiar) (Testenoire & Trancart, 2011).

Este tipo de acontecimentos, provoca, na maior parte das vezes, uma ausência ao trabalho (curta ou prolongada), sendo que, pelas consequências que o acidente pode provocar (e.g. a nível físico, psicológico) e por ser encarado, por alguns autores, como um facto social que envolve uma dimensão física, psicológica, social (Martin & Baril, 1995), corresponde a um ponto de inflexão, ligado a um ‘antes’ e a um ‘após’, que envolve um tempo de readaptação (Quériaud et al., 2015). Neste sentido, o acidente (e a ausência ao trabalho) pode também ser encarado como uma bifurcação ^[10] (Quériaud et al., 2015; Hélaridot, 2006). De acordo com Hélaridot (2006), as bifurcações correspondem a uma “modificação brutal, imprevista e duradoura da articulação biográfica entre a esfera de saúde e trabalho, desde que essa modificação seja desenhada pelos atores envolvidos como um ponto de inflexão ligado a uma distinção entre um ‘antes’ e um ‘depois’” (p. 66) e podem ser conotadas de forma positiva ou negativa, tendo em conta a significação atribuída pelos indivíduos, embora os efeitos negativos sejam os mais frequentes (Testenoire & Trancart, 2011; Hélaridot, 2006).

Estas bifurcações consistem, então, numa redefinição das orientações que podem ocorrer num determinado momento no percurso, sendo que a análise se centra na maneira como os atores procedem à interpretação do seu percurso e constroem o significado da sua experiência (Hélaridot, 2006). Neste sentido, e explorando os conceitos abordados por Baril et al. (1994) – trajetória e percurso -, esta interpretação do seu caminho e construção de significado da experiência, pode então ser entendida como o percurso. É neste percurso que se inclui a experiência pessoal, sendo recuperada através do discurso dos indivíduos, e a sua reconstrução não se efetua necessariamente de forma integral, sequencial e recuperando todos os detalhes associados ao processo, mas sim, através da recuperação de determinados momentos e experiências que constituíram significado para os indivíduos (Baril et al., 1994). Assumindo que a recuperação de vivências anteriores, neste caso um acidente de trabalho, é vivido como uma experiência de confronto consigo próprio, é, na maior parte das vezes, também o primeiro momento em que o indivíduo reflete sobre o processo do acidente em si (Dubar, 1998). Neste sentido, constrói a partir das suas perceções

e representações um significado que lhe permite desenvolver estratégias no percurso pós-sinistro. O processo de produção do significado é então dinâmico e está em constante interação com aquilo que compõe a realidade social do indivíduo (Baril et al., 1994). O que acompanha este percurso corresponde então à trajetória pelo universo legal e administrativo que enquadra os trabalhadores a partir do momento em que o *evento* de saúde acontece até à sua readaptação, à reinserção social e profissional, privilegiando uma perspetiva mais factual e prescrita associada ao processo (Baril et al., 1994).

Numa fase exploratória do estudo “Regresso ao trabalho após o acidente: superar obstáculos” – que se apresentará no ponto seguinte – a reconstituição das experiências após um acidente de trabalho apresentada em mapas de percurso dirige-se, precisamente, a este desdobramento das vivências dos sinistrados em elementos objetivos e subjetivos, à *trajetória* e ao *percurso*, não com intenção de desligar os aspetos de um e outro enquadramento, mas, pelo contrário, de os evidenciar de forma relacional.

Assim, e conforme será explorado no presente texto, esta reconstituição de experiências, ainda que contemple elementos relativos ao regresso ao trabalho, remete-se essencialmente à compreensão do percurso institucional que os sinistrados percorreram e à exploração do modo como estes se relacionaram com as diferentes instituições responsáveis pela efetivação dos direitos resultantes de um acidente de trabalho (nomeadamente com as entidades empregadoras, as companhias de seguros e o Tribunal do Trabalho), assim como com outros agentes sociais, sejam instituições ou não, e cujos contactos terão sido ativados no sentido de resolver obstáculos que surgiram nestes percursos.

3. MAPAS DE PERCURSO: DA CONCEÇÃO DO INSTRUMENTO AOS DESAFIOS E POTENCIALIDADES ASSOCIADOS À SUA UTILIZAÇÃO

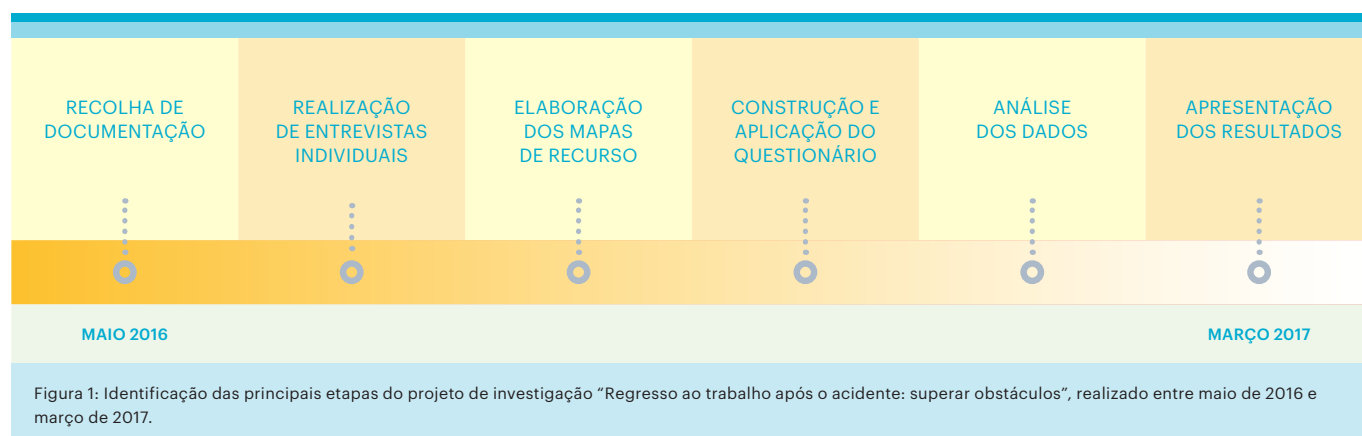
3.1. Enquadramento da sua conceção e utilização

No âmbito do projeto de investigação “Regresso ao trabalho após o acidente: superar obstáculos” ^[11], que teve por objetivo principal conhecer e compreender os percursos após um acidente de trabalho no contexto português, bem como as consequências que estes eventos de saúde podem provocar nos sinistrados a nível profissional, familiar, social e pessoal, foram construídos, numa fase exploratória do estudo, um conjunto de mapas de percurso que ilustram as trajetórias e os percursos de alguns acidentados. Trata-se de um instrumento de observação, inicialmente desenvolvido na área do marketing – os *customer journey maps* ^[12] – para o apuramento da mobilidade e satisfação

de consumidores. No âmbito da investigação sobre o regresso ao trabalho após um acidente, este instrumento foi concebido enquanto ferramenta de comunicação visual ^[13] que tem como principal objetivo facilitar a compreensão das interações entre os indivíduos e as instituições, partindo do ponto de vista do sinistrado ^[14]. Para a construção dos mapas de percurso foram realizadas entrevistas individuais com sinistrados, que permitiram a recolha de informações relativas a percursos diferenciados decorrentes de um acidente de trabalho, e que se exploram de seguida no ponto 3.2.1.

Não obstante a sua proveniência da área do marketing, o conteúdo que dá forma à sua estrutura é conseguido através de entrevistas individuais de restituição de experiências de vida relacionadas com determinadas entidades – no caso aqui em análise, as experiências estão centradas nas interações entre os indivíduos e as instituições com as quais interagiram após a ocorrência do acidente de trabalho. Como já mencionado no enquadramento teórico-metodológico, as experiências e histórias de vida são elementos igualmente presentes e trabalhados nas ciências sociais, nomeadamente quando há recurso a técnicas como as entrevistas biográficas ou compreensivas. E, na medida em que permitem o acesso a representações subjetivas, às histórias, aos percursos e vivências dos indivíduos (Kaufmann, 1996), estas entrevistas visam a reconstrução do percurso de vida, sendo que as experiências vividas são recuperadas de acordo com o significado e pertinência que tiveram no indivíduo (Zaccaï-Reyners, 1995), por ser o participante entrevistado a dirigir o conteúdo explorado (Blanchet & Gotman, 1992, cit in Ramos, 2006).

Numa lógica de complementaridade metodológica e num esforço de situar as *trajetórias* dos sinistrados em relação às condições concretas da sua existência (Bourdieu, 1986), a construção dos mapas surge ancorada na estrutura de investigação do estudo, cujas etapas se encontram na Figura 1. Neste trabalho, privilegiou-se uma abordagem metodológica mista, com uma primeira fase sobretudo qualitativa, de recolha e análise documental (legislação sobre percurso pós-sinistro; estatísticas nacionais sobre os acidentes de trabalho), de realização de entrevistas individuais a sinistrados, e da elaboração dos mapas de percurso; e uma segunda fase, sobretudo quantitativa, com a construção e aplicação do inquérito por questionário a 366 sócios e ex-sócios da Associação Nacional dos Deficientes Sinistrados no Trabalho (ANDST), a nível nacional, seguidas da respetiva análise dos dados (realizada através do programa de tratamento de dados estatísticos SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*) e apresentação de resultados do estudo ^[15].



3.2. Processo de construção dos mapas de percurso

3.2.1. As entrevistas individuais com os sinistrados

A produção dos mapas de percurso no âmbito deste projeto - 10 mapas elaborados no total -, conforme já foi salientado, apenas se tornou possível com o recurso às entrevistas individuais realizadas junto de sinistrados do trabalho, sócios e ex-sócios da ANDST, cujos acidentes ocorreram há aproximadamente 10 anos. A seleção dos indivíduos foi feita com recurso à direção e aos técnicos da ANDST com base nas variáveis género e grau de incapacidade. Ainda que este *corpus* de entrevistas não tenha sido constituído sob a forma de amostra representativa, por não ser esse o objetivo do exercício em questão, através duma tentativa de distribuição que se aproximasse ao comportamento destas variáveis na realidade nacional dos sócios e ex-sócios da ANDST, procurou-se chegar a trajetórias variadas, permitindo, assim, uma compreensão mais ampla e aprofundada dos percursos e da sua diversidade ^[16]. Estas entrevistas (realizadas com suporte de gravação áudio e com uma duração média de uma hora e trinta minutos por entrevista), procuraram incidir essencialmente sobre a compreensão das trajetórias e percursos após um acidente de trabalho. O guião que orientou a condução destas entrevistas, realizadas por dois dos investigadores do projeto, inspirou-se na própria estrutura do mapa de percurso (ver secção 3.2.2.), podendo estas entrevistas ser classificadas como semi-diretivas, cujas questões-guia, foram sendo geridas em função do discurso dos participantes.

3.2.2. A estrutura dos mapas de percurso

No que diz respeito à sua estrutura (ver Figura 2), os mapas de percurso apresentam na parte superior uma breve caracterização do sinistrado, constituída por elementos como o género, a idade, o nível de escolaridade, o local de residência, a data do acidente, a parte do corpo atingida/lesão, o grau de incapacidade, uma breve descrição do acidente, a profissão atual e algumas indicações relativas ao percurso profissional.

Procurou-se, no decorrer da entrevista de reconstituição do percurso pós-acidente, que o participante partilhasse todos os momentos de interação no seu percurso pós-sinistro, desde o momento do acidente ao último encontro institucional. O conteúdo recolhido nestas entrevistas (discurso dos participantes) encontra-se, então, refletido no mapa, de modo sequencial. Aos momentos que se registaram, com base no discurso dos participantes, adicionou-se uma linha temporal, feita através da identificação, sempre que possível, da duração de cada momento, assim como dos intervalos temporais entre estes. Assim, o tamanho dos “nós” desta linha reflete proporcionalmente a duração desses intervalos (quanto maior o tamanho do nó, maior o intervalo de tempo entre um momento e outro).

Sobre cada um dos momentos de contacto institucional do percurso pós-sinistro, o mapa integra cinco campos, recuperados da estrutura original utilizada na área do marketing. De seguida, descrevem-se e ilustram-se estes campos com exemplos do mapa de percurso apresentado na Figura 2:

- as *atividades concretas* que tiveram lugar no percurso pós-sinistro de cada indivíduo, isto é, onde decorreram, o que nelas ocorreu, que ações foram levadas a cabo e por quem, se o momento de contacto identificado foi de carácter obrigatório ou por iniciativa própria (e.g. contactos com a seguradora e encaminhamento para fisioterapia; contacto com Tribunal do Trabalho). Ressalva-se que atividades mencionadas pelos entrevistados sobre as quais não foi possível obter informação relativa aos cinco campos do mapa, ou informações adicionais sobre os momentos de contacto, encontram-se destacados de forma autónoma em cima da linha temporal e a esta associados (e.g. solicitação de apoio junto da ANDST, ao longo do processo por parte do participante);
- os *canais de comunicação/interfaces* utilizados para essas atividades, e devidamente identificados com ícones associados a cada canal de comunicação (e.g. receção de cartas das entidades ou contacto telefónico) e interface (e.g. contactos com médicos, contactos com o Procurador);

- os *facilitadores e obstáculos* encontrados nessas atividades, sendo que assinalado a verde, e com o símbolo de avançar (“play”), estão destacados os facilitadores – aspetos que tornaram o processo menos penoso, que auxiliaram/facilitaram na resolução do processo e reintegração pós-acidente (e.g. apoio prestado pela família e pela ANDST) e assinalado a azul, com o símbolo de pausa, estão destacados os obstáculos – elementos encarados como constrangimentos, que dificultaram a resolução do processo e reintegração pós-acidente (e.g. o facto da entidade empregadora não ter celebrado um seguro de acidentes de trabalho válido e não ter acompanhado o processo);
- os *sentimentos e experiências* positivos, destacados a verde (e.g. a satisfação em relação aos cuidados médicos prestados, nomeadamente na fisioterapia) e os negativos, destacados a vermelho (e.g. a revolta em relação à postura assumida pela entidade empregadora);
- e, por fim, as *sugestões de melhoria* relativas a cada atividade mencionada. No caso do mapa apresentado na Figura 2 não foram identificadas, pelo participante, sugestões de melhoria; no entanto, e a título de exemplo para conhecimento, identificam-se algumas sugestões partilhadas por outros participantes: a existência de um momento de preparação para o contacto com o Tribunal do Trabalho; a garantia da imparcialidade dos peritos médicos das companhias de seguro.

Estes campos que estruturam o mapa permitiram, para além de uma análise completa de cada momento de interação e numa perspetiva sincrónica (lida em coluna), uma análise transversal de cada uma delas, numa perspetiva anacrónica (lida em linha), percebendo-se que estas histórias e bifurcações expõem dois níveis de realidade que não devem ser dissociados: os factos objetivos e os factos que decorrem de perceções, representações e interpretações subjetivas e das suas transformações ao longo do percurso (Hélandot, 2006). Por outras palavras, e recuperando os conceitos introduzidos inicialmente, este instrumento permitiu recuperar, por um lado, a *trajetória* após o acidente - identificação da data da ocorrência do acidente, dos períodos de tempo de baixa ou em fisioterapia, dos momentos de contacto no Tribunal do Trabalho, do momento de regresso ao trabalho; e, por outro lado, os *percursos* levados a cabo por estes indivíduos - as suas experiências e sentimentos em cada uma das fases, a identificação daquilo que facilitou ou dificultou o processo após o acidente de trabalho. (ver Figura 2, página seguinte)

3.3. Desafios e Potencialidades associados à utilização dos mapas de percurso

A utilização dos mapas de percurso, no âmbito da investigação “Regresso ao trabalho após o acidente: superar obstáculos” permitiu identificar alguns desafios que podem surgir no recurso a

este instrumento, e que se associam essencialmente ao investigador e ao participante (da entrevista).

No que respeita aos desafios associados ao papel do investigador, é de salientar a necessidade de se manter uma escuta ativa ao longo do momento de entrevista que incorpore uma atenção dirigida aos vários aspetos partilhados pelos entrevistados, bem como privilegiar uma postura de flexibilidade associada ao guião e, consequentemente, à condução da entrevista. Pelo facto de o guião ser estruturado em função da estrutura do mapa de percurso, a capacidade de acompanhar o discurso dos participantes, centrado na reconstrução da sua *trajetória e percurso*, e de assegurar a exploração de detalhes e referências temporais mencionadas, numa tentativa de obter informação relativa aos cinco campos do mapa, e sobre cada atividade identificada, revelou-se, de facto, como um desafio. Este está associado, essencialmente, ao facto - já mencionado - de os sinistrados recuperarem da sua história apenas os aspetos significativos e, uma vez que para todos eles foi a primeira vez que refletiram sobre esta inflexão na sua vida - o acidente - tentando partilhar, brevemente, o ‘antes’ (sua situação profissional, social, pessoal antes do acidente), e, com mais detalhe, o ‘após’ (contacto com entidades legais, o regresso ao trabalho), o discurso, por vezes, variava, em termos de profundidade/detalhe, de clareza e de recuperação temporal do processo.

Para além disso, é de referir que o entrevistador, apesar de procurar ‘cumprir’ as questões do guião e manter uma preocupação na recolha de elementos conducente com a estrutura do mapa, deve procurar garantir, nomeadamente na transcrição da entrevista, as expressões e as preocupações dos sinistrados, evitando, assim, a descontextualização das informações partilhadas e preservando a riqueza do discurso dos entrevistados (Mendes, 2003). Ora, esta transcrição das informações para a estrutura dos mapas de percurso pode tornar-se num desafio, uma vez que se trata de um elemento visual e esquemático, no qual devem apenas constar as principais informações, procurando-se preservar esta referida riqueza do discurso dos participantes.

Relativamente ao que se pode considerar como um desafio para o próprio participante (neste caso um sinistrado do trabalho), salienta-se a dificuldade, percecionada no momento de entrevista, em recuperar temporalmente cada acontecimento associado ao acidente. Apesar do esforço evidenciado pelos participantes em organizarem o seu discurso de forma sequencial, tentando reconstituir o seu percurso pelo momento do acidente de trabalho, as atividades ocorridas após este acontecimento vão sendo recuperadas e partilhadas em função da importância e significado que tiveram para o sinistrado. A título de exemplo, pode perceber-se que determinados acontecimentos relacionados diretamente com a reparação legal na sequência de um acidente de trabalho (e.g. contacto com a companhia de seguros ou com o Tribunal do Trabalho), apesar de terem sido concretizados, mas não terem tido impacto (positivo ou negativo) para o sinistrado, acabaram ou por não ser mencionados, ou por serem revelados apenas após interpelação

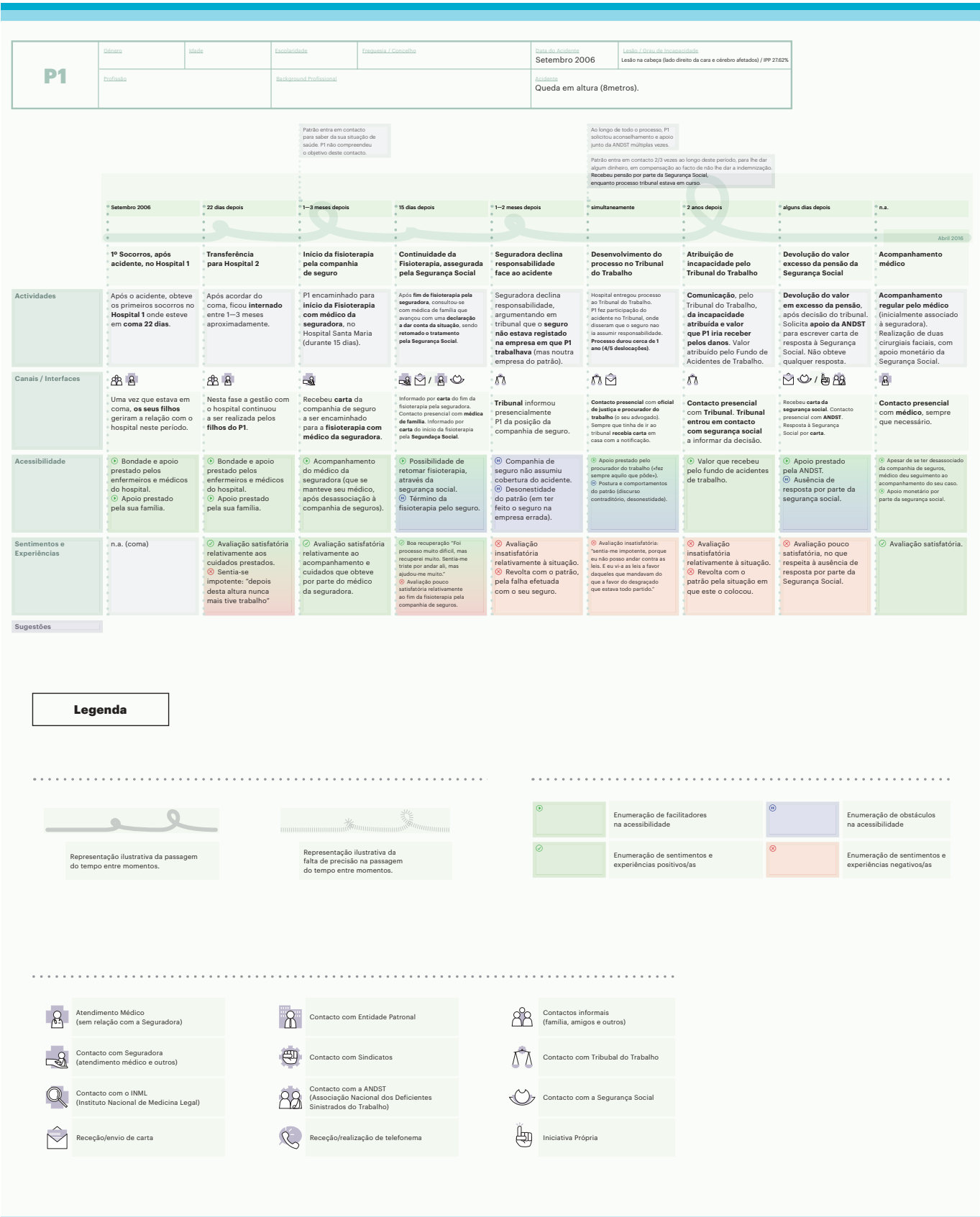


Figura 2. Mapa de percurso, relativo a um dos participantes entrevistados.

direta do entrevistador (que acabou por trazer o acontecimento à memória), o que nem sempre foi acompanhado com a precisão temporal da sua ocorrência e durabilidade.

Para além destes desafios que se tornaram possíveis identificar com base no trabalho de terreno realizado com as entrevistas individuais e consequente elaboração dos mapas de percurso, é também de salientar algumas potencialidades associadas à utilização do instrumento em análise e centradas na sua representação gráfica e esquemática.

Este tipo de mapeamento de percurso revelou-se particularmente profícuo numa fase exploratória - neste caso, na fase de elaboração de questões para o questionário que foi concebido no estudo -, ao permitir a descrição e caracterização do percurso de relacionamento com as instituições e outros agentes sociais através de uma forma visual, esquemática e intuitiva. Neste sentido, este instrumento revela-se como uma ferramenta útil para a construção de instrumentos de inquirição mais próximos e contextualizados sobre a realidade vivenciada pelos indivíduos. O facto de se tratar de uma apresentação gráfica, e que implica uma sistematização da informação que se circunscreva a momentos e palavras-chave, permite ao investigador ter um acesso facilitado às principais atividades ocorridas ao longo do percurso, bem como à dimensão temporal que o reveste.

Pela sua estrutura, integradora de uma *trajetória* e de um *percurso* (Baril et al., 1994), de factos objetivos e de factos que decorrem de perceções, representações e interpretações subjetivas e das suas transformações ao longo do percurso dos participantes (Hélarlot, 2006), este instrumento tornou possível uma reconstrução temporal de uma história e de um *evento* de saúde (mesmo que incompleta, do ponto de vista factual) e uma melhor compreensão do seu impacto na vida dos acidentados (no percurso institucional, nas interações que tiveram, e nos sentimentos e emoções experienciados). Assim, os mapas de percurso construídos permitiram compreender o processo após o acidente, com base no discurso dos sinistrados, no que respeita ao contacto com diversas instituições legais até ao momento do regresso ao trabalho, explorando-se os canais de comunicação, as experiências e sentimentos, os elementos facilitadores e que dificultaram o processo, e eventuais propostas de melhoria.

É de lembrar que o conteúdo presente nos 5 campos do mapa surgem do discurso dos sinistrados, e correspondem aos aspetos mais significativos para estes participantes. E, se por um lado se revelou um desafio (para o próprio participante) a dificuldade em recuperar temporalmente cada acontecimento associado ao acidente, por outro lado, pode considerar-se uma potencialidade o facto de o instrumento ressaltar os aspetos que mais impacto tiveram na experiência individual do participante.

Ademais, e uma vez que este instrumento implica a exploração das várias dimensões descritas no ponto anterior (3.2.2.), o produto final reúne, sobre uma mesma atividade, conteúdo rico e variado tanto sobre as questões mais formais que enquadram este

tipo de percurso, como dirigido a uma dimensão mais subjetiva, ligada à vivência concreta destas experiências. Permite, assim, realçar valorizações emocionais e racionais, além de identificar as dificuldades encontradas ao longo do percurso e identificar sugestões de melhoria que surgem diretamente das mesmas.

4. REFLEXÕES FINAIS: OS MAPAS DE PERCURSO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR PARA A RECONSTITUIÇÃO E ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS APÓS UM ACIDENTE DE TRABALHO

A elaboração dos mapas de percurso na investigação “Regresso ao trabalho após o acidente: superar obstáculos” permitiu, desde logo, cumprir o principal objetivo subjacente à sua utilização na investigação: compreender o processo vivenciado pelos sinistrados de trabalho, possibilitando a elaboração de um conjunto de questões adequadas à realidade dos percursos após um acidente (e.g. sobre o tipo de contactos: dificuldades vivenciadas) a serem integradas no questionário que permitiu caracterizar as circunstâncias e consequências de um acidente de trabalho a nível nacional.

Compreendeu-se que este processo, ainda que enquadrado legalmente (um processo prescrito a ser cumprido), apresenta um grau de variabilidade, que ao não ser apenas ditado pelo acidente em si, está igualmente associado aos momentos de contacto formal que ocorrem na sequência da sua reparação, nomeadamente em relação à duração associada a esse percurso, à condução do processo levado a cabo pelos agentes institucionais e, ainda, à forma como tudo é vivenciado pelos sinistrados. E relações com um mesmo agente que interfere nestas trajetórias podem ser experienciadas como facilitadoras por alguns indivíduos, ou constituírem-se como obstáculos no percurso de outros. Por exemplo, a postura assumida pela entidade empregadora após o acidente que, para alguns participantes, se enquadrou como um facilitador através de um acompanhamento e suporte; mas para outros participantes foi um dos principais obstáculos ao longo do percurso e no regresso ao trabalho). Apesar da literatura evidenciar (conforme explorado anteriormente) que a estes *eventos* de saúde – os acidentes – estão, por vezes, mais associados percursos que refletem o seu efeito negativo (Testenoire & Trancart, 2011; Hélarlot, 2006), tornou-se visível que não apenas são identificados, pelos participantes, impactos negativos (e.g. ausência de apoio por parte da entidade empregadora ou dos colegas de trabalho no regresso ao trabalho; ou despedimento), como também o são os facilitadores presentes ao longo do processo (e.g. o acompanhamento obtido por parte dos médicos na fase de Fisioterapia; ou o suporte familiar).

A leitura dos mapas de percurso permite reforçar a ideia de uma bifurcação associada ao acidente, tornando evidente que os percursos após um acidente de trabalho são complexos, incluem diversos obstáculos e conjugam fragilidades de várias ordens. Desde os distintos pontos de partida dos indivíduos e as características

dos acidentes, até à duração do próprio percurso, ao tipo de acompanhamento que obtiveram ou não, ao conjunto de consequências destas ocorrências, às interações com as instituições e os profissionais que as representam, tudo se conjuga na formulação destes trajetos, cuja análise mais aprofundada permitirá reunir elementos de reflexão cruzados e pormenorizadamente fundamentados. Um outro aspeto que importa também mencionar, e que se apresenta aqui enquanto sugestão para investigações futuras, diz respeito à integração no processo metodológico de um momento de validação e de restituição dos dados dos mapas de percurso aos participantes. Apesar de não ter sido concretizado no âmbito do estudo, reconhece-se a importância de um momento de restituição das informações junto dos indivíduos, nomeadamente pela entrevista se poder assumir como um desafio, tanto para estes como para o investigador, como assim o foi explorado (e.g. dificuldade em aceder a uma reconstituição sequencial dos acontecimentos; discurso dos participantes mais ou menos claro e detalhado). A concretização de um momento destes permitiria sustentar um novo processo de reflexão sobre o percurso pós-acidente, validando e complementando informações, com o auxílio de um instrumento de mediação (Rabardel, 1995) entre o sujeito e o percurso (e sua reconstituição) – o mapa.

Considera-se ainda que, apesar de os mapas de percurso se tratarem de um instrumento inicialmente utilizado na área do marketing, após serem devidamente ajustados de acordo com o objetivo do estudo, evidenciaram-se como um instrumento de trabalho, neste caso exploratório, com potencialidade de utilização noutras áreas, nomeadamente nas ciências sociais (e.g. Psicologia, Sociologia), pelo seu carácter ‘maleável’ no que respeita às temáticas que permite abordar. Neste caso, os mapas de percurso foram utilizados no âmbito de um estudo sobre as circunstâncias dos acidentes de trabalho e suas consequências para os indivíduos, mas considera-se viável a sua utilização noutras temáticas que englobem na sua análise a compreensão de percursos. Paralelamente, e não obstante as opções metodológicas do estudo em questão (inquérito por questionário como elemento central e as entrevistas e mapas como elementos de suporte prévio), considera-se que os mapas de percurso, para além de poderem ser utilizados enquanto instrumento exploratório – como aqui se analisou –, podem também constituir-se como elemento metodológico principal numa pesquisa, podendo ser mais ou menos extensos e mais ou menos desenvolvidos e aprofundados em função dos objetivos que enformam os projetos de investigação. Por fim, e ainda que já exista um conjunto de estudos sobre os acidentes de trabalho e sobre o processo de regresso ao trabalho, com desenhos metodológicos que incorporam uma diversidade de técnicas (conforme referências no enquadramento teórico inicial), os mapas de percurso parecem assumir-se como um instrumento diferenciador de exploração desta temática. A sua vertente diferenciadora está relacionada com o facto de o instrumento permitir uma reconstrução temporal dos processos individuais e

uma eventual identificação de pistas de intervenção sobre a realidade a que se reportam (potenciada, entre outras coisas, pela perspectiva anacrónica e sincrónica que incorporam). Estas pistas poderão ser alvo de reflexão por parte de intervenientes-chave com atuação na área dos acidentes de trabalho e suas consequências a nível pessoal, familiar, social e profissional, de forma a identificar potenciais ações de transformação do processo pelo qual passam os sinistrados do trabalho.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Areosa, J. (2010). *Riscos e sinistralidade laboral: um estudo de caso em contexto organizacional*. Tese de Doutoramento, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa. <http://cics.uminho.pt/wp-content/uploads/2011/06/Jo%C3%A3o-Areosa-Tese-de-Doutoramento1.pdf>
- Areosa, J. (2012). A importância das perceções de riscos dos trabalhadores. *International Journal on Working Conditions*, 1, 3, 54-64. <http://hdl.handle.net/1822/20167>
- Baril, R., Martin, J.C., Lapointe, C., & Massicotte, P. (1994). *Étude exploratoire des processus de réinsertion sociale et professionnelle des travailleurs en réadaptation*. Institut de recherche en santé et en sécurité du travail du Québec. <https://www.irsst.qc.ca/media/documents/PubIRSST/RR-082.pdf>
- Baril, R. (2002). Du constat à l'action: 15 ans de recherche en réinsertion professionnelle des travailleurs au Québec. *Perspectives interdisciplinaires sur le travail et la santé*, 4, 2, 1-28. <https://doi.org/10.4000/pistes.3661>
- Barros-Duarte, C. & Cunha, L. (2014). Para uma construção da prevenção de riscos profissionais: atividade de trabalho no centro da análise. In H. V. Neto, J. Areosa, & P. Azeres (Eds.), *Impacto Social dos Acidentes de Trabalho* (pp. 323-344). Vila do Conde: Civeri Publishing.
- Bourdieu, P. (1986). L'illusion biographique". *Actes de la recherche en sciences sociales*, 62-63, 67-72. <https://doi.org/10.3406/arss.1986.2317>
- Dubar, C. (1998). *Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos*. *Educação & Sociedade*, 19, 62, 13-30. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73301998000100002>
- Dubois, V. (1999). *La vie au guichet. Relation administrative et traitement de la misère*. Paris: Economica.
- Duran, M.-J., Baril, R., Loisel, P., & Gervais, J. (2008). Exploratory study on the discourse of an interdisciplinary team on workers: trajectories during a return-to-work programme. *Perspectives interdisciplinaires sur le travail et la santé*, 10, 2, 1-18. DOI: 10.4000/pistes.2232
- Freire, J. (1991). Imigrantes, capatazes e segurança no trabalho da construção civil. *Organizações e Trabalho*, 5/6, 147-154.

- <http://www.apsiot.pt/index.php/organizacoes-e-trabalho-n-5-6-dezembro-1991/61-revista-o-t/revista0506/283-joao-freire-imigrantes-capatazes-e-seguranca-no-trabalho-da-construcao-civil-pp-147-154>.
- Gabinete de Estratégia e Planeamento (2010). Coleção *Estatísticas – Acidentes de trabalho*. Lisboa: Ministério da Solidariedade e da Segurança Social.
- Gabinete de Estratégia e Planeamento (2017). *Estatísticas em Síntese – Acidentes de Trabalho, 2015*. Lisboa: GEP.
- Goffman, E. (1983). The Interaction Order. *American Sociological Review*, 48, 1, 1-17. <http://www.jstor.org/stable/2095141> <https://doi.org/10.2307/2095141>
- Goodwin, K. (2009). *Designing for the Digital Age: How to Create Human-Centered Products and Services*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Hareven, T. & Masaoka, K. (1988). Turning points and transitions: perceptions of the life course. *Journal of Family History*, 13, 3, 271-289. <https://doi.org/10.1177/036319908801300117>
- Hélandot, V. (2006). Parcours professionnels et histoires de santé: une analyse sous l'angle des bifurcations. *Cahiers internationaux de sociologie*, 120, 59-83. http://www.cairn.info/article.php?ID_ARTICLE=CIS_120_0059 <https://doi.org/10.3917/cis.120.0059>
- Hu, J., Jiang, Y., Liang, Y., Yu, I. T., Leng, H., & He, Y. (2013). Predictors of return to work and duration of absence following work-related hand injury. *International Journal of Injury Control and Safety Promotion*, 21, 3, 216-223. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23638695>
- Kaufmann, J. C. (1996). *L'entretien compréhensif*. Paris: Éditions Nathan.
- Kosny, A., Lifshen, M., Pugliese, D., Majesky, G., Kramer, D., Steenstra, I., Soklaridis, S., & Carrasco, C. (2012). Buddies in bad times? The role of co-workers after a work-related injury. *Journal of Occupational Rehabilitation*, 23, 3, 438-449. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23271499>
- Kotler, P. & Armstrong, G. (2013). *Principles of Marketing* (6ª edição). Edimburgo: Pearson.
- Laurel, B. (2003). *Design Research: Methods and Perspectives*. Cambridge: The MIT Press.
- Lima, T. M. (2004). Trabalho e risco no setor da construção civil em Portugal: desafios a uma cultura de prevenção. *Oficina do CES*, n.º 211. Coimbra: Centro de Estudos Sociais de Coimbra.
- Lima, T. M. (2012). Acidentes de trabalho e experiências de sinistralidade: desafios à reparação e proteção social. In H. V. Neto, J. Areosa, & P. Azeres (Eds.), *Impacto Social dos Acidentes de Trabalho* (pp. 323-344). Vila do Conde: Civeri Publishing. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/20091>
- Magalhães, T. & Antunes, I. (2012). Acidentes de trabalho. Avaliação médico-legal dos danos na pessoa. In H. V. Neto; J. Areosa; P. Azeres (Eds.), *Impacto social dos acidentes de trabalho* (pp. 266-287). Vila do Conde: Civeri Publishing.
- Martin, J.-C. & Baril, R. (1995). L'exclusion comme effet de trajectoire administrative et de cheminement individuel. *Lien social et Politiques*, 34, 131-140. DOI:10.702/005183ar
- Mendes, J. M. O. (2003). *Perguntar e observar não basta, é preciso analisar: algumas reflexões metodológicas*. Coimbra: FEUC-CES. <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/194/194.pdf>
- Monteiro, B. (2017). Fogo que arde sem se ver: sofrimento social entre sinistrados no trabalho. *Le Monde Diplomatique Edição Portuguesa - Dossier O acidente de trabalho não é o fim da história*, 127, 8-9.
- Pereira, C., Santos, M., Cunha, L., & Lacomblez, M. (2017). O regresso ao trabalho após o acidente sob o prisma do género. *Le Monde Diplomatique Edição Portuguesa - Dossier O acidente de trabalho não é o fim da história*, 127, 10.
- Pinto, J. M. (1996). Contributos para uma análise dos acidentes de trabalho na construção civil. *Cadernos de Ciências Sociais*, 15-16, 87-119.
- Pinto, J. M. (2017). Impactos do acidente sobre a vida profissional: rendimentos, emprego e relações de trabalho. *Le Monde Diplomatique Edição Portuguesa - Dossier O acidente de trabalho não é o fim da história*, 127, 4-5.
- Quériaud, C., Dugué, B., & Petit, J. (2015). Les enjeux organisationnels de la reprise du travail de salariés après une longue absence. *Perspectives interdisciplinaires sur le travail et la santé*, 17-1, 1-24. <http://journals.openedition.org/pistes/4469> <https://doi.org/10.4000/pistes.4469>
- Rabardel, P. (1995). *Les hommes et les technologies: approche cognitive des instruments contemporains*. Paris: Armand Colin.
- Ramos, S. (2006). *Envelhecimento, trabalho e cognição: do laboratório para o terreno na construção de uma alternativa metodológica*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal.
- Rodrigues, V. (2017). As interações do sinistrado no trabalho com as instituições. *Le Monde Diplomatique Edição Portuguesa - Dossier O acidente de trabalho não é o fim da história*, 127, 6-7.
- Roxo, M. M. (2001). *Segurança e Saúde do Trabalho: avaliação e controlo de riscos profissionais*. Coimbra: Almedina.
- Roxo, M. M. (2011). *Direito da Segurança e Saúde no Trabalho: da prescrição do seguro à definição e desempenho*. Coimbra: Almedina.
- Santos, B. S., Gomes, C., & Ribeiro, T. (2012). Os acidentes de trabalho nos tribunais portugueses. In H. V. Neto, J. Areosa, & P. Arezes (Eds.), *Impacto Social dos Acidentes de Trabalho* (pp. 228-264). Vila do Conde: Civeri Publishing. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/20091>
- Siblot, Y. (2006). *Faire valoir ses droits au quotidien. Les services publics dans les quartiers populaires*. Paris: Presses de Sciences Po.
- Stewart, A., Polak, E., Young, R., & Schultz, I. Z. (2012). Injured workers' construction of expectations of return to work with sub-acute back pain: the role of perceived uncertainty. *Jour-*

- nal of Occupational Rehabilitation*, 22, 1-14. DOI: 10.1007/s10926-011-9312-6
- Testenoire, A. & Trancart, D. (2011). *Parcours professionnels, ruptures et transitions. Inégalités face aux événements de santé*. Centre d'études de l'emploi: Rapport de recherche, n°65. <http://www.cee-recherche.fr/publications/rapport-de-recherche/parcours-professionnels-ruptures-et-transitions-inegalites-face-aux-evenements-de-sante>
- Zaccaï-Reyners, N. (1995). *Le monde de la vie*: Dilthey et Husserl. Paris: Les Éditions du CERF.
-
- ## NOTAS
- [1] Os dados mais recentes relativos a esta temática, disponibilizados pelo Gabinete de Estratégia e Planeamento – Ministério do Trabalho, Solidariedade de Segurança Social, reportam-se ao ano de 2015, e encontram-se sistematizados na publicação Acidentes de Trabalho – Coleção Estatísticas.
- [2] Vd., entre outros, Roxo (2001; 2011); Lima (2004); Pinto (1996); Areosa (2010; 2012); Freire (1991); Barros-Duarte e Cunha (2014).
- [3] Vd., entre outros, Baril (2002); Durand, Baril, Loisel e Gervais (2008); Hu et al. (2013).
- [4] Vd., entre outros, Stewart, Polak, Young e Schultz (2012).
- [5] Vd., entre outros, Kosny et al. (2012).
- [6] Vd., entre outros, Durand, Baril, Loisel e Gervais (2008); Quériaud, Dugué e Petit (2015).
- [7] Sobre os acidentes de trabalho nos tribunais portugueses, ver Santos, Gomes e Ribeiro (2012), e sobre a avaliação médico-legal dos danos no sinistrado, ver Magalhães e Antunes (2012).
- [8] Sobre experiências de sinistralidade e desafios à reparação, ver Lima (2012).
- [9] Esta rutura pode ainda associar-se ao conceito de *turning points*, explorado nomeadamente por Hareven e Masaoka (1988), que diz respeito a mudanças percebidas subjetivamente pelos indivíduos como eventos que reorientaram a sua trajetória.
- [10] Os estudos sobre as bifurcações estão associados ao desenvolvimento de métodos longitudinais, estatísticos ou qualitativos, que permitem apreender a diversificação dos percursos dos indivíduos (Testenoire & Trancart, 2011).
- [11] Projeto de investigação realizado por uma equipa multidisciplinar de psicólogos do trabalho e sociólogos, promovido, em 2016, pela Associação Nacional dos Deficientes Sinistrados do Trabalho (ANDST), e financiado pelo Programa Nacional de Financiamento a Projetos do INR-Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.
- [12] Para mais informação sobre estes instrumentos, ver Kotler & Armstrong (2013), Goodwin (2009) e Laurel (2003).
- [13] Os mapas de percurso foram elaborados com recurso ao software Adobe InDesign.
- [14] Da análise dos dados, para além do Relatório Final do Projeto e de Seminários de apresentação de resultados, resultaram até ao momento as seguintes publicações: Monteiro (2017); Pereira, Santos, Cunha e Lacomblez (2017); Pinto (2017); Rodrigues (2017).
- [15] O principal instrumento de recolha de informação utilizado na referida investigação foi um inquérito por questionário que integrou diferentes vertentes de análise - as circunstâncias do acidente, as condições de emprego e de trabalho, os percursos institucionais e a multidimensionalidade dos impactos que deste decorrem (a nível pessoal, familiar, social, profissional). Contudo, ainda antes da conclusão da elaboração do mesmo, e para que pudesse haver uma aproximação prévia dos investigadores à realidade dos sinistrados e à multiplicidade de variáveis consideradas num processo pós-sinistro, revelou-se importante integrar uma dimensão qualitativa que auxiliasse, nomeadamente, na identificação de temas e perguntas que nele deveriam constar. O exercício reflexivo levado a cabo com a elaboração dos mapas de percurso viria a ter, assim, um papel importante no ajustamento da estrutura e no rigor e adequação das questões do inquérito por questionário.
- [16] A realidade da sinistralidade laboral afeta em maior número os homens e a grande maioria das incapacidades permanentes que resultam dos acidentes de trabalho são inferiores a 20%. Foram entrevistados 6 homens e 4 mulheres. Dos 10 entrevistados, e no que respeita à atribuição das incapacidades, 5 tinham uma incapacidade permanente parcial inferior a 20%, 2 tinham uma incapacidade permanente parcial superior a 20%, 3 não souberam precisar. Em relação à situação perante o emprego, de entre os 10 entrevistados, 6 regressaram ao trabalho na mesma entidade patronal, um dos quais foi despedido um mês depois do regresso por não conseguir realizar as mesmas tarefas e outro solicita reforma por invalidez, depois de 6 meses a trabalhar; 4 encontravam-se desempregados (três deles de baixa no momento da entrevista e dois, simultaneamente, a aguardar a decisão do Tribunal do Trabalho), sendo que um deles foi despedido um mês depois do regresso e outro não viu o seu contrato renovado após o acidente de trabalho.
-
- ## COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO?
- Pereira, C. & Rodrigues, V. (2018). A reconstituição de experiências após um acidente de trabalho: mapas de percurso como instrumento de análise. *Laboreal*, 14(1), 25-36. <http://dx.doi.org/10.15667/laborealxiv0118cp>

PESQUISA EMPÍRICA

O ESPAÇO EXPERIENCIAL DA DOR: SOFRIMENTO, CORPO E INSCRIÇÃO SOCIAL DEPOIS DO ACIDENTE DE TRABALHO ENTRE TRABALHADORES INDUSTRIAIS PORTUGUESES.

BRUNO MONTEIRO ^[1] & VIRGÍLIO BORGES PEREIRA ^[2]

[1] Instituto de Sociologia da
Universidade do Porto
Faculdade de Letras da
Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto, Portugal
bjrmonteiro@gmail.com

[2] Departamento de Sociologia da
Faculdade de Letras e Instituto de
Sociologia da Universidade do Porto
Faculdade de Letras da
Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto, Portugal
jpereira@letras.up.pt

PALAVRAS-CHAVE

Pós-acidente;
Incorporação;
Dor;
Divisões sociais;
Experiência vivida.

RESUMO

Este artigo apresenta resultados preliminares de um estudo sociológico sobre a experiência de sofrimento físico e social de trabalhadores portugueses que sofreram um acidente de trabalho. Por via da combinação entre métodos distintos, usando um inquérito extensivo de uma amostra nacional de trabalhadores sinistrados e entrevistas em profundidade, este artigo identifica as principais características que definem a experiência vivida dessas dores e explora, a partir da Análise de Correspondências Múltiplas, as virtualidades concedidas por uma leitura relacional da informação em termos sociológicos. Além de mostrar que a desigualdade está intensamente associada à (re)produção de acidentes laborais, este artigo argumenta que as inscrições sociais e os dispositivos institucionais têm um contributo importante na definição das experiências de sofrimento pós-sinistro.

PALABRAS-CLAVE

Pos-acidente;
Incorporación;
Dolor;
Divisiones sociales;
Experiencia vivida.

RESUMEN**EL ESPACIO EXPERIENCIAL DEL DOLOR: SUFRIMIENTO, CUERPO E INSCRIPCIÓN SOCIAL TRAS UN ACCIDENTE DE TRABAJO ENTRE TRABAJADORES INDUSTRIALES PORTUGUESES.**

Este artículo presenta los resultados preliminares de un estudio sociológico sobre la experiencia física y social del sufrimiento en trabajadores portugueses que han tenido un accidente de trabajo. A través de la combinación de distintos métodos, utilizando una encuesta extensiva en una muestra nacional de trabajadores víctimas de accidentes y entrevistas en profundidad, este artículo identifica las principales características que definen la experiencia vivida de esos dolores. Asimismo, explora, a partir

Manuscrito recebido em:
janeiro/2018
Aceite após peritagem:
junho/2018

del Análisis de Correspondencia Múltiple, las virtualidades concedidas por una lectura relacional de la información en términos sociológicos. Además de mostrar que la desigualdad se encuentra intensamente asociada a la (re)producción de accidentes laborales, este artículo explica cómo las inscripciones sociales y los dispositivos institucionales contribuyen a la definición de las experiencias de sufrimiento tras el siniestro.

MOTS CLÉS

Post-accident;
incorporation;
Douleur;
Divisions sociales;
Expérience vécue.

RÉSUMÉ

L'ESPACE EXPÉRIENTIEL DE LA DOULEUR: SOUFFRANCE, CORPS ET INSCRIPTION SOCIALE APRÈS L'ACCIDENT DE TRAVAIL PARMI LES TRAVAILLEURS INDUSTRIELS PORTUGAIS.

Cet article présente des résultats préliminaires d'une étude sociologique sur l'expérience de la souffrance physique et sociale des travailleurs portugais qui ont eu un accident de travail. À partir d'une combinaison de différentes méthodes, et en utilisant des résultats d'une enquête extensive d'un échantillon national de travailleurs sinistrés et des entretiens en profondeur, cet article identifie les principales caractéristiques de l'expérience vécue de ces douleurs et explore, à partir de l'usage de l'Analyse de Correspondances Multiples, les virtualités d'une lecture relationnelle de l'information en termes sociologiques. Outre la démonstration de l'importance de l'association entre les inégalités sociales et la (re)production des accidents de travail, l'article argumente que les positions sociales occupées par les agents et les dispositifs institutionnels ont une contribution importante dans la définition des expériences de la souffrance après le sinistre.

KEYWORDS

Post-injury;
Embodiment;
Pain;
Social divisions;
Lived experience.

ABSTRACT

THE EXPERIENTIAL SPACE OF PAIN: SUFFERING, BODY AND SOCIAL INSCRIPTION AFTER THE WORK ACCIDENT AMONG PORTUGUESE INDUSTRIAL WORKERS.

This paper discusses some preliminary results of a mix-method sociological study about the experience of physical and social suffering lived by Portuguese workers involved in labour accidents. Based on an extensive survey to a national sample of injured workers and in-depth interviews, the paper identifies the major characteristics of the workers' lived experience of physical and social pain and explores, with the help of Multiple Correspondence Analysis, the gains obtained from a socio-relational reading of this information. Besides showing that inequality is heavily inscribed in the (re)production of labour accidents, the

paper arguments that social inscriptions and institutional devices have a major role in the definition of the suffering experienced by the surveyed injured workers.

1. INTRODUÇÃO: UMA «GUERRA CIVIL» INVISÍVEL EM PORTUGAL

Ao longo dos treze anos compreendidos entre 2000 e 2021, teve lugar uma «guerra civil» em Portugal, somando 3196 vítimas mortais. Dando uma tangibilidade inesperada à expressão utilizada por Karl Marx, este número é apenas a expressão mais dramática dos acidentes de trabalho ocorridos durante aquele período de tempo, compreendendo de 215.632 a 248.097 acidentes todos os anos e implicando uma perda anual entre 6.088.165 e 7.624.893 dias de trabalho. O impacto do acidente sobre as dimensões pessoais, as práticas quotidianas e o apoio institucional vê-se, por vezes, estudado em separado, isolando cada uma dessas vertentes em pesquisas parciais e parcelares. A investigação integrada sobre a sua imbricação comum numa mesma trajetória biográfica – por outras palavras, num mesmo corpo socializado (Wacquant, 1998) – apela para uma «sociologia de indivíduos» mais do que para uma «sociologia de variáveis». Usando os materiais empíricos reunidos num recente projeto de investigação, este artigo procura apresentar o espaço experiencial da dor que se constitui para distintos grupos de trabalhadores industriais que sofreram acidentes de trabalho em Portugal. A partir deste ponto de vista analítico, podemos visualizar as associações e contrastes estabelecidos entre as dimensões da dor aparentemente mais «pessoais», os dispositivos institucionais usados para o tratamento e a reabilitação, e as redes e práticas que sustentam a vida prosaica destes trabalhadores depois da ocorrência de um acidente laboral. Neste artigo, tentou-se suplementar a leitura relacional dos dados estatísticos que informa esta abordagem sociológica com os contributos trazidos pelas observações etnográficas e epidemiológicas que interrogam as vertentes sociais e culturais da incorporação, até nos seus aspetos mais imediatamente tidos por «biológicos» (Lock and Kaufert, 2001; Schepers-Hughes and Lock, 1987; Holmes, 2013). Deste modo, procurou-se renovar a rearticulação entre as dimensões «objetivas» e «subjectivas» das consequências biográficas pós-sinistro, que permanecem incommunicáveis entre elas quando são analiticamente distribuídas por distintas especializações académicas e científicas.^[1]

2. ACIDENTES DE TRABALHO, EXPERIÊNCIAS DE DOR E SITUAÇÃO SOCIOINSTITUCIONAL

Lidar com uma noção carregada de preconceitos de senso comum, como sucede com «acidente de trabalho», implica a concretização de ruturas epistemológicas abruptas – ou, vendo-as de outro modo, aproveitar os próprios obstáculos que se colocam durante a pesquisa como oportunidades para desafiar os limites assumidos, ainda que inconscientemente, a respeito do desenvolvimento de uma sociologia da incorporação dos acidentes de trabalho alinhada com os incentivos trazidos por uma epidemiologia social (vd. Krieger, 2005). Por razões de concisão, vamos selecionar um grupo de quatro princípios de interpretação sobre acidentes que trabalho que, especialmente resilientes entre as conceções populares e eruditas a seu respeito, mereceram ser desafiadas desde o início da nossa pesquisa. Primeiro, o acidente não é o fim da história. No entanto, quando comparado com a pletera de estudos sobre as determinantes sociais e ecológicas dos acidentes de trabalho, o número de pesquisas sobre o pós-sinistro é mais escasso (Ghisi et al, 2012). Tem grande relevância o estudo das consequências sociais, institucionais e pessoais que derivam da ocorrência de um acidente de trabalho, que tende a deslizar para a «invisibilidade» ainda que seja literalmente incorporado pelo trabalhador sinistrado (Daubas-Letourneux, 2012). Há «mais do que o olho avista» para além do horizonte do acidente, incluindo implicações que são físicas e mentais, tal como são sociais e emocionais (Lax and Klein, 2008).

Segundo, a própria trajetória pós-acidente está estruturada por vetores sociológicos que explicam variações na magnitude da dor, no enquadramento institucional da reabilitação ou reinserção, ou nas redes de sociação – em suma, as consequências do acidente estão longe de ser eles próprias acidentais em termos sociais (Desmarez, Godin e Renneson, 2007). Em oposição a uma «des-socialização» da própria noção de acidente de trabalho (Renoir, 1980), é importante sublinhar a necessidade de suplementar as interpretações ergonómicas, tecnológicas ou psicológicas por meio da ênfase sobre o encastramento sociológico dos trabalhadores sinistrados.

Terceiro, as reverberações biográficas do acidente de trabalho não significam tomar individualmente os trabalhadores como recetores passivos de um «destino». São desenvolvidas estratégias para lidar com o acidente e as suas implicações, ainda que

de maneira sensível aos atributos sociais, culturais e económicos que caracterizam os trabalhadores em questão – uma circunstância que pode dobrar o viés inicial criado pela estruturação social sobre a incidência assimétrica de acidentes de trabalho entre as distintas ocupações e setores. Aliás, a disponibilidade e as utilizações das «tecnologias de cuidado» são elas próprias condicionadas por tais mediações (Lovelock, 2012).

Por último, existe uma limitação especificamente analítica, nascida de tradições disciplinares que tendem a excluir entre si o social e o biológico, o económico e o interpessoal, o psicológico e o institucional como componentes independentes dentro do universo das pesquisas sobre o pós-sinistro (Dembe, 2001). Daqui surge a necessidade de desenvolver uma abordagem teórico-metodológica que sobreponha as lentes física, psicológica e sociológica no estudo das trajetórias biográficas subsequentes ao acidente de trabalho, incluindo os processos de regresso ao trabalho (Franche e Krause, 2002). A presente pesquisa foi uma tentativa para mostrar, pela mera composição da equipa de investigação, que é possível superar na prática os cânones mais consagrados que separam sociologia e psicologia – e, deste modo, resgatar o projeto maussiano de uma sua imbricação (Mauss, 1969). Tendo este propósito mais abrangente, este artigo procura precisamente construir e explorar o espaço experiencial da dor que nasce de um acidente de trabalho.

3. MÉTODO

O projeto de investigação “Regresso ao trabalho depois do acidente: superar obstáculos” foi promovido pela Associação Nacional dos Deficientes Sinistrados no Trabalho (ANDST), com o apoio do Instituto Nacional para a Reabilitação, entre Março e Novembro de 2016. A equipa de investigação era constituída por sociólogos e psicólogos do trabalho, visando estabelecer uma plataforma comum que fosse capaz de exibir, discutir e, desejavelmente, corrigir os enviesamentos, limitações ou desconhecimentos mútuos decorrentes de culturas de conhecimento específicas e das próprias divisões do trabalho científico (“social” vs. “individual”, “objetivo” vs. “subjetivo”, ...), enquanto beneficiava de uma combinação de heranças paradigmáticas e das respetivas técnicas de inquirição. O projeto teve como peça central a aplicação de um inquérito por questionário a sinistrados do trabalho. A construção deste beneficiou da realização prévia de 12 entrevistas em profundidade, que permitiram a reconstrução das trajetórias biográficas e institucionais de indivíduos sinistrados em acidentes de trabalho. Juntamente com a revisão de investigações prévias sobre o tema, estas entrevistas foram usadas para selecionar os elementos sociais e profissionais críticos para a comparação das situações dos entrevistados antes e depois do acidente, para mapear os enquadramentos institucionais durante os processos de reabilitação e de reparação e para identificar os

aspectos pessoais e coletivos da fase pós-acidente contemplados no desenho do inquérito.

O inquérito continha 53 questões, divididas por três núcleos principais de pesquisa: caracterização sociográfica; circunstâncias e consequências do acidente; e a vida quotidiana depois do acidente. Baseado num diálogo com investigação sociológica anterior sobre a estruturação do território português (Ferrão, 2017) e sobre o significado das divisões sociais e da sua relevância nos acidentes de trabalho (Pinto e Queiroz, 1990; Pinto, 2000), o inquérito deu prioridade à recolha de informação sociográfica sobre o sexo, a idade, o estatuto marital, a composição familiar, a escolarização, o local de nascimento e de residência, a situação laboral, o desemprego, assim como sobre a profissão atual dos respondentes. Privilegiando o estudo enraizado das circunstâncias e consequências do acidente (Burdof et al., 1997; Dembe, 2001; Keller, 2001), o inquérito permitiu a reunião de informação significativa sobre os acidentes dos inquiridos, incluindo medidas extensivas sobre os impactos físicos e psicológicos nos indivíduos, como o *Nottingham Health Profile* ^[2], e o apoio institucional que receberam. Para além da descrição do acidente, o inquérito reteve elementos adicionais sobre a situação social dos inquiridos antes e depois do acidente – tipo de incapacidade, fonte de rendimento, profissão e calendário de trabalho diário, entre outras informações, foram especificamente documentadas no inquérito. O estudo da (re)constituição da vida quotidiana dos inquiridos depois do acidente, inspirado por resultados anteriores de pesquisas sobre o quotidiano de trabalhadores portugueses (Monteiro, 2014; Pereira, 2011), envolveu o inventário de informação sobre a dinâmica familiar, o tempo de lazer, as práticas de sociabilidade e as perspetivas sobre o futuro pessoal.

Foi, assim, construída uma amostra nacional representativa de população sinistrada no trabalho. Esta reteve o género e a região como critérios de representatividade, de acordo com a distribuição do número de acidentes de trabalho registada nas últimas estatísticas nacionais disponíveis à data sobre acidentes de trabalho (2010). A seleção dos casos individuais foi realizada, de modo aleatório, a partir da base de dados da própria ANDST, com a exceção de casos de associados com mais de dez anos de inscrição, uma vez que tal circunstância poderia impedir um relato detalhado do acidente. Através do estabelecimento de limiares para as dimensões de género e regionais consideradas, os potenciais enviesamentos contidos na base de dados revista (4097 indivíduos) foram controlados, pelo menos, nestas dimensões. O género e a região foram retidos como variáveis de seleção para a estruturação da amostra por serem as informações mais exaustivas disponíveis na base de dados da Associação. Não obstante limitações intrínsecas, esta opção assegurou a robustez e a confiança necessária à utilização da amostra, para além de permitir um uso adequado dos recursos limitados disponíveis para o desenvolvimento deste projeto de investigação. Os detalhes sobre a gravidade do acidente eram de difícil recolha, ou encontravam-se incompletos, na base de dados da Associação, razões que estiveram subjacentes à respetiva não

inclusão na construção da amostra. O mesmo se aplica às diferentes ocupações profissionais. As definições das profissões dos membros no momento do acidente estavam registadas de modo impreciso ou equívoco na base de dados, tornando, por isso, arriscada qualquer tentativa de as agregar em categorias mais vastas – na verdade, foi apenas o inquérito que permitiu determinar com maior precisão as profissões dos inquiridos.

O inquérito permitiu a reunião de informação relativa a um total de 366 indivíduos, de acordo com um procedimento que fora desenhado para ultrapassar quer as limitações do projeto (urgência temporal, equipa de pesquisa com apenas dois investigadores no terreno juniores a tempo parcial, restrições financeiras) quer as limitações decorrentes de uma população a inquirir geograficamente dispersa e fisicamente fragilizada (e, frequentemente, constrangida economicamente, dados os perfis sociais detetados durante os contatos). Depois da seleção de casos elegíveis para o inquérito, um contato telefónico com os potenciais inquiridos era estabelecido com o objetivo de explicar as ambições do inquérito e o pedido de colaboração efetuado; quando a colaboração era objeto de aceitação, um exemplar do inquérito era enviado pelo correio com instruções e um envelope para a respetiva devolução. Uma segunda chamada telefónica era efetuada para confirmar a receção do inquérito e para dar instruções adicionais ou resolver questões decorrentes do contato com o inquérito. Beneficiando das visitas ocasionais à Associação, ou de iniciativas desta, um número mais pequeno de membros da Associação (N=40) foi inquirido pessoalmente sempre que preenchiam as exigências metodológicas. Nestes casos, era solicitado a colaboradores permanentes da Associação para aplicarem eles próprios o inquérito aos membros conhecidos naquelas visitas. Dos 760 inquéritos distribuídos destes dois modos, recolheram-se 366, perfazendo uma taxa de devolução de 48,2%. Durante a aplicação do inquérito, os colaboradores cumpriram as instruções metodológicas mais rigorosas, o que foi confirmado pela presença daqueles dois membros juniores da equipa de pesquisa de terreno nas instalações da Associação, circunstância que lhes permitiu também verificar pessoalmente todos os inquéritos recebidos pelo correio. A amostra constituída pelos inquéritos válidos era fundamentalmente constituída por homens (77%), 40% dos respondentes tinham 55 ou mais anos. Para os objetivos da pesquisa aqui apresentada, a informação reunida nos inquéritos foi usada para construir uma base de dados, submetida posteriormente a um tratamento e a uma interpretação necessários à sua leitura relacional, que apresentaremos na secção seguinte deste texto. De modo a maximizar o potencial da análise, a nossa leitura relacional focar-se-á nos inquiridos com uma ocupação profissional específica no período do acidente, retendo, em concreto, os trabalhadores que exerciam profissões enquanto operários industriais, o que corresponde a 186 inquiridos. 93% destes trabalhadores são homens. 39% tinham 55 ou mais anos. Dada esta concentração, optou-se por não fazer incidir a análise sobre o significado das divisões de género.

4. AS MODALIDADES DA EXPERIÊNCIA POSTERIOR AO ACIDENTE DE TRABALHO DOS OPERÁRIOS INDUSTRIAIS: UMA LEITURA RELACIONAL

Tomando por referência a informação apresentada na Tabela 1, desenvolvemos um procedimento iterativo que permitiu a produção de uma leitura sociológica relacional (Bourdieu, 1979^a) do impacto do acidente de trabalho na vida quotidiana dos operários industriais inquiridos no âmbito da pesquisa. Esta leitura relacional, informada pelos princípios da Análise Geométrica de Dados e realizada com base numa Análise de Correspondências Múltiplas ^[3] (ACM) “específica” ^[4] (Le Roux & Rouanet, 2010), retém 26 questões, 62 modalidades, organizadas de acordo com três temas: sociabilidade quotidiana e atividades culturais depois do acidente (nove variáveis, 23 modalidades); a relação dos inquiridos com diferentes instituições com um papel na definição dos respetivos acidentes (nove variáveis; 18 modalidades); e a leitura dos inquiridos sobre a natureza e o impacto do acidente de trabalho que sofreram (oito variáveis; 21 modalidades). A Tabela 2 apresenta os eixos, valores próprios, taxas de variância e taxas de variância modificadas da ACM “específica”, que desenvolvemos com recurso ao programa de análise e tratamento de dados SPAD versão 7. 4. A análise retém os resultados dos dois primeiros eixos, que têm uma taxa modificada de 78,36% e, como veremos, são suscetíveis de uma leitura relacional significativa tanto em termos estatísticos como sociológicos.

Representações do impacto do acidente (R)	Práticas quotidianas após acidente de trabalho (sociabilidade e cultura) (P)	Apoio Institucional (I)
Perfil legal da incapacidade (6 modalidades)	Praticar desporto (3 modalidades; 1 passiva)	Empresa (2 modalidades)
Ter dor depois do acidente (2 modalidades)	Jardinagem (3 modalidades; 1 passiva)	Tribunal (2 modalidades)
Ter medo depois do acidente (2 modalidades)	Tarefas domésticas (3 modalidades)	Companhia de seguros (2 modalidades)
Ter vergonha depois do acidente (2 modalidades)	Atividades sociais (3 modalidades; 1 passiva)	Hospital (2 modalidades)
Ter um mau futuro por causa do acidente (2 modalidades)	Leitura (3 modalidades)	Sindicato (2 modalidades)
Sentir-se desconfortável com o próprio corpo por causa do acidente (2 modalidades)	Ir ao café (3 modalidades)	Família e amigos (2 modalidades)
Reabilitação física depois do acidente (3 modalidades; 1 passiva)	Sair com amigos (3 modalidades)	ACT (2 modalidades)

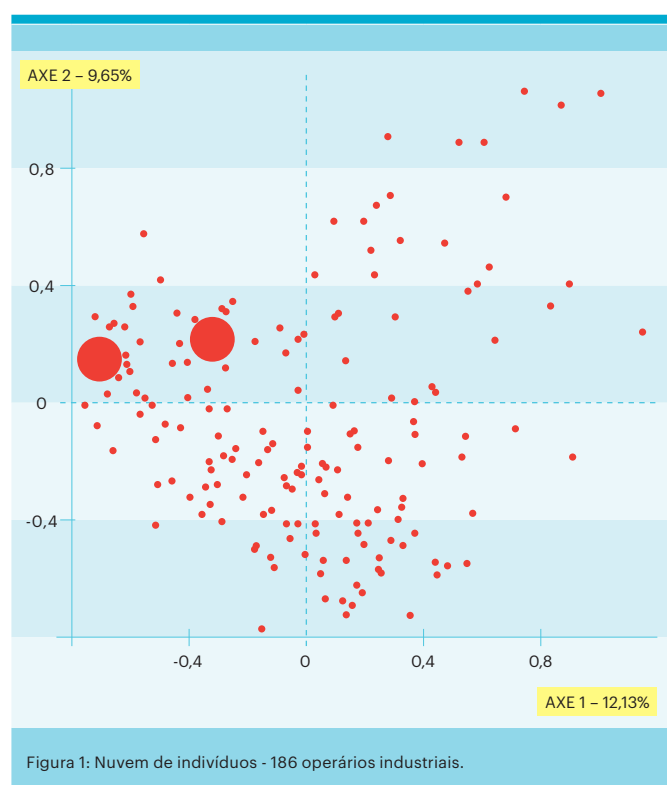
Reabilitação psicológica depois do acidente (3 modalidades)	Andar a pé (3 modalidades)	Instituto Nacional de Reabilitação (2 modalidades)
	Ira o cinema (3 modalidades)	Segurança Social (2 modalidades)
Oito variáveis; 21 modalidades	Nove variáveis; 23 modalidades	Nove variáveis; 18 modalidades

Tabela 1: variáveis usadas na leitura relacional da experiência do pós-acidente de trabalho.

Eixos	Valores próprios	Taxas de Variância (%)	Taxas de Variância Modificada (%)
1	0,1646	12,13	50,01
2	0,1309	9,65	28,35
3	0,0789	5,09	6,9
4	0,0690	4,71	4,47

Tabela 2: Exposição e Incómodo médio em cada dimensão.

A Figura 1 apresenta a nuvem dos indivíduos dos 186 trabalhadores industriais que foram submetidos ao procedimento de análise estatística enunciado.

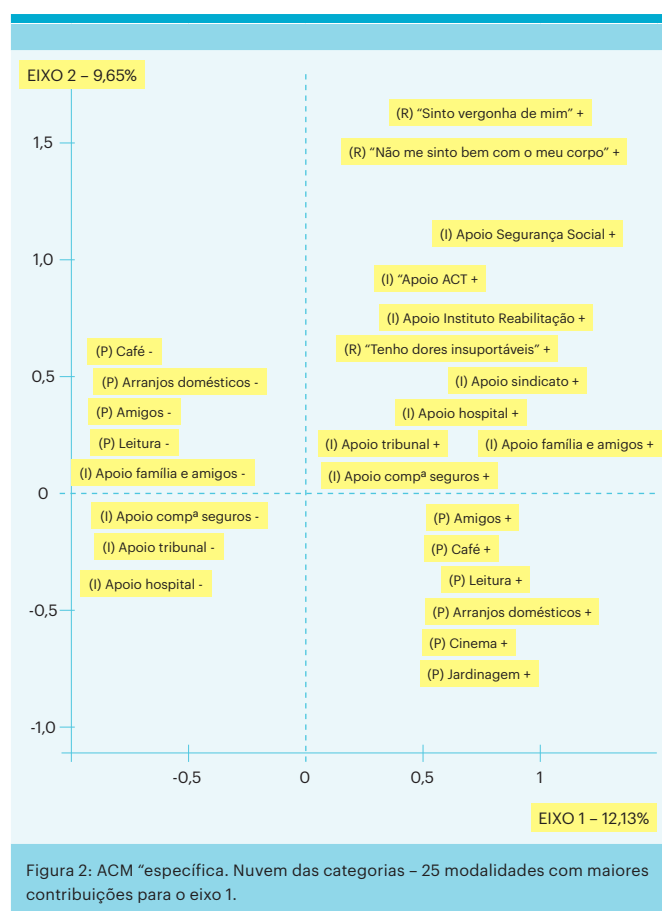


A Tabela 3 e a Figura 2 apresentam o primeiro eixo da ACM “específica”, que tem uma taxa modificada de 50,01%, com as suas 25 categorias mais significativas. As modalidades aqui representadas contribuem com 78,2% da variância do eixo. Em suma, no lado direito podemos encontrar as modalidades que dizem respeito à prática pelos operários industriais inquiridos de uma sociabilidade moderada e ao usufruto de um apoio institucional relevante (com mobilizações de diferentes instituições, i.e. Segurança Social ou Sindicatos) associadas a sentimentos acrescidos de dor (com uma contribuição global de 51,0% para a variância do eixo). No lado esquerdo da figura, associam-se as experiências definidas pela ausência de práticas de sociabilidade e de apoio institucional (com uma contribuição de 27,2% para a variância do eixo).

VARIÁVEIS E MODALIDADES	Contribuições	
	Eixo 1	
	Esquerdo	Direito
(R) DORES INSUPORTÁVEIS POR CAUSA AT		
Tenho dores insuportáveis +		2.0
(R) VERGONHA POR CAUSA AT		
Sinto vergonha		4.0
(R) NÃO ME SINTO BEM CORPO POR CAUSA AT		
“Não me sinto bem com o meu corpo”		2.0
(P) PRÁTICA DA JARDINAGEM APÓS AT		
Jardinagem +		1.9
(P) ARRANJOS DOMÉSTICOS APÓS AT		
Arranjos domésticos -	2.7	
Arranjos domésticos +		2.8
(P) PRÁTICA DE LEITURA APÓS AT		
Leitura -	3.3	
Leitura +		2.3
(P) IDA AO CAFÉ APÓS AT		
Café -	3.7	
Café +		2.6
(P) SAIR COM AMIGOS APÓS AT		
Amigos -	5.5	
Amigos +		3.8

(P) IDA AO CINEMA APÓS AT		
Cinema +		2.5
(I) APOIO DO TRIBUNAL APÓS AT		
Tribunal +		2.6
Tribunal -	2.5	
(I) APOIO DA SEGURADORA APÓS AT		
Seguradora +		1.8
Seguradora -	2.4	
(I) APOIO DO HOSPITAL APÓS AT		
Hospital: +		3.8
Hospital -	2.4	
(I) APOIO DO SINDICATO APÓS AT		
Sindicato +		2.5
(I) APOIO FAMILIAR APÓS AT		
Família +		3.1
Família -	4.8	
(I) APOIO ACT APÓS AT		
ACT +		4.8
(I) APOIO INR APÓS AT		
INR +		4.6
(I) APOIO SEGURANÇA SOCIAL APÓS AT		
Seg. social +		2.9
Total das contribuições	27.2	51.0

Tabela 3: 25 modalidades significativas representadas na Figura 2 e respetivas contribuições para o eixo 1.



A Tabela 4 e a Figura 3 representam os resultados do segundo eixo "específico", que tem uma taxa modificada de 28,35%, com as suas 24 categorias mais significativas. As modalidades aqui em questão contribuem com 85,2% da variância do eixo. No lado superior do eixo, para além da presença de sentimentos de medo, de vergonha e de dor, que se acompanharam de um seguimento psicológico, podemos identificar a associação entre estas leituras e o reconhecimento da importância do apoio institucional obtido no Sindicato ou na Segurança Social, assim como o significado da ausência de práticas de sociabilidade e de atividades culturais (em conjunto, estas modalidades contribuem com 59,5% da variância do eixo "específico"). Em oposição, no lado inferior do eixo, podemos encontrar experiências definidas por contribuições significativas de diferentes práticas de sociabilidade e de atividades culturais que são desenvolvidas de modo intenso ou moderado (25,7% de contribuição para a variância do eixo).

VARIÁVEIS E MODALIDADES	Contribuições	
	Eixo 2	
	Cima	Baixo
(R) DORES INSUPORTÁVEIS POR CAUSA DO ACIDENTE DE TRABALHO (AT)		
“Tenho dores insuportáveis” +	2.9	
(R) TENHO MEDO POR CAUSA AT		
“Tenho medo”	4.6	
(R) TENHO VERGONHA POR CAUSA AT		
“Sinto vergonha”	7.6	
(R) FUTURO MAU POR CAUSA DA CAUSA AT		
“Acho que o futuro vai ser mau”	6.6	
(R) NÃO ME SINTO BEM CORPO POR CAUSA AT		
“Não me sinto bem com o meu corpo”	7.6	
(I) ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO APÓS AT		
Sim	4.3	
(P) PRATICAR DESPORTO APÓS AT		
Desporto -	2.2	
Desporto +		5.5
(P) JARDINAGEM APÓS AT		
Jardinagem +		2.3
(P) ARRANJOS DOMÉSTICOS APÓS AT		
Arranjos domésticos -	3.3	
Arranjos domésticos +		1.8
Arranjos domésticos ++		1.8
(P) LEITURA APÓS AT		
Leitura -	1.8	
(P) IR AO CAFÉ APÓS AT		
Café -	2.9	
Café +		1.8
(P) AMIGOS APÓS AT		
Amigos -	1.8	
Amigos ++		3.4

(P) CINEMA APÓS AT		
Cinema -	2.9	
Cinema +		4.3
(P) ANDAR A PÉ APÓS AT		
Andar a pé -	5.3	
Andar a pé +		2.9
Andar a pé ++		1.9
(I) APOIO ACT APÓS AT		
ACT +	2.3	
(I) APOIO SEGURANÇA SOCIAL APÓS AT		
Seg. Social +	3.4	
Total das contribuições	59.5	25.7
Tabela 4: 24 modalidades significativas representadas na Figura 3 e respetivas contribuições para o eixo 2.		

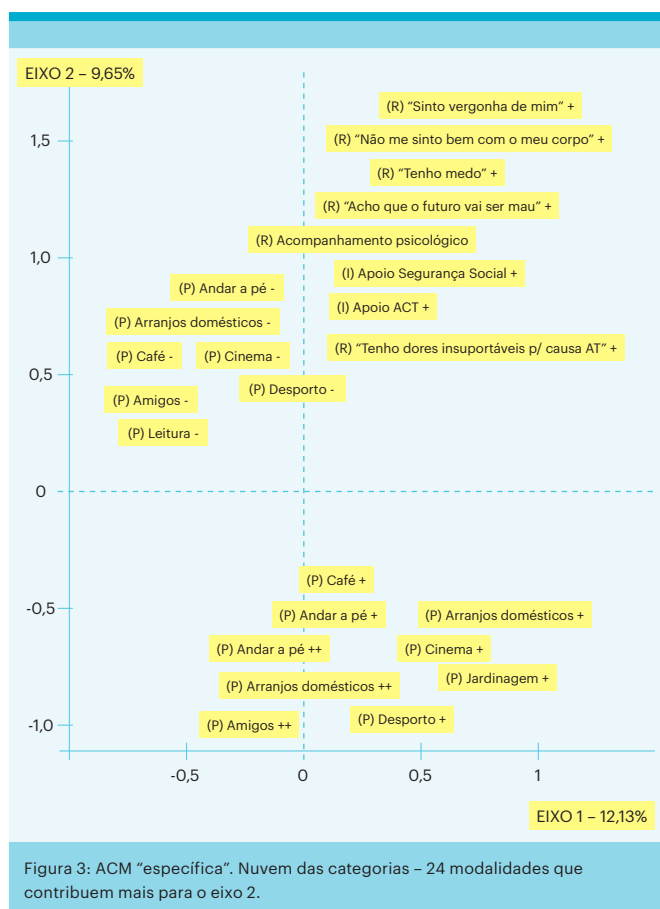


Figura 3: ACM “específica”. Nuvem das categorias – 24 modalidades que contribuem mais para o eixo 2.

Em síntese, entre os trabalhadores industriais inquiridos podemos, assim, identificar modalidades alternativas de experiência do pós-sinistro. Um primeiro eixo estrutura estas experiências de acordo com a importância de uma articulação entre o desenvolvimento de uma sociabilidade moderada, um enquadramento institucional significativo e sentimentos de dor. Tais modalidades de experiência do pós-sinistro contrastam com as que se definem por um cenário alternativo marcado pela ausência de sociabilidade e de enquadramento institucional. Um segundo eixo configura as experiências do pós-sinistro em torno de um quadro relacional onde se aliam sentimentos de medo, vergonha e dor, acompanhados por seguimento psicológico, por apoios institucionais específicos e pela ausência de atividade sociabilitária. Estas modalidades distinguem-se das experiências marcadas pelo envolvimento moderado ou intenso em matéria de sociabilidade e de atividades culturais.

A informação sobre variáveis suplementares é apresentada nas Tabelas 2 a 4 e nas Figuras 4 a 6. Como se verifica nestas, as experiências do pós-acidente de trabalho dos trabalhadores industriais em estudo podem também ser descritas com a ajuda de informação suplementar.

A Tabela 5 e a Figura 4 apresentam informação sobre os grupos etários destes trabalhadores industriais. As experiências do pós-acidente de trabalho identificadas no eixo 1 são caracterizadas por diferenças etárias “notáveis”: adultos-jovens (35-44 anos), no lado direito do eixo, opõem-se aos trabalhadores industriais mais velhos (>65) e aos adultos-envelhecidos (55-64), no lado esquerdo. O segundo eixo específico também é marcado por desvios etários “notáveis”: neste caso, os adultos (45-54 anos) e adultos-jovens (35-44) diferenciam-se dos mais novos (25-34) dos trabalhadores industriais que se posicionam na parte inferior da figura.

Grupos etários: modalidades	Frequências absolutas	Coordenadas	
		Eixo 1	Eixo 2
25-34	9	0,27	-0,60
35-44	42	0,40	0,10
45-54	58	0,04	0,08
55-64	63	-0,26	-0,02
>= 65	9	-0,47	-0,07
Sem informação	3	Não representada	Não representada

Tabela 5: Frequências absolutas e coordenadas nos eixos 1 e 2 da informação sobre a idade dos respondentes.

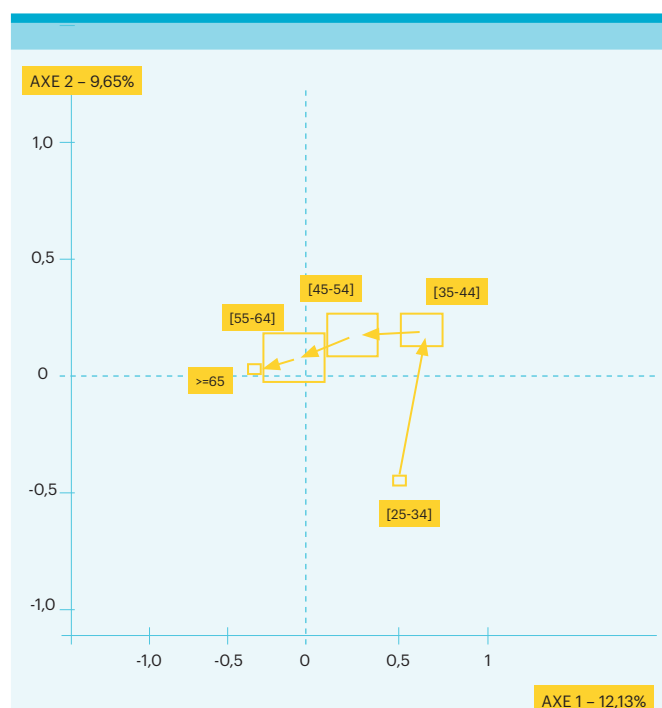
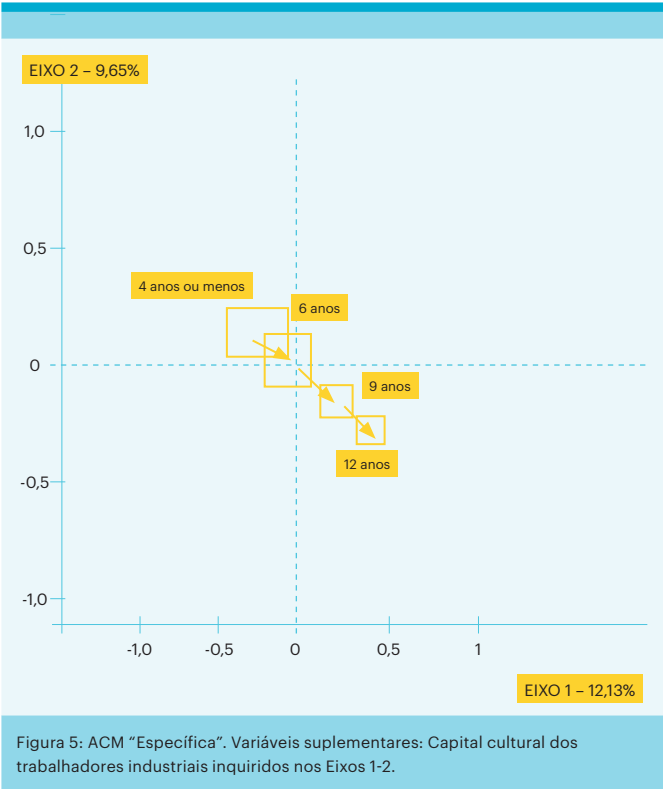


Figura 4: ACM "Específica". Variáveis suplementares: Grupos etários dos trabalhadores industriais inquiridos nos eixos 1 e 2.

A Tabela 6 e a Figura 5 apresentam informação sobre a relação entre os resultados das variáveis ativas da ACM "específica" e o capital cultural institucionalizado dos inquiridos, aqui medido em títulos escolares e em anos de educação formal (Bourdieu, 1979a: 21-28; 1979b: 5-6). As experiências dos trabalhadores industriais documentadas no primeiro eixo são marcadas por desvios “notáveis” de capital cultural, opondo os trabalhadores com 12 anos de escolaridade aos que têm quatro anos ou menos. As diferenças de capital cultural no segundo eixo não são significativas.

Capital cultural: modalidades	Frequências absolutas	Coordenadas	
		Eixo 1	Eixo 2
4 anos ou menos	58	-0,32	0,14
6 anos	48	-0,07	0,07
9 anos	43	0,18	-0,11
12 anos	33	0,36	-0,28
Sem informação	2	Não representada	Não representada

Tabela 6: Frequências absolutas e coordenadas nos eixos 1 e 2 da informação sobre o capital cultural dos trabalhadores industriais inquiridos.

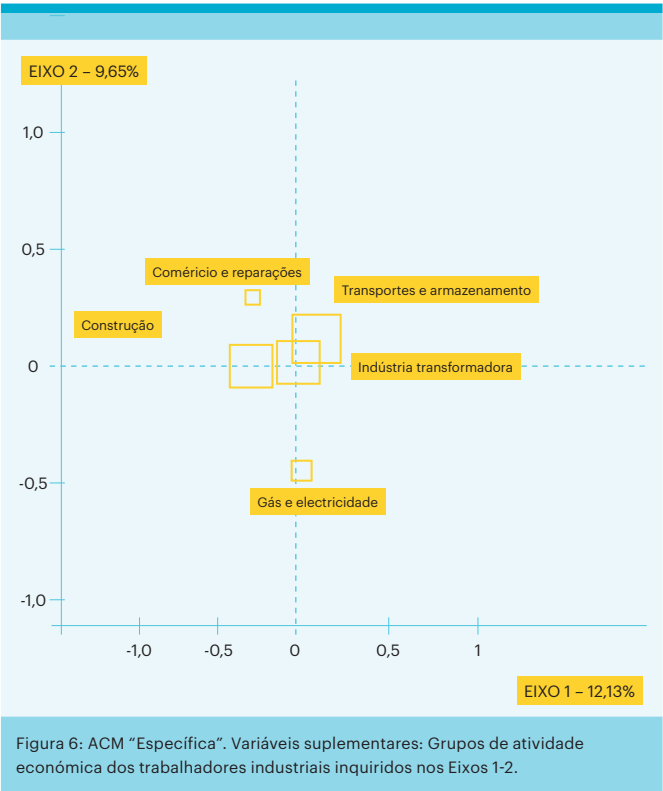


A Tabela 7 e a Figura 6 apresentam informação sobre os grupos de atividade económica dos trabalhadores industriais inquiridos. Neste caso, e uma vez que os trabalhadores partilhavam a mesma classe social, uma análise que consagrasse uma divisão interna da mesma dotada de maior detalhe apresentou-se como analiticamente pertinente, o que impede a presunção de uma homogeneidade estrita desta classe e, pelo contrário, salienta clivagens internas dotadas de significado sociológico. Assim, os grupos de atividade económica dos trabalhadores industriais foram usados para caraterizar as experiências em estudo. No eixo 1 não foi possível identificar diferenças significativas entre os grupos de atividade económica dos trabalhadores. Contudo, o eixo 2 envolve um desvio “notável” entre trabalhadores com profissões no comércio e reparações, no setor dos transportes e da construção e aqueles que, na região inferior da figura, possuem profissões no setor da eletricidade e do gás.

Grupos de atividade económica: modalidades	Frequências absolutas	Coordenadas	
		Eixo 1	Eixo 2
Indústria transformadora	44	0,07	0,02
Indústria do gás e da eletricidade	20	0,08	-0,50
Indústria da construção	46	-0,20	0,01

Comércio e reparações	12	-0,21	0,33
Indústria dos transportes e armazenamento	47	0,18	0,14
Outras situações	15	Não representada	Não representada

Tabela 7: Frequências absolutas e coordenadas nos eixos 1 e 2 da informação sobre os grupos de actividade económica dos trabalhadores industriais inquiridos.



5. NOTAS FINAIS

Os resultados de uma leitura relacional da informação aqui reunida merecem uma atenção sociológica. A incidência de acidentes de trabalho define-se por uma configuração plural de propriedades e práticas de natureza social. Tal como pudemos demonstrar com a ajuda de uma análise de correspondências múltiplas «específica», as consequências pós-sinistro implicam, para os trabalhadores aqui inquiridos, experiências que têm características fenomenológicas e institucionais distintas, bem como relevantes inscrições sociais. Neste estudo, mostrámos como, num primeiro momento, o contraste entre sociabilidade moderada e cobertura institucional ativa e, por outro lado, desvinculação institucional e interacional configura a experiência vivida após-acidente dos trabalhadores industriais inquiridos. Num segundo momento, mostrámos que a prevalência de sofrimento vivido, de um lado, e a adesão a atividades culturais e de

sociabilidade, de outro, caracteriza outro vetor destas experiências. Além de patentear diferenças de idade com características específicas, as experiências dos trabalhadores aqui em questão parecem ser informadas por propriedades sociais com significado. Documentadas a respeito do primeiro eixo, as divisões que levam a proteção institucional e sociabilidade de média intensidade, por um lado, e a desvinculações, por outro, são compreensíveis a partir das diferenças em termos de diferenças culturais: a modalidade de capital cultural dominante entre os trabalhadores industriais («12 anos») constitui uma propriedade daqueles que têm proteção institucional e sociabilidade moderada, enquanto a desvinculação é característica daqueles que possuem as formas mais frágeis de capital cultural («Quatro anos ou menos»). Em particular, esta modalidade da experiência pós-sinistro – constituída por desvinculação sociabilitária e ausência de cobertura institucional significativa – tem, portanto, uma relação com a escassez de informação e competências culturais (títulos e qualificações, por exemplos). Dada a importância que tem a informação, o acesso a ela e a sua utilização expedita, na superação das contrariedades que se sucedem aos acidentes de trabalho, esta relação entre escassez de cobertura institucional e frágil capital cultural atesta um impasse. Estas constatações merecem uma atenção da parte das políticas públicas comprometidas em solucionar tais desafios sociais e individuais.

Fomos ainda capazes de mostrar que as divisões que exprimem sofrimento físico e social e, por contraste, as que definem uma sociabilidade ativa e diversificada, estão associadas a distintos grupos de atividade económica: trabalhadores do comércio, dos transportes e da construção tendem a estar mais expostos ao sofrimento aqui representado; práticas de sociabilidade mais expressivas e abrangentes são mais típicas de trabalhadores do gás e eletricidade. Para além da natureza do acidente e do impacto socialmente construído que tem sobre a vida destes trabalhadores sinistrados, a configuração deste segundo eixo específico lembra-nos da importância que têm as inscrições económicas destes trabalhadores (dimensão da empresa e a sua relação com as qualificações da mão-de-obra, por exemplo) e as regulações económica e política dos seus setores de atividade (presença do Estado, tradições sindicais, etc.). A composição económica e sócio-política que parece sustentar este segundo eixo específico, tal como os questionamentos adicionais sobre as implicações deste exercício para o estudo das classes laboriosas e as suas relações com as instituições, parecem justificar que se continue o estudo relacional aqui apresentado de maneira preliminar.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Benzécri, J.-P. (1969). “Statistical analysis as a tool to make patterns emerge from data” (pp. 35-74), In: S. Watanabe (Ed.), *Methodologies of Pattern Recognition*, New York: Academic Press.
- Bourdieu, P. (1979a). *La Distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1979b). Les Trois États du Capital Culturel, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 30, 3-6.
- Daubas-Letourneux, V. (2012). Les accidents du travail: une catégorie limpide? Une comparaison franco-suisse (pp.125-138), in: Véronique Daubas-Letourneux et al, *Santé au travail: approches critiques*, Paris, La Découverte.
- Dembe, A. (2001). The social consequences of occupational injuries and illnesses, *American Journal of Industrial Medicine*, 40(4), 403-417.
- Desmarez, P., Godin, I. & Renneson, B. (2007). L’impact des accidents du travail sur le statut socio-économique des victimes, *Le Travail Humain*, 2, volume 70, 127-152.
- Dimopoulou, I., Anthi, A., Mastora, Z. & Roussos, C. (2004). Health-Related Quality of Life and Disability in Survivors of Multiple Trauma One Year After Intensive Care Unit Discharge, *American Journal of Physical Medicine & Rehabilitation*, 83(3), 171-176.
- Ferrão, J. (2017). Ruralidades e Território no Capitalismo Contemporâneo. Uma Visão de Longa Duração sobre Portugal (pp. 229-245), In: Fernando Luís Machado et al, *Sociologia e Sociedade: Estudos de Homenagem a João Ferreira de Almeida*, Lisboa, Mundos Sociais.
- Franché, R.-L. & Krause, N. (2002). Readiness for Return to Work Following Injury or Illness: Conceptualizing the Interpersonal Impact of Health Care, Workplace, and Insurance Factors, *Journal of Occupational Rehabilitation*, 12 (4), 233-256.
- Ghisi, M., Novara, C., Buodo, G., Kimble, M., Scozzari, S., Di Natale, A., Sanavio, E., Palomba, D. (2013). Psychological Distress and Post-Traumatic Symptoms Following Occupational Accidents, *Behavioural Sciences*, 3, 587-600.
- Holmes, S. (2013). *Fresh Fruit, Broken Bodies: Migrant Farmworkers in the United States*, Berkeley, University of California Press.
- Keller, S. D. (2001). Quantifying social consequences of occupational injuries and illnesses: state of the art and research agenda, *American Journal of Industrial Medicine*, 40(4), 438-451.
- Krieger, N. (2005). Embodiment: a conceptual glossary for epidemiology, *Journal of Epidemiology and Community Health*, 59 (5), 350-355.
- Lax, M. B. & Klein, R. (2008). More than meets the eye: social, economic, and emotional impacts of work-related injury and illness, *New solutions: a journal of environmental and occupational health policy*, 18(3), 343-360.
- Le Roux, B. & Rouanet, H. (2010). *Multiple Correspondence Analysis*. London: Sage. <https://doi.org/10.4135/9781412993906>.
- Lenoir, R. (1980). La notion d’accident de travail: un enjeu de lutes, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 32-33, 77-88.
- Lock, M. & Kaufert, P. (2001). Menopause, Local Biologies and Cultures of Aging. Margaret Lock and Patricia Kaufert. *Ame-*

- rican Journal of Human Biology, 13(4): 494-504.
- Lovelock, K. (2012). The injured and diseased farmer: occupational health, embodiment and technologies of harm and care, *Sociology of Health & Illness*, 34(4), 576-590.
- Mauss, M. (1969). Débat sur les rapports entre la sociologie et la psychologie, in: Marcel Mauss, Oeuvres. 3. *Cohésion sociale et division de la sociologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 298-302.
- Monteiro, B. (2014). Frágil como o mundo. Etnografia do quotidiano operário, Porto, Edições Afrontamento.
- Pinto, J. M. (2000). Flexibilidade, segurança e identidades sócio-profissionais. *Cadernos de Ciências Sociais*, 19/20, 5-37.
- Pinto, J. M. & Queiroz, M. C. (1990). Lugares de Classe e Contextos de Aprendizagem Social, *Cadernos de Ciências Sociais*, 8/9, 131-143.
- Pereira, V. B. (2011). Experiencing unemployment: The roles of social and cultural capital in mediating economic crisis, *Poetics*, 39 (6), 469-490.
- Scheper-Hughes, N. & Lock, M. (1987). The Mindful Body: A Prolegomenon to Future Work in Medical Anthropology. *Medical Anthropology Quarterly*, 1(1), 6-41 <https://doi.org/10.1525/maq.1987.1.1.02a00020>
- Teasdale, T. W. & Engberg, A. W. (2005). Psychosocial consequences of stroke: A long-term population-based follow-up, *Brain injury*, volume 19, 1049-1058.
- Wacquant, L. (1998). Pugs at work: bodily capital and bodily labour among professional boxers, *Body and Society*, 1, 65-93.
- Internacionalização - COMPETE 2020 e por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Os autores gostariam de agradecer ainda aos dois revisores anónimos que comentaram a versão inicialmente submetida para publicação.
- [2] Em síntese, o *Nottingham Health Profile* (NHP) mede o impacto das condições de saúde e de doença nas rotinas da vida quotidiana (entre outras, hábitos de prática ou de sono, emoções e dor, mobilidade física), cobrindo analiticamente a intensidade das distorções trazidas para os domínios do trabalho e do emprego, do trabalho de casa e da dinâmica familiar, ou das interações sociais e do lazer. Ainda que seja habitualmente aplicado para explorar os impactos da doença, o NHP também permite uma aproximação às expressões “subjetivas” e aos sintomas de acontecimentos traumáticos e às consequências pós-ferimento, tais como derrames vasculares (Teasdale e Engberg, 2010) ou traumas múltiplos (Dimopoulou et al, 2004). A versão portuguesa utilizada foi a adaptada por investigadores da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Centro de estudos e Investigação em Saúde, sob responsabilidade de Pedro Lopes Ferreira, editada em 1997.
- [3] A Análise de Correspondências Múltiplas é um método estatístico especialmente vocacionado para fazer “emergir padrões dos dados”, de acordo com as formulações de um dos seus principais criadores, J.-P. Benzécri (1969). O procedimento toma por referência uma matriz que relaciona um número potencialmente alargado de “Questões” com variáveis categoriais, apresentadas em coluna, e de “Indivíduos”, que escolheram apenas uma modalidade por questão, apresentados em linha. O método procura uma redução de informação a partir da definição de um espaço ótimo de menor dimensionalidade. Com recurso à elaboração de uma tabela disjuntiva, o método permite a definição de uma nuvem de indivíduos e de uma nuvem de categorias com a mesma dimensionalidade e variância (Le Roux e Rouanet, 2010: 5-10).
- [4] A ACM “específica” desenvolve-se com recurso aos mesmos procedimentos de uma ACM básica, mas envolve a restrição da análise a categorias de referência de uma ou mais variáveis, sendo outras transformadas em modalidades passivas, que não entram, por isso, nos procedimentos de cálculo (Le Roux e Rouanet, 2010: 62-64).

NOTAS

- [1] Uma primeira versão deste texto foi apresentada oralmente na sessão de trabalho Rising Inequalities, realizado na Universidade de Aalborg (campus de Copenhaga), a 14 e 15 de setembro de 2017, organizado com o apoio do NOS-HS - *The joint committee for Nordic research councils within the humanities and social sciences*. Os autores gostariam de agradecer a Vegard Jarness (Universidade de Bergen) pelos comentários que realizou nessa altura sobre a apresentação. Os resultados aqui apresentados foram desenvolvidos a partir da pesquisa realizada no âmbito do supramencionado projeto «Regresso ao trabalho após acidente: superar obstáculos», promovido pela Associação Nacional de Deficientes Sinistrados no Trabalho, com o apoio do Instituto Nacional de Reabilitação. Para a consolidação do argumento e da abordagem deste artigo foram cruciais os debates desenvolvidos pelo projeto de investigação “Novos terrenos para a construção: mudanças no campo português da construção e seus impactos nas condições de trabalho no século XXI” (PTDC/IVC-SOC/5578/2014-016621), que é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Competitividade e

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO?

Monteiro, B. & Borges Pereira, V. (2018). O espaço experiencial da dor: sofrimento, corpo e inscrição social depois do acidente de trabalho entre trabalhadores industriais portugueses. *Laboreal*, 14(1), 37-48. <http://dx.doi.org/10.15667/laborealxivo118bm>

PESQUISA EMPÍRICA**PERCURSOS DE REGRESSO AO TRABALHO APÓS ACIDENTE: CONFRONTO COM NOVOS OBSTÁCULOS.**

CLÁUDIA PEREIRA ^[1], MARTA SANTOS ^[2] & LILIANA CUNHA ^[2]

[1] Faculdade de Psicologia e de
Ciências da Educação
Universidade do Porto
Rua Alfredo Allen
4200-135 Porto, Portugal
cpereira@fpce.up.pt

[2] Centro de Psicologia da
Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências
da Educação
Universidade do Porto
Rua Alfredo Allen
4200-135 Porto, Portugal
marta@fpce.up.pt
lcunha@fpce.up.pt

PALAVRAS-CHAVE

Acidentes de trabalho;
Turning point;
Percursos;
Obstáculos.

RESUMO

Este artigo explora obstáculos com os quais os sinistrados do trabalho se deparam no regresso ao trabalho após o acidente. Dois estudos desenvolvidos em Portugal servem de referência à análise e reflexão sobre esta questão. Um dos estudos resultou do pedido de intervenção de uma empresa do Norte de Portugal, junto de trabalhadores com restrição médica para o trabalho habitual, com o objetivo de se definir um contexto alternativo de trabalho; e o outro estudo, solicitado pela Associação Nacional dos Deficientes e Sinistrados do Trabalho, visou a construção de um retrato dos percursos pós-acidente de trabalhadores de diferentes setores de atividade.

Os resultados permitiram sistematizar três grandes categorias de obstáculos, designadamente, quando o regresso é feito à mesma função, mas sem uma análise e planeamento prévios; quando o conteúdo do trabalho atribuído não é objeto de debate com os trabalhadores; e quando o regresso é feito sem ter em conta o facto de haver necessidade também de o coletivo de trabalho se reorganizar.

Reforça-se a conceção do acidente de trabalho como um *turning point* no percurso profissional, com implicações sempre singulares, cuja análise permite ainda sinalizar propostas de intervenção concretas para além dos percursos individuais.

Manuscrito recebido em:
março/2018
Aceite após peritagem:
abril/2018

PALABRAS-CLAVE

Accidentes de trabajo;
Turning point;
Trayectorias;
Obstáculos.

RESUMEN**TRAYECTORIAS DE VUELTA AL TRABAJO TRAS UN ACCIDENTE: ENFRENTARSE A NUEVOS OBSTÁCULOS.**

Este artículo explora los obstáculos que los accidentados del trabajo enfrentan cuando vuelven al trabajo tras un accidente. Dos estudios realizados en Portugal sirven de referencia para el análisis y reflexión sobre este tema. Uno de los estudios tuvo origen en la solicitud de intervención de una empresa en el norte de Portugal y se centró en los trabajadores con restricciones médicas para el trabajo habitual a fin de definir un entorno de trabajo alternativo; el otro estudio, solicitado por la *Associação Nacional dos Deficientes e Sinistrados do Trabalho* [Asociación Nacional de Discapacitados y Accidentados del Trabajo], tuvo como objetivo elaborar un perfil de las trayectorias post-accidente de trabajadores de diferentes sectores de actividad. Los resultados permitieron sistematizar tres grandes categorías de obstáculos, en particular, cuando se vuelve a la misma función, pero sin un análisis ni una planificación previos; cuando el contenido del trabajo asignado no se debate con los trabajadores; y cuando la vuelta se hace sin tener en cuenta el hecho de que también es necesario que el colectivo de trabajo se reorganice. Se refuerza la noción del accidente de trabajo como un *turning point* en la trayectoria profesional, con consecuencias siempre singulares, cuyo análisis permite aún identificar propuestas de intervención concretas más allá de las trayectorias individuales.

MOTS CLÉS

Accidents du travail;
Turning point;
Trajectoires;
Obstacles.

RÉSUMÉ**PARCOURS DE RETOUR AU TRAVAIL APRÈS UN ACCIDENT: FAIRE FACE À DE NOUVEAUX OBSTACLES.**

Cet article cherche à explorer les obstacles auxquels sont confrontés les accidentés du travail lors de leur retour à l'activité professionnelle. Deux études menées au Portugal servent de référence à l'analyse et à la réflexion concernant cette question. La première étude a été mise en place à la demande d'une entreprise du Nord du Portugal qui souhaitait une intervention auprès de travailleurs souffrant d'une incapacité partielle de travail, afin de définir un contexte alternatif de travail. La seconde étude, sollicitée par l'*Associação Nacional dos Deficientes e Sinistrados do Trabalho* [Association Nationale des Handicapés et Sinistrés du Travail], cherchait à dresser un profil des parcours post-accident de travailleurs issus de différents secteurs d'activité. Les résultats ont permis de systématiser trois grandes catégories d'obstacles: lorsque le retour se fait au même poste mais sans analyse et planification préalables; lorsque le contenu du travail attribué ne fait pas l'objet de débat avec les travailleurs; lorsque

le retour se fait sans tenir compte de la nécessité de réorganisation du collectif de travailleurs.

La conception de l'accident du travail en tant que moment charnière (*turning point*) dans le parcours professionnel s'est trouvée renforcée par cette étude. Bien que les conséquences soient toujours singulières, l'analyse a permis de mettre en évidence des propositions d'intervention concrètes qui se situent au-delà des parcours individuels.

KEYWORDS

Work accidents;
Turning point;
Paths;
Obstacles.

ABSTRACT

BACK-TO-WORK PATHS AFTER AN ACCIDENT: FACING NEW OBSTACLES.

This paper discusses the obstacles the injured workers have to face upon their return to work after the accident. Two studies developed in Portugal support the analysis and the reflection on this issue. One of the studies is the outcome of a request from a company settled in the North of Portugal involving the workers with medical restraints to perform their usual work. The order consisted in an intervention to define an alternative work context. The other study, ordered by the *Associação Nacional dos Deficientes e Sinistrados do Trabalho* [National Association of Disabled Workers Injured On-the-job], aimed at depicting the workers' post-accident paths from different activity sectors.

Three main categories of obstacles emerge from the findings, namely, when the workers return to the same function with no prior analysis and planning; when the content of the job is assigned without taking the workers' opinion into account; and when the return neglects the need for the collective work to be reorganized. The concept of the work accident as a turning point in the professional path is reinforced. The implications are always unique and the analysis to that singularity makes it possible to sign specific intervention proposals beyond the individual paths.

1. DIREITO DE REGRESSO AO TRABALHO APÓS ACIDENTE

O acidente de trabalho é um *turning point* em qualquer percurso profissional, em qualquer idade, para qualquer trabalhador. As dificuldades em reconstruir este percurso são marcadas por diferentes determinantes, situados a vários níveis de análise, como aliás dão conta os textos publicados no âmbito deste dossier.

O “estatuto de trabalhador”, a continuidade ou não do vínculo laboral no contexto onde o acidente foi produzido, é muitas ve-

zes abalado por este acontecimento, particularmente quando se traduz em incapacidade para o trabalho, seja este a termo ou sem termo, e requer cuidados médicos. Durante este período, não é raro esse estatuto e os seus direitos serem interpelados, com o prenúncio, infelizmente sempre presente, de um requisito de culpa se não pelo acidente, pela não adaptação às condições e exigências do posto de trabalho.

O “regime infortunistico laboral” (Lei n.º 98/2009, de 4 de setembro) assegura aos trabalhadores sinistrados direitos ligados à segurança no emprego e à reabilitação profissional, bem como à

reparação, não se confinando, pois, a uma função exclusivamente compensatória da redução da capacidade de ganho, mas promovendo também o restabelecimento da capacidade de trabalho e de recuperação para a vida ativa.

Paradoxalmente, este infortúnio é perpetuado, no trabalho e para além dele - pelos 'a priori' de que é objeto o trabalhador aquando do regresso ao trabalho, visto ora como "reivindicativo", ora como "dissimulado". Mas também, como veremos no âmbito dos estudos aqui apresentados, pelo difícil reconhecimento da incapacidade produzida pelo acidente, que também ultrapassa a incapacidade física para o trabalho; pelos critérios de avaliação do trabalho que passa então a ser feito (Dejours, 2003), e que mantém ausente a referência aos efeitos do acidente; pelas relações no seio do coletivo de trabalho, nomeadamente, pelo julgamento que é feito do trabalhador sinistrado, em função do trabalho que consegue, ou não, fazer (Dejours, 1995).

Propomo-nos então a uma análise para além do que a legislação garante em termos de regresso do trabalhador sinistrado à vida ativa, reorientando o olhar para o que se passa em contexto real, no dia-a-dia de trabalho, e de forma contrastada para homens e mulheres, tendo como referência dois estudos desenvolvidos em Portugal: um estudo relativo à análise de percursos profissionais específicos no âmbito de uma empresa do Norte de Portugal; e um outro estudo que assume um ponto de vista mais macro de análise, orientado para a construção de um retrato global dos trabalhadores homens e mulheres, que sofreram um acidente de trabalho em diferentes setores de atividade.

2. O ACIDENTE DE TRABALHO COMO UM TURNING POINT

Analisar os acidentes de trabalho como um *turning point*, significa considerá-los enquanto momentos de rutura na continuidade de um percurso, tal como este se estava a concretizar, podendo ser assumidos como marcos significativos que existem ao longo da vida (Hareven & Masaoka, 1988), ou como momentos de interseção entre os vários contextos de vida (Ramos, 2006). Representam 'avaliações' individuais subjetivas das continuidades e descontinuidades das suas vidas, especialmente de acontecimentos que vão ocorrendo com impacto subsequente noutros acontecimentos. Em alguns casos, os *turning points* são vistos como mudanças críticas, e noutros casos como 'novos começos' (Cohler, 1982, cit por Hareven & Masaoka, 1988; Masaoka et al., 1985, cit por Hareven & Masaoka, 1988).

Alguns destes momentos de transição (e.g. o início da vida profissional; o nascimento dos filhos) são definidos como normativos se estiverem enquadrados no que tipicamente se define como norma social; no entanto, obviamente, isto não significa que todas as transições sejam normativas. Podem ocorrer em momentos de um percurso em que não são expectáveis, ou de modo im-

previsto, criando uma certa dissonância face às normas sociais partilhadas pelos grupos (Hareven & Masaoka, 1988), como é o caso dos acidentes de trabalho.

Um *turning point* não corresponde a um evento isolado, pontual, mas sim a um processo que envolve a alteração do percurso de vida. Assim, trata-se de uma mudança que requer novas escolhas e estratégias (Hareven & Masaoka, 1988). No caso dos acidentes de trabalho, podemos aludir ao facto de este implicar também, por vezes (e em função da sua gravidade e da incapacidade atribuída), o ajuste ou alteração do posto de trabalho, mudança de função, a reorientação profissional, despedimento após acidente, entre outros.

Nem todos os *turning points* têm impactos de longa duração. Alguns possuem efeitos mais limitados no tempo, e podem não causar alterações significativas nas trajetórias de vida no momento da sua ocorrência. Tal é o caso, por exemplo, de alguns acidentes de trabalho sem atribuição de incapacidade, e cuja lesão não implicou alteração do trabalho realizado ou reorientação profissional, embora isso não signifique que o seu impacto seja limitado na vida dos trabalhadores.

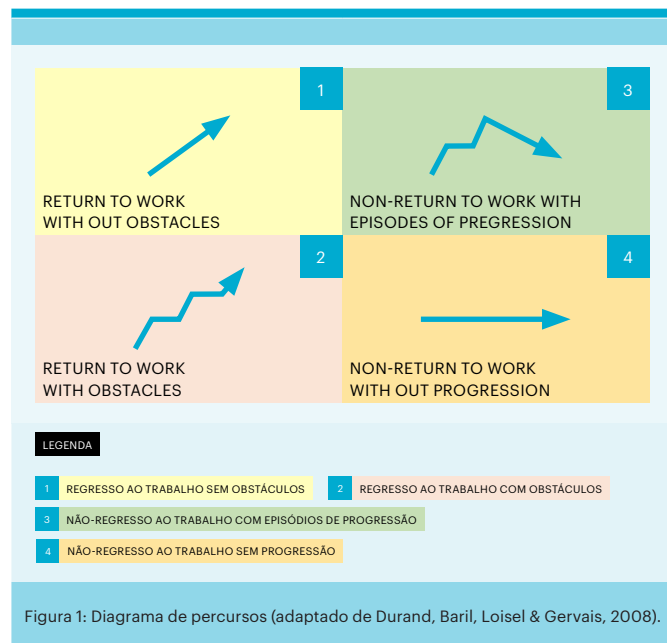
3. QUE PERCURSOS RESULTANTES DESTES TURNING POINTS?

O impacto de um acidente sobre o percurso profissional tem sido objeto de diversas investigações (Halima & Regaert, 2015; Baril, Martin, Lapointe & Massicotte, 1994; Durand, Baril, Loisel & Gervais, 2008). Estes trabalhos têm, entre outras consequências, alertado para o impacto do acidente na empregabilidade de trabalhadores sinistrados.

Nestes estudos, a análise de percursos concretos de regresso ao trabalho pós-acidente permitiu a construção de categorias de trajetórias com características comuns. Assim, no estudo de Baril, Martin, Lapointe e Massicotte (1994), a análise de dossiês de percursos de trabalhadores acidentados, permitiu a constituição de quatro categorias de acordo com o resultado do processo de readaptação: (i) os trabalhadores que retornaram ao antigo empregador; (ii) os trabalhadores que mudaram de empregador; (iii) os trabalhadores que não conseguiram reinserção no mercado de trabalho; e, (iv) os trabalhadores que foram considerados "inempregáveis".

No âmbito de um outro estudo, envolvendo alguns dos mesmos investigadores (Durand, Baril, Loisel & Gervais, 2008), a forma de categorizar os percursos foi enriquecida, sendo as quatro trajetórias possíveis definidas pelo cruzamento de duas variáveis: estatuto de emprego dos participantes (regresso ao trabalho e preservação do vínculo laboral, ou não-regresso ao trabalho, com perda desse vínculo), e a natureza da progressão durante o programa de reabilitação do trabalhador no processo de recuperação pós-acidente (com ou sem obstáculos para a progressão).

Na figura 1, ilustra-se graficamente, a modelização das quatro categorias construídas com base na análise de 18 percursos de trabalhadores.



Estas categorizações e a sua análise têm permitido identificar um conjunto de fatores que, ora facilitam, ora dificultam a reinserção profissional.

Assim, o facto de se trabalhar em empresas de grandes dimensões, ter a possibilidade de se optar por um horário flexível, e possuir uma longa antiguidade, parecem constituir-se enquanto facilitadores do processo de reinserção após o acidente de trabalho (Baril, Martin, Lapointe, & Massicotte, 1994; Durand, Baril, Loisel & Gervais, 2008).

Também foi possível constatar que o regresso ao trabalho é influenciado pelo lapso de tempo entre o acidente e a sua gestão pelo sistema de prestação de cuidados de saúde, pela definição de um diagnóstico médico, e pela história do tratamento (Durand, Baril, Loisel & Gervais, 2008). Isto é, as múltiplas versões de diagnóstico elaboradas por diversos médicos especialistas, a forma como são atribuídas as restrições funcionais, a ausência de avaliação das capacidades funcionais residuais e a ausência de acompanhamento após o regresso ao trabalho, parecem constituir-se como aspetos que dificultam este percurso pós-acidente (Baril, Martin, Lapointe, & Massicotte, 1994). No mesmo sentido, os sentimentos de perda de dignidade e autonomia, o desenvolvimento de uma imagem negativa de si, e os “sentimentos de vergonha associados ao facto de receber e, sobretudo, estar dependente de subsídios para assumir o que os trabalhadores consideram ser as suas responsabilidades sociais e familiares” (Baril, Martin, Lapointe, & Massicotte, 1994, p.13, tradução livre) são, também, fatores dificultadores do processo de reinserção profissional.

4. RECONSTRUÇÃO DE PERCURSOS PÓS-ACIDENTE: ESTUDOS REALIZADOS EM PORTUGAL

Os contextos atuais das empresas são marcados, por um lado, pelas evoluções demográficas e pelo prolongamento anunciado da vida ativa e, por outro lado, pela necessidade de aumento da produtividade, associada, por vezes, a mudanças de objetivos ou métodos de trabalho. Esta dupla evolução torna mais delicada a construção de estratégias de reconversão profissional dos trabalhadores, sobretudo no caso daqueles que apresentam restrições de saúde temporárias ou permanentes (Delgoulet, Cuvelier, Gaudart, Molinié, & Volkoff, 2014).

Apresentamos em seguida uma breve contextualização dos dois estudos desenvolvidos em Portugal e que servem de referência na análise de fatores de constrangimento que marcam, de forma decisiva, os percursos após o acidente.

4.1. Estudo de caso no setor da logística

No seguimento do pedido de uma empresa portuguesa do setor da logística para desenvolver e implementar um projeto de reorientação profissional junto de trabalhadores com reconhecida incapacidade para o exercício do trabalho habitual, foi realizada uma intervenção com o propósito de pensar as trajetórias profissionais destes trabalhadores, procurando conciliar as alternativas equacionadas pela empresa com as perspetivas dos trabalhadores relativamente ao seu futuro profissional.

Esta intervenção iniciou-se com um projeto-piloto, dirigido a 20 trabalhadores da empresa (12 homens e 8 mulheres, com idades compreendidas entre os 29 e os 52 anos e uma média de 41 anos; e uma antiguidade na empresa entre os 5 e 22 anos, com uma média de 10 anos), com o objetivo de análise do seu percurso profissional e exploração de possíveis alternativas de posto de trabalho compatíveis com a sua restrição, motivações, interesses e competências.

Neste grupo de participantes, os acidentes de trabalho registados correspondem, na sua maioria, a dores súbitas incapacitantes, resultantes da manipulação de cargas pesadas, e das posturas penosas que o trabalho exige. Os tipos de lesões mais frequentes, e decorrentes destes acidentes, correspondem a lesões músculo-esqueléticas (e.g. ombros, joelhos, cotovelos, costas, pulsos).

A literatura e a análise do trabalho desenvolvida no setor da logística permitiu compreender o tipo de acidentes mais prevalente neste contexto. De facto, neste setor o trabalho é caracterizado por horários irregulares, constrangimentos físicos, trabalho pouco variado, repetitivo (Droogenbroeck, Vallery, & Galvan, 2012). É uma atividade sujeita à pressão do cliente (que não é o cliente final, mas as lojas onde o cliente final adquire os produtos) manifesta na necessidade de ter de respeitar prazos de entrega curtos (Davezies, 2016). É ainda um trabalho individual, ‘isolado’ e com pouca visibilidade, no qual a atividade do preparador de enco-

mendas é dirigida por um sistema informático com dispositivo de comando vocal (*voice picking*): no processo de preparação de encomendas, o preparador recebe através de um headset a instrução para ir até um determinado ponto do armazém, definido por um código numérico; quando lá chega, comunica ao sistema o código desbloqueador que figura neste local; o sistema indica então o número de caixas a retirar da paleta ou a depositar no porta paletes (Davezies, 2016).

Complementarmente identificam-se outras características, evidenciadas graças ao discurso dos trabalhadores preparadores de encomendas, acerca desta atividade:

- um trabalho que exige minúcia, seja na colagem das etiquetas nas caixas, seja na atenção a ter que manter “aos códigos, às caixas, e às quantidades que vêm nas caixas. Temos que ver sempre as descrições. [...] Temos que verificar se trazem o código” (trabalhadora do sexo feminino, 45 anos, 13 de antiguidade); “cuidado na colagem das etiquetas nas caixas: não se podem trocar e tem que se acertar mesmo no quadradinho. Se não estiver no sítio, a caixa é recusada na passadeira e conta como um erro para a operadora” (trabalhadora do sexo feminino, 32 anos, 14 de antiguidade);
- um trabalho com uma margem de manobra extremamente reduzida, embora visível, por exemplo, nas situações em que se escolhe a ordem de colocação dos produtos na paleta, para além do planeamento prescrito, conseguir “paletes bem feitas”, “paletes não desmaiadas”, colocando os produtos mais pesados na base do empilhamento;
- um trabalho por objetivos: “É um trabalho por médias, tem que se alcançar aqueles objetivos” (trabalhadora do sexo feminino, 32 anos, 14 de antiguidade);
- um trabalho com exigências associadas a cargas pesadas e à necessidade de manter as normas de produção: “O serviço mais pesado é o picker e há aquelas posições... [...] é difícil mantê-las para dar a produção” (trabalhador do sexo masculino, 46 anos, 13 de antiguidade); “temos que produzir muito e ser rápidos” (trabalhadora do sexo feminino, 36 anos, 7 de antiguidade);

Este estudo, conduzido a partir da análise de entrevistas a trabalhadores a exercer atividades no mesmo setor e com características semelhantes, participantes do mesmo processo despoletado pela empresa, não realçou diferenças relativamente à idade, antiguidade ou género na reconstrução do percurso profissional.

Todavia, a intervenção conduzida junto destes trabalhadores permitiu identificar obstáculos no processo de regresso ao trabalho, e constituir-se como um mediador junto da empresa na procura de alternativas de funções ajustadas aos trabalhadores, tendo em conta, nomeadamente, o ponto de vista e as expectativas destes, no que diz respeito à vontade de preservação da car-

reira, dos horários de trabalho, das folgas e fins de semana, das distâncias casa-trabalho (opções de mobilidade casa-trabalho).

4.2. O estudo *Regresso ao trabalho após acidente: superar obstáculos*

Quando adotamos um ponto de vista situado a uma outra escala de análise, mais macro, considerando diferentes contextos de atividade profissional, observamos que as diferenças de género são suscetíveis de contrastar os percursos profissionais conferindo um outro olhar, mais específico, aos obstáculos que no ponto seguinte serão abordados.

No âmbito do estudo *Regresso ao trabalho após acidente: superar obstáculos* (Cunha, Santos & Pereira, 2017), um dos objetivos foi o rastreio dos impactos trazidos pelo acidente para as vertentes profissional, pessoal e familiar do sinistrado, sem as dissociar entre si e sem valorizar apenas a dimensão laboral.

Este estudo, promovido pela Associação Nacional dos Deficientes Sinistrados no Trabalho (ANDST), e financiado pelo Instituto Nacional para a Reabilitação, I. P., contemplou uma amostra de 371 participantes, dos quais 287 homens e 84 mulheres. A metodologia utilizada conciliou uma abordagem qualitativa e quantitativa: foram realizadas 10 entrevistas individuais para exploração e reconstrução do percurso pós-sinistro; e construído um questionário entregue e preenchido por todos os participantes, sócios e ex-sócios da ANDST.

Fazendo uma caracterização mais detalhada da amostra, verifica-se que 71,3% dos participantes encontra-se no grupo etário que compreende o intervalo entre os 45 e os 54 anos, e 30,2% o intervalo entre os 35 e 44 anos. Maior percentagem de mulheres com idades entre os 45 e 54 anos aquando do acidente (39,4%), face a 31,9% de homens. Relativamente à antiguidade na empresa, 78,1% da amostra tinha uma antiguidade entre 1 a 10 anos aquando do acidente, seguido de 61,8% com antiguidade entre 11 e 20 anos. Maior percentagem de mulheres com antiguidade superior a 21 anos (27%, face a 20,4% dos homens).

No que respeita à atividade de trabalho exercida aquando do acidente, verificou-se uma maior percentagem de homens na Construção civil (21%), nos Transportes e Armazenagem (24,7%) e nas Indústrias Transformadoras (17,2%); e maior percentagem de mulheres em atividades de Saúde e Apoio Social (21,2%), na Indústria Transformadora (15,4%), e no Trabalho Doméstico (15,4%).

Esta distribuição por atividade de trabalho acaba por ser consentânea com o tipo de acidente e de lesão retratados ^[1]: no caso dos homens, os acidentes são sobretudo relacionados com perda de controlo de máquina, manuseamento de ferramentas, meios de transportes (46,7%); no caso das mulheres, são relatados acidentes relacionados com escorregamento, quedas (38%) e movimentos do corpo sujeito a constrangimento físico (25,3%).

5. REGRESSO AO TRABALHO SIM, MAS COM QUE OBSTÁCULOS?

Quem regressa ao trabalho na mesma empresa após o acidente? De acordo com os dados do estudo *Regresso ao trabalho após acidente: superar obstáculos*, não há diferenças notórias neste regresso no caso de homens e mulheres (80,1% dos participantes da amostra masculina e 85,9% da amostra feminina). Do ponto de vista da idade e da antiguidade observamos outra tendência: são os mais velhos e com maior antiguidade quem mais regressa à mesma empresa (percentagens superiores a 80% em trabalhadores com mais de 45 anos e também superiores a 80% com mais de 10 anos de antiguidade, face a apenas 41% no caso dos que tem antiguidade inferior a 1 ano).

Estes resultados são coerentes com os resultados obtidos no estudo de Durand, Baril, Loisel e Gervais (2008), cuja categorização agora retomamos para enfatizar em particular as trajetórias pós-acidente marcadas pelo regresso ao trabalho com obstáculos. Fundamentadas pelo recurso ao que os dois estudos apresentados anteriormente deram a ver, podemos identificar quatro cenários de obstáculos, como a seguir identificamos.

5.1. Quando o regresso se faz à mesma função, sem uma análise e planeamento prévios

Um dos obstáculos que se pode identificar no regresso ao trabalho após acidente é quando o regresso é feito à mesma função, sem uma análise e planeamento prévio deste, por parte de atores-chave (e.g. chefias, recursos humanos, ...).

A inexistência destas práticas pode ser evidenciada com os resultados obtidos no estudo *Regresso ao trabalho após acidente: superar obstáculos*. Observando a figura 2, verificamos que mais de metade dos participantes regressaram ao trabalho (77,9%), permaneceram na mesma empresa (74%, dos quais 72% de homens e 79% de mulheres) e mantiveram a mesma função (56,6%, dos quais 56% homens e 58% mulheres). No entanto, apenas 8,8% dos participantes que permaneceram na mesma empresa tiveram o seu posto ou horário de trabalho adaptados, sendo uma modificação mais presente no caso das mulheres (12,8% das mulheres face a 8,7% dos homens).

Contudo, são também as mulheres que sentem maior ameaça relativamente à preservação do emprego (16,7%, face a 13% dos homens).

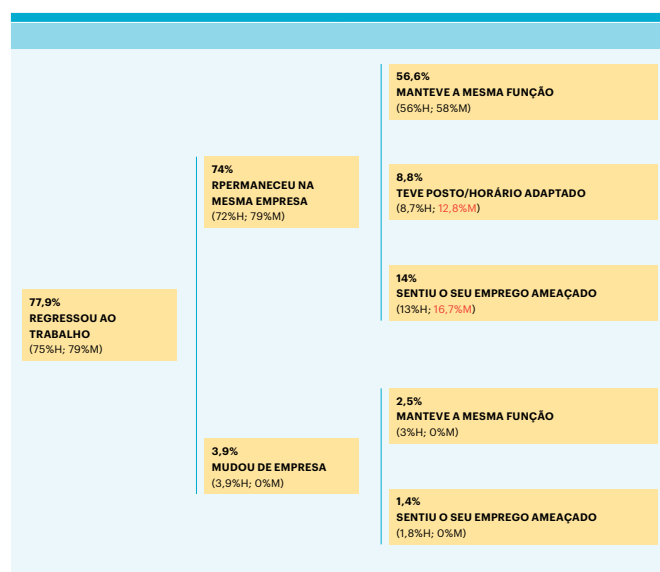


Figura 2: Condições de emprego e de trabalho após o acidente, por género.

No caso do estudo realizado no setor da logística, verificámos também a existência de indicadores que ajudam a caracterizar o obstáculo relativo à ausência de um processo de reintegração formalizado. Após o período de ausência por acidente de trabalho, as chefias não eram necessariamente informadas sobre o regresso do trabalhador, fazendo a atribuição das tarefas em função das necessidades e disponibilidades avaliadas naquele momento. Neste processo, pelo teor das tarefas a realizar - e atribuídas pelas chefias - só em algumas situações se verificou que eram compatíveis com a restrição médica definida.

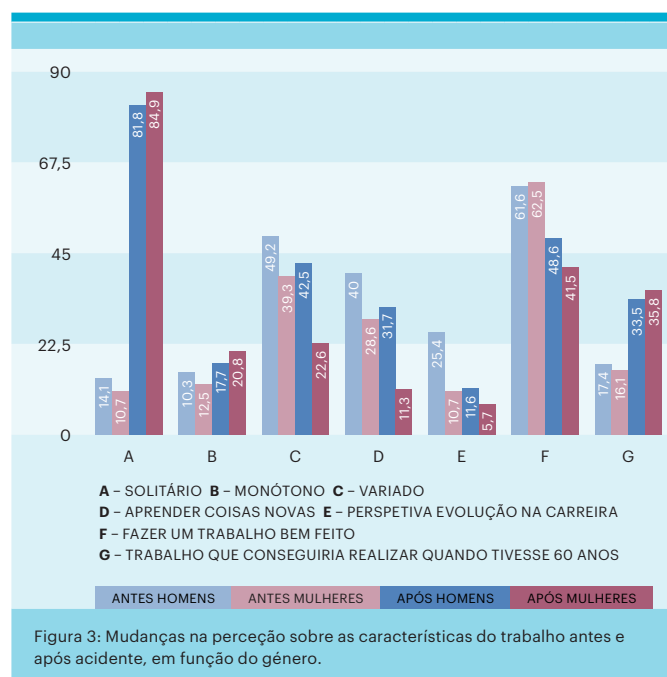
Face a este cenário de não ajuste do posto de trabalho, da ausência de um processo de reintegração após o acidente, os trabalhadores acabam por ter de se adaptar: adaptar às tarefas que lhes são atribuídas no momento do regresso, adaptar à realização da mesma atividade (por vezes não compatível com a lesão), desenvolvendo estratégias que lhes permitam voltar a sentir-se úteis no trabalho que realizam. Verificamos no discurso da maioria dos trabalhadores uma lógica de 'querer sentir-se útil no trabalho' e contribuir para o sucesso da equipa, do trabalho, da empresa.

Apesar de não se ter verificado, em nenhum dos dois estudos, estratégias instituídas de reintegração no pós-acidente, que promovessem um regresso sem obstáculos, considera-se que, no caso do estudo do setor da logística, a intervenção iniciada, e promovida pela empresa, relativa à identificação de uma função alternativa, em coerência com o tipo de restrição médica identificada pelo médico de trabalho da empresa, foi um aspeto positivo para estes trabalhadores. O projeto assumiu-se como uma 'esperança' renovada para alguns trabalhadores, de poderem realizar outras tarefas, de sentirem-se novamente úteis no trabalho e na empresa, com a perspectiva de realizar uma atividade que fosse ao encontro das suas competências, interesses, e que fosse também compatível com a sua restrição médica.

É preciso, ainda assim, indagar de forma mais global, isto é, ultrapassando o caso singular desta empresa, as condições em que o trabalho passa a ser realizado após o acidente. O facto de o trabalho anterior ser mantido, ou de ser atribuída uma outra função, mais compatível com a restrição médica adquirida, traz associada uma melhoria das condições em que o trabalho é realizado?

5.2. Quando o conteúdo do trabalho atribuído não é objeto de debate com os próprios trabalhadores

Orientando agora a análise para as condições de trabalho a que passam a estar expostos os trabalhadores no seu regresso ao trabalho após o acidente, percebe-se que o acidente surge como um *turning point* apenas para o sinistrado. A sua realidade de trabalho, mesmo quando este regressa ao trabalho anterior, não é repensada, reforçando-se o princípio de que a “adaptação” ao posto de trabalho terá que ser desígnio do próprio sinistrado.



Após o acidente, as características do trabalho mudam, reforçando o sentimento de dupla penalização – por se ter sofrido o acidente, e por se ter um cenário mais desfavorável de trabalho a partir daí e num horizonte temporal sem termo antecipável. Como podemos ver pelos resultados apresentados na figura 3, o trabalho é muito mais solitário (com um aumento de cerca de 70% - de 14,1% para 81,8%, no caso dos homens, e de 10,7% para 84,9%, no caso das mulheres) com impacto na dimensão coletiva do trabalho, como veremos no ponto seguinte; é mais monótono (aumento em cerca de 2 vezes mais - de 10,3% para 17,7%, no caso dos homens, e de 12,5% para 20,8%, no caso das mulheres); e reduzida a possibilidade de aprender coisas novas (diferença mais assinalada no caso das mulheres - de 39,3% para 22,6%; e de 28,6% para 11,3%, respetivamente).

Antes do acidente, constata-se a percepção de um trabalho variado, e que permitia aprender coisas novas, tanto para homens como para mulheres (49% dos homens e 39,3% das mulheres, e 40% dos homens e 28,6% das mulheres, respetivamente), ainda que sejam condições mais presentes no caso dos homens (49,2% e 40%, respetivamente). O obstáculo que aqui se enuncia é o facto de o tipo de trabalho a realizar e as condições do seu exercício não serem debatidas com o trabalhador sinistrado, nem realizada qualquer avaliação intermédia, por parte da empresa, do processo de reintegração.

Quando questionámos os trabalhadores do estudo *Regresso ao trabalho após acidente: superar obstáculos* sobre o seu julgamento acerca das mudanças no trabalho realizado antes e após o acidente, voltamos a encontrar diferenças, de forma global, e também contrastadas pela dimensão género. No momento antes do acidente, cerca de 62% dos homens e das mulheres consideravam que tinham possibilidade de fazer um trabalho bem feito; após o acidente, esta percepção diminui para 48,6% dos homens, e 41,5% das mulheres. De realçar o item relativo à percepção de “ter um trabalho que conseguiria realizar aos 60 anos”, que reúne percentagens mais elevadas após o acidente do que antes do acidente (33,5% dos homens declaram-no, face a 35,8% das mulheres). O relato sobre a percepção de conseguir realizar o trabalho aos 60 anos, cremos associado, neste caso, a um julgamento de “capacidade”, como se esta percepção fosse preditiva, ou traduzisse a afirmação de que se manterão capazes de realizar o trabalho atual nessa idade.

Após o acidente, o julgamento dos outros sobre o trabalho a realizar ou realizado é ainda mais penalizador. Em alguns casos, é desvalorizada a capacidade de retomar o trabalho anterior, porque mantidos os mesmos padrões de avaliação do desempenho, o que justifica a atribuição de funções percebidas como configuradoras de uma “despromoção” (e.g. trabalho no mesmo contexto onde ocorreu o acidente, mas em lugar de se assumir as funções de operador especializado, passa a assumir tarefas mais indiferenciadas e tidas como mais leves, frequentemente, tarefas de limpeza e de reciclagem). Noutros casos, o trabalho realizado não é reconhecido, nomeadamente, quando as funções atribuídas são perspectivadas como funções a extinguir, sob o argumento de que a sua necessidade é uma “não conformidade” a evitar. São tarefas associadas à gestão de traços da atividade, tidos como “falhas”, “erros”, como é o caso, por exemplo, das tarefas de triagem de “quebras” resultantes da atividade.

Este obstáculo, referente à ausência de apelo ao ponto de vista do trabalhador sobre o trabalho a realizar após o acidente e sobre as condições em que este passa a ser realizado, é reforçada pelo silêncio que assume na continuidade deste processo. Silêncio do ponto de vista individual, nomeadamente na declaração de dores que persistem no tempo (mais comuns nas mulheres, até pelo tipo de acidentes que sofrem e cujas lesões são de tipo músculo-esquelético). E silêncio também sobre o recurso a ajuda

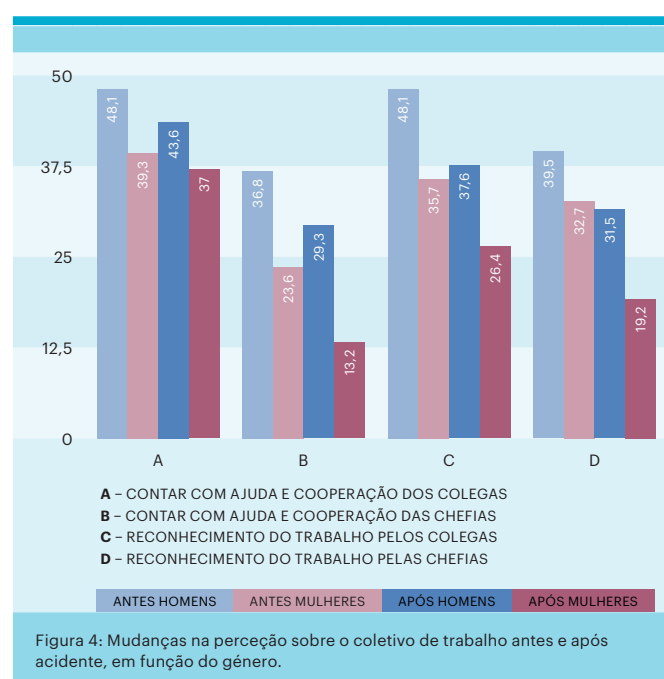
fora da empresa (e.g. procura de parecer de um outro médico), e sobre eventuais alternativas a ponderar (e.g. pesquisa de outras funções disponíveis). Este silêncio é perpetuado pela convicção de que uma postura diferente se consubstanciaria mais rapidamente em ameaça de perda do emprego.

5.3. Quando o regresso é também a um coletivo a quem se impõe uma reorganização

O regresso ao trabalho após um acidente é feito também pela reintegração num coletivo de trabalho. As condições existentes para que chefias e colegas acolham este trabalhador vão ser, desta forma, determinantes para se qualificar a “dimensão” deste obstáculo que terá que ser enfrentado. Estas condições relacionam-se, nomeadamente, com a quantidade de tarefas a desempenhar, o tempo e as metas definidas para a realização dessas tarefas, o efetivo previsto para a sua concretização, e a quantidade de trabalhadores com restrição médica já existentes na equipa. De facto, o ponto de vista dos colegas de trabalho, mesmo quando compreendem bem as circunstâncias em que a restrição de um colega foi adquirida, vai ser atravessado pelo desafio de fazer face às metas impostas, com um (ou mais colegas) que não podem realizar todas as tarefas previstas - aumentando, desta forma, a carga de trabalho da equipa -, e ainda pela necessidade de interromper a realização do seu trabalho para o(s) ajudar em alguns momentos. O trabalhador acidentado não fica incólume face a esta situação. São frequentes os relatos em que os trabalhadores referem sentir-se um “fardo” para a equipa, recorrendo a diferentes estratégias para não penalizar os colegas, mas garantindo a sua colaboração: por exemplo, não recorrem sempre ao mesmo colega; pedem ajuda com recurso ao humor e reconhecendo as suas limitações; ou escolhem os momentos que consideram importunar menos.

Ora, esta dificuldade/impossibilidade de realizar algumas das tarefas, nomeadamente aquelas mais penosas, mesmo quando há indicação médica explícita nesse sentido, acaba por ter consequências na forma como as chefias avaliam o trabalho desempenhado. Numa fase em que ainda não foi encontrado um novo posto, ou adequado o atual, as tarefas desempenhadas pelo trabalhador acidentado parecem estar aquém das que são desenvolvidas pelos seus colegas (ou das que eram desenvolvidas por si antes do acidente), pelo que, na hora de decidir sobre a atribuição de um prémio de produtividade, está sempre presente esta comparação. Sem uma indicação formal sobre a forma de ponderar nestes casos, cada chefia vai decidir se o corte do prémio é total ou parcial, se a sua decisão permanece constante ou se está, “apesar de tudo”, relacionado com o desempenho em cada momento. Estas questões também podem ser observadas a partir dos dados estatísticos recolhidos (figura 4). Com efeito, estes mostram que no momento antes do acidente, a perceção dos trabalhadores é a de que podiam contar com ajuda e cooperação por parte dos

colegas (48,1% dos homens, face a 39,3% das mulheres) e das chefias (36,8% dos homens, face a 23,6% das mulheres), e tinham o reconhecimento do seu trabalho por parte dos colegas (48,1% dos homens, face a 35,7% das mulheres) e chefias (39,5% dos homens, face a 32,7% das mulheres). Contudo, após o acidente, observa-se uma diminuição das percentagens em todos os itens, salientando-se, sobretudo a ajuda e cooperação das chefias (29,3% no caso dos homens, face a 13,2% no das mulheres) e o reconhecimento do trabalho pelas chefias (31,5% dos homens, face a 19,2% das mulheres).



Não poder contar tanto com a ajuda de colegas e chefias e, sobretudo, não ter o mesmo reconhecimento pelo trabalho realizado, participa, na linha de alguns autores (Clot, 1999, Dejours, 2003), na perda da função psicológica do trabalho contribuindo, em algumas situações, para o adocimento dos trabalhadores.

Torna-se assim evidente que repensar o trabalho após o acidente não implica apenas adequar o posto, as tarefas e as ferramentas de trabalho. Implica criar condições para se realizar um trabalho bem feito no seio de um coletivo de trabalho, que não pode sair penalizado por integrar um colega com restrições médicas.

6. CONCLUSÃO

Se o regresso ao trabalho após o acidente é tido pelos trabalhadores como prova de que foram as condições de trabalho que determinaram a ocorrência do acidente, de outro modo a presunção de culpa e o “infórtunio” seria acometido a cada um; o percurso pós-sinistro é o início de um processo renovado de constrangimentos e de dificuldades, a que se veem confrontados estes trabalhadores. De facto, nestes dois estudos desenvolvidos em Portugal

não encontramos percursos pós-acidente em que houve retorno ao trabalho sem qualquer obstáculo.

Assim, tendo como referência o estudo de Durand, Baril, Loisel & Gervais (2008) as categorias da modelização proposta no que diz respeito a percursos pós-acidente embora sejam igualmente possíveis, têm uma prevalência distinta nos nossos estudos, com ênfase particular no quadrante “regresso ao trabalho com obstáculos”. Entre estes obstáculos identificou-se a ausência de planeamento e reestruturação do posto de trabalho; ausência de consideração do ponto de vista do trabalhador sobre o conteúdo do trabalho atribuído; ausência de margem de manobra deixada ao coletivo de trabalho, tendo em vista a sua reorganização.

Apesar de tudo, a análise do caso da empresa específica considerada, que formulou um pedido de intervenção no sentido do apoio na reorientação profissional dos trabalhadores sinistrados após o seu regresso à empresa, é reveladora de uma outra atenção a estas situações. No caso dos trabalhadores do estudo *Regresso ao trabalho após acidente: superar obstáculos*, essa ajuda não proveio da empresa, mas também não estiveram sós, procuraram e obtiveram ajuda junto da ANDST. Foi, aliás, só com sócios e ex-sócios desta Associação que este segundo estudo foi prosseguido. Trata-se, diremos, de uma limitação do próprio estudo, mas tal é revelador de outras desigualdades de género: há mais homens do que mulheres sócios, e uma experiência diferenciada dos atores desta instituição na análise de situações concretas de acidente e de apoio na reivindicação dos direitos das mulheres vítimas de acidentes. E, se as diferenças identificadas neste estudo ganham expressão face ao que nos dá a ver o que se passa no caso de uma empresa singular, coloca-se em debate e reforça-se a importância de introdução desta dimensão de género na análise mais global dos acidentes de trabalho, e na divulgação regular dos dados oficiais pelas instituições responsáveis.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baril, R., Martin, J.-C., Lapointe, C., & Massicotte, P. (1994). *Étude exploratoire des processus de réinsertion sociale et professionnelle des travailleurs en réadaptation*. Québec: IRSST.
- Clot, Y. (1999). *La fonction psychologique du travail*. Paris: PUF
- Cunha, L., Santos, M., & Pereira, C. (2017). Return to employment after a work-related accident: how he/she defines himself/herself in relation to others. *ETUI Seminar: His and Hers occupational hazards, health, justice and prevention actors*. ITUH, Brussels, Belgium.
- Davezies, Ph. (2016). Une palette de troubles de santé. *Santé & Travail*, 94, 29-31.
- Dejours, C. (1995). *Le facteur humain*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF).

- Dejours, C. (2003). *L'évaluation du travail à l'épreuve du réel*. Critique des fondements de l'évaluation. Paris: Éditions Quae.
- Delgoulet, C., Cuvelier, L., Gaudart, C., Molinié, A.F., & Volkoff, S. (2014). Santé et formes de fragilisation dans le travail: construction d'une recherche-intervention. Actes du 49^{ème} Congrès International Société d'Ergonomie de Langue Française.
- Droogenbroeck, A. V., Vallery, G., & Galvan, S. (2012). Le processus d'usure professionnelle dans la grande distribution: effets des conditions de travail et des itinéraires professionnels. 47^{ème} congrès international. Société d'ergonomie de langue française.
- Durand, M.-J., Baril, R., Loisel, P., & Gervais, J. (2008). Trajectoires des travailleurs recevant un programme de retour au travail: étude exploratoire des discussions d'une équipe interdisciplinaire. *Perspectives interdisciplinaires sur le travail et la santé* [En ligne], 10-2 | 2008, mis en ligne le 01 novembre 2008, consulté le 23 février 2018. URL: <http://journals.openedition.org/pistes/2223>; DOI: 10.4000/pistes.2223
- Hareven, T. & Masaoka, K. (1988). Turning points and transitions: perceptions of the life course. *Journal of Family History*, 13, 3, 271-289. <https://doi.org/10.1177/036319908801300117>
- Hélandot, V. (2009). Vouloir ce qui arrive? Les bifurcations biographiques entre logiques structurelles et choix individuels. In Michel Grossetti et al., Bifurcations (p.160-167). La Découverte «Recherches».
- Ramos, S. (2010). *Envelhecimento, trabalho e cognição: do laboratório para o terreno na construção de uma alternativa metodológica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

NOTAS

- [1] Pela impossibilidade de análise dos dados relativos à amostra em análise no presente estudo (276 participantes), apresentam-se, de modo ilustrativo, os resultados da amostra total do estudo (371).

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO?

Pereira, C., Santos, M., & Cunha, L. (2018). Percursos de regresso ao trabalho após acidente: confronto com novos obstáculos. *Laboreal*, 14(1), 49-58. <http://dx.doi.org/10.15667/laborealxi-v0118cper>

RESUMO DE TESE

A ABORDAGEM ERGOLÓGICA PARA UMA OUTRA AVALIAÇÃO DO TRABALHO SOCIAL.

INGRID FOUCHECOURT-DROMARD

Aix Marseille Univ, CNRS,
Centre Gilles Gaston Granger (UMR
7304),
Aix-en-Provence, France
ingdrom@hotmail.fr

Fouchecourt-Dromard, I. (2017).
Les Groupes de Rencontres du Travail
pour une autre évaluation du travail
social. A partir d'une expérience
réalisée à la Caisse d'Allocations
Familiales des Bouches du Rhône.
Thèse de doctorat en philosophie. Aix
Marseille Université. France.

JÚRI DE TESE

Presidente: Yves Schwartz
Orientador: Renato Di Ruzza
Arguentes: Ewa Bogalska-Martin,
Louis Durrive
Examinador: Jean Luc Prades

A tradução deste texto para português
foi realizada por Rui de Pinho e
Nathalie Fernandes.

Manuscrito recebido em:
janeiro/2018
Aceite após peritagem:
maio/2018

**EL ENFOQUE ERGOLÓGICO PARA UNA OTRA
EVALUACIÓN DEL TRABAJO SOCIAL.**

**LA DÉMARCHE ERGOLOGIQUE POUR UNE AUTRE
ÉVALUATION DU TRAVAIL SOCIAL.**

**THE ERGOLOGY APPROACH TO REACH A DIFFERENT
ASSESSMENT OF THE SOCIAL WORK.**

A análise que se apresenta ^[1] corresponde a uma mobilização possível da abordagem da ergologia em resposta a um pedido institucional ^[2] sobre o tema da avaliação qualitativa do trabalho social. Para introduzir este artigo e precisar a nossa problemática, procederemos em primeiro lugar, a um trabalho de definição.

É possível entender o trabalho social relacionando-o com as diferenças que o opõem à assistência e à caridade, cuja missão comum é de aliviar e socorrer o indivíduo. A ajuda apela ao imediatismo. Frequentemente, é necessária uma ajuda pecuniária ou hospitaleira que atende a uma necessidade vital, conforme a sua urgência. O trabalho social vai mais longe, porque aqui socorrer simplesmente é insuficiente. Para além da satisfação imediata, a pessoa a ajudar, vulnerabilizada há já algum tempo, deve poder reconquistar a sua capacidade de responder, no mínimo, às exigências do seu ambiente. Ao contrário da assistência e da caridade, o trabalho social, como qualquer outra atividade de cuidado (Worms, 2012), visa não somente socorrer no imediato, mas também prolongar este socorro por meio de um apoio, de um acompanhamento. Em última análise, o trabalho social resulta do entrelaçamento de três contribuições: a do Estado, que coloca à disposição recursos, dispositivos de socorro; a do trabalhador social, que se implica pessoalmente na resposta a um pedido singular, que se mobiliza a criar com o outro uma relação de confiança para o acompanhar - ir onde ele vai, juntando esforços; e, finalmente, a da pessoa que solicita ajuda, que se compromete com o que emerge de si, das suas capacidades, das suas experiências e das suas habilidades.

A avaliação é um instrumento de medida, um novo modelo de exercício de poder que surge desde o final da década de 1970, e consiste em governar pelo resultado, pela medida de execução de objetivos quantificados, recorrendo a indicadores de desempenho (Ogien in Bocquet, 2016). Esta modalidade é característica da sociedade moderna, que a tornou uma técnica de gestão. Quando se trata de avaliar um trabalho dirigido a seres humanos, múltiplos valores coexistem, formando, assim, dois “mundos de valores” (Schwartz & Durrive, 2009a): o dos valores dimensionados, configurado por números, quantidades que para muitos circulam no mundo mercantil; e o dos valores não dimensionados que emanam do político, do “bem comum” (a saúde, a educação, os serviços sociais). Para estes últimos, não existe nem limites nem hierarquia entre eles. Se esses dois mundos coabitam e se misturam no espaço social, a formulação “avaliação do trabalho social” tende a fazer esquecer as suas possíveis contradições.

O trabalho social não escapa à regra do número e, paralelamente, do seu valor político, cabe-lhe então ser mensurável e rentável. Mas o que se deve avaliar no trabalho social: a sua utilidade social ou os seus custos de produção? O meio ou a finalidade?

As avaliações em curso a propósito do trabalho social dividem-no, medem-no, traduzem-no em dados quantificados. Elas centram-se mais no dimensionamento (tempo de trabalho e produtividade) ou na satisfação daqueles que beneficiam do trabalho social. Nunca têm em conta os sentimentos daqueles que acompanham. Se os saberes digitais obtidos pelas avaliações clássicas mostram uma certa imagem dos trabalhadores sociais, que lugar se atribui aos saberes qualitativos, àqueles que resultam da qualidade, portanto, das maneiras de fazer, dos saberes que só podem ser narrados, porque pertencem apenas a si mesmos? Se o socorro é o único avaliado, o julgamento de valor não é distorcido?

Uma primeira hipótese é então avançada: não podemos apenas avaliar o trabalho social usando um único modelo avaliativo, um modelo quantitativo, porque o projeto político realizado pelo trabalho social não pode ser traduzido em números. Torna-se necessário levar em conta o significado do propósito da ação e as condições de sua eficácia.

De acordo com o comando institucional, o novo modelo avaliativo não pretendia substituir os outros, mas complementá-los, oferecendo aos decisores uma leitura adicional. De facto, a exclusividade dos pontos de vista obtidos faz com que a sua conjugação seja obrigatoriamente necessária a fim de fornecer uma explicação exaustiva da implantação do trabalho social institucionalizado. A complementaridade é de fundamental importância, pois sugere comensurabilidade. Ou seja, permite que as diferentes entidades avaliativas sejam consideradas de forma igualitária, permitindo a sua comparação, o seu confronto e a produção de novos conhecimentos. A complementaridade convida ao diálogo, à instrução mútua; exige o compromisso dialético, encoraja a “*espiral permanente de retrabalho do conhecimento*” (Schwartz & Durrive, 2009b, p. 264). De onde, a nossa segunda hipótese: ao dar visibilidade aos saberes resultantes do trabalho real, a avaliação produzida pode permitir a transformação das atividades do trabalho.

Devemos então refletir sobre a conceção de uma avaliação original pelo facto de que ela é baseada no conhecimento daqueles que trabalham. Assim, precisávamos prever uma maneira de recolher estes saberes e também tínhamos que considerar como estes “saberes narrativos” (Gori, 2015) se tornaria comensurável com o conhecimento já produzido, conhecimento teórico, digital, resultante, nomeadamente, de outras formas de avaliação.

Em primeiro lugar, apresentaremos as principais etapas da avaliação qualitativa que propusemos e, em seguida, tentaremos mostrar como essa avaliação pode ser uma ferramenta interessante para uma modalidade de gestão original, especialmente em instituições públicas.

1. AS GRANDES ETAPAS DA AVALIAÇÃO ERGOLÓGICA

Para realizar essa avaliação, contamos com a abordagem ergológica, uma abordagem que surgiu em França, no início dos anos, 80 sob a instigação de Yves Schwartz, filósofo e investigador da Universidade de Aix-Marseille. No coração dessa abordagem está o conceito de atividade, entendido aqui como um uso de si mesmo (Schwartz, 2000). Fazer uso de si mesmo é tratar subjetivamente os eventos que lhe são apresentados. É fazer uso do próprio ser físico, biológico, psíquico e social. A atividade é singular, é uma negociação em si, um debate personalizado pela história da nossa vida (Schwartz, 2000). Como tal, é a matriz de saberes originais, inéditos.

O desvio entre o trabalho prescrito e o trabalho real surge do encontro entre prescrições e uma personalidade singular. Este desvio resulta da atividade do trabalhador, do debate permanente que existe nele entre o que ele exige de si mesmo e o que os outros lhe pedem: a hierarquia, os colegas, os destinatários do trabalho, etc. Este desvio acorda, portanto, a todas as atividades da atividade humana a sua imprevisibilidade, a sua imponderabilidade, a sua variabilidade e, por conseguinte, a precariedade daquilo que as define. Somente a pessoa em questão pode atestar as razões e as escolhas na origem deste desvio. É, por esta razão, que nada de sério pode ser dito sobre o trabalho independentemente daqueles que trabalham. São, portanto, os seus sentimentos e as suas explicações que constituem o ponto de vista que se procura recolher e valorizar pela abordagem ergológica ^[3]. Esta baseia-se num princípio epistemológico de produção de conhecimento e num princípio ético, porque enfatiza a importância do julgamento pessoal.

Para realizar a avaliação qualitativa, ergológica, afastamo-nos necessariamente das avaliações clássicas. Por exemplo, a definição dos indicadores parecia-nos pertencer aos atores do trabalho e não ao avaliador. Foram os trabalhadores que tiveram que indicar o que deveria ser valorizado para eles no desempenho do seu trabalho. Circunstância também acentuada pelo facto de a abordagem a que nos referimos rever, em si, os modos operatórios classicamente admitidos nas ciências humanas e sociais (não se trata de fazer teoria sobre os factos ou confirmar hipóteses por meio de experiências empíricas; trata-se sobretudo de acompanhar o confronto, num plano igualitário, dos saberes digitais e dos saberes resultantes da experiência, para que cada um se possa impregnar do outro).

Uma vez que consideramos que aquele que faz é mais capaz de avaliar, é da nossa responsabilidade promover o surgimento do conhecimento gerado pela atividade e identificar nas trocas, os valores a partir dos quais cada um gere o desvio entre o que se prescreve e o real, para identificar recorrências na sua aborda-

gem ao trabalho, ou seja, atualizar o que cada um faz para ser eficaz, e em nome do que faz, individual e coletivamente. Dito isto, este trabalho avaliativo não consistiu na realização de um catálogo de saberes-fazer singulares. Não é só o que diz respeito a si exclusivamente a nós mesmos que teremos que apontar, mas antes aquilo que encontra eco no coletivo. Tão pouco precisamos de apresentar as diferentes formas de abordagens colaborativas informais, mas deveríamos sobretudo tentar compreender o que favorece o seu desenvolvimento ou, pelo contrário, o que o inibe para permitir a cada um reconsiderar as suas maneiras de fazer, tendo em vista novos saberes que se lhe apresenta.

Como as diversas formas de avaliação presentes na instituição deveriam ser consideradas complementarmente, os saberes narrativos deveriam atingir o mesmo nível de grandeza científica que os saberes digitais. Isso significa que os saberes da experiência deveriam entrar em epistemicidade (em conceitos). A entrada em epistemicidade implica o controlo da sistematicidade. Como resultado, o acesso ao trabalho real é concebível a partir dos conhecimentos produzidos singularmente nas suas convergências coletivas (sistematicidade). Os pontos de concordância sobre o sentido dado ao trabalho permitem a transição para a abstração necessária ao trabalho de concetualização.

A entrada em epistemicidade foi possível por meio de um dispositivo original proposto pela abordagem ergológica que são os “Groupes de Rencontres du Travail” (“Grupos de Encontros do Trabalho”) (GRT), grupos de análise de experiência (Durrive, 2015), onde os profissionais são convidados a refletir e discutir o seu trabalho.

Nos GRT, a produção de saberes é baseada na dinâmica entre, por um lado, o polo dos saberes teóricos (produção antecipada de conhecimentos sobre a atividade de trabalho: formações, prescrições, regras, descritivos de funções, etc.); e, por outro lado, o polo dos saberes da atividade, da realidade dos trabalhadores. A dinâmica entre estes dois polos implica um enriquecimento mútuo desde que seja mantido num diálogo que aceite a comensurabilidade dos saberes ^[4]. Isso significa que os saberes em dialética entre estes dois polos são considerados da mesma grandeza, permitindo o seu confronto.

Escolhemos considerar a efetividade do trabalho social como um “problema comum” que se articula entre atividade (uso de si), organização e política. Com referência a certos aspetos metodológicos da sociopsicanálise institucional ^[5], a implementação de um diálogo igualitário em três dimensões foi assim imaginado: entre pares (quatro ofícios foram solicitados), entre colegas e colegas de equipa (esses quatro ofícios formam a equipa de intervenções em trabalho social) e entre operadores e concetores (gestores).

A avaliação proposta foi então construída em três etapas: acompanhar a enunciação dos conhecimentos pessoais, apoiar a construção de pontos de vista partilhados e, finalmente, estabelecer comensurabilidade entre as avaliações. Ela torna-se uma avaliação feita de duas avaliações baseadas nas seguintes questões: qual é o meu trabalho? Como fazemos o trabalho social juntos? Os GRT foram usados para construir estas duas avaliações. Eles desenvolveram-se em nove sessões de três horas, uma vez por mês durante quinze meses. Os GRT são compostos por três fases: apreender a atividade; construir entre pares um ponto de vista coletivo sobre o trabalho; apreender o trabalho coletivo, o trabalho em equipa.

A primeira fase dos GRT é o feedback do conhecimento e a partilha de experiências pessoais entre pares. Outras técnicas qualitativas de recolha de informações foram mobilizadas: observação e entrevista livre. O esforço de adesão às situações era, portanto, necessário, a princípio, para desalojar evidências e aprofundar as aparências. Cada sessão deu lugar a uma síntese dos diversos elementos de conhecimentos recolhidos. Esta síntese foi distribuída aos participantes antes do encontro seguinte para ser submetida à sua validação. Foi também um novo meio para os profissionais confrontarem, mais uma vez, os seus conhecimentos, que foram enunciados no mês anterior.

A segunda fase dos GRT visa a construção, sempre entre pares, um ponto de vista partilhado sobre o ofício com base nas realidades de cada um. Admite-se, assim, o aumento em objetividade para construir um primeiro mundo comum, o do mundo profissional. Aqui os protagonistas, sempre reunidos em grupos de ofícios, tentaram colocar por palavras de forma argumentada (sem necessariamente encontrar consenso) o ponto de vista sobre o seu trabalho em relação aos constrangimentos que eles enfrentam. Isso permitiu a estes trabalhadores pares retrabalhar as suas profissionalidades e ampliar a sua visão dos meios empregues face à organização formal. Essas duas primeiras fases dos GRT permitem a formalização de uma primeira narrativa avaliativa, a do trabalho supostamente realizado por esses trabalhadores pares.

A terceira fase, a terceira intenção, visa, por sua vez, a transição de uma abordagem específica para uma abordagem global para entender o trabalho em equipa, um mundo comum mais amplo. Se até aí era uma questão de produzir conhecimento, desta vez queríamos entender o “fabrico” do trabalho social de forma alargada, através da comunicação indireta. Os quatro grupos então, por nosso intermédio, comunicaram entre eles, trocaram perguntas e respostas. Havia uma hierarquia estatutária entre os participantes, entre os grupos. Como queríamos abordar o trabalho da “equipa de intervenção em trabalho social”, essa hierarquia organizacional obrigou-nos a encontrar soluções que permitissem materialmente a comunicação entre os grupos sem prejudicar a expressão. A ideia de colocar em cena vários grupos de ofícios

diferentes foi inspirada pela sociopsicanálise. Jean Luc Prades explica, a esse respeito, que a multiplicidade de grupos, quando se reúnem, recompõe a instituição permitindo a cada um ir além da primeira identidade para a compreensão de todo o ato da instituição (Prades, 2007). Esta última fase permitiu o desenvolvimento de outra narrativa avaliativa, a do trabalho percebido pelos outros.

A experiência que se acumula (Oddone, Re & Briante, 1981) no seio de grupos homogêneos primeiro, e em grupos a seguir, permitiu-nos obter novas informações sobre o trabalho. Essa modalidade de produção de saberes combinou a expressão e a validação iniciando uma progressão entre subjetividade e objetividade, entre pares e entre membros de uma mesma equipa. A validação das crônicas da atividade, resultantes das observações da situação de trabalho, das sínteses de sessão, das questões e das respostas formuladas por cada um dos grupos foram as etapas necessárias para a construção de um julgamento de cientificidade que conferiu aos trabalhadores um estatuto particular: o de perito do seu trabalho. Esses peritos enunciaram saberes esperando o reconhecimento concetual, saberes que não pertencem a nenhuma disciplina porque advêm da experiência. A validação por vários permitiu a sua concetualização.

A partir dessas duas narrativas, construímos a avaliação final. Analisamos, registamos e transmitimos para a Gestão os saberes obtidos a partir do trabalho real. Este trabalho coletivo dá a ver um ponto de vista qualitativo do que produz a organização do trabalho, um ponto de vista científico, que se torna ele mesmo comensurável com outros pontos de vista.

2. AVALIAÇÃO ERGOLÓGICA AO SERVIÇO DO “ERGOGERENCIAMENTO”

Propomos agora examinar o interesse da avaliação ergológica para as instituições públicas.

O nosso trabalho tende a mostrar que a avaliação ergológica tem sido benéfica para os trabalhadores mobilizados em GRT, porque eles reapropriam-se de uma espécie de legitimidade para falar sobre o seu trabalho e a sua organização. Eles pretendiam e solicitaram uma versão escrita da sua avaliação para mostrar os seus saberes-fazer e justificar as suas tomadas de posição face à organização prescrita. A avaliação ergológica irá, assim, permitir dar visibilidade a um outro tipo de valor naturalmente presente na empresa, o valor investido por cada um no processo produtivo. E sabemos que os trabalhadores precisam de ser valorizados e reconhecidos no e pelo que fazem, sobretudo porque estão frequentemente na melhor posição para propor pistas de melhoria (Hirigoyen, 2017). No entanto, a constatação da apropriação dos saberes da experiência pelos gestores mostrou-se mais difícil de

estabelecer, isto porque esses líderes acabaram por se opor com desconfiança face ao nosso dispositivo. Estas reticências interpelam, porque supõem reservas sobre o valor e a utilidade dos saberes emergentes e isto vai ao encontro da pesquisa sobre a eficácia no trabalho e, especialmente, aqui, a eficácia do trabalho realizado para cumprir uma missão de serviço público.

Uma vez que visa alcançar o mesmo nível de cientificidade pelo conhecimento produzido tanto pelas avaliações qualitativas como pelas quantitativas; por aspirar a que a cientificidade de novos saberes seja possível pelo facto de que os trabalhadores concebem e conscientizam individualmente, coletivamente, e socialmente a sua atividade de trabalho. A avaliação ergológica participa no estabelecimento que cada ponto de vista tem a sua importância para a organização do trabalho. Para além da ambição apenas informativa da avaliação clássica, a avaliação ergológica é assim também uma ferramenta democrática, na condição, claro, de conceber que o diálogo está no fundamento da democracia e que a democracia parte do Homem ^[6], da sua atividade. Mais do que uma ferramenta de gestão, uma ferramenta para os gestores, a avaliação ergológica é assim uma ferramenta para todos os trabalhadores, independentemente do seu lugar no organigrama.

Quando a produção de saberes resultantes do trabalho é permitida na empresa, admitida a complementaridade de pontos de vista, a avaliação ergológica também endossa suplementarmente um papel político. O nosso trabalho permite ver, em particular, as consequências de uma abordagem excessivamente agressiva da lógica mercantil na organização das atividades que estão no centro de um projeto político (no sentido de *politeia*) como é o trabalho social, mas como é também a saúde ou mesmo o ensino. A lógica de mercado transforma os ofícios, fragiliza as identidades profissionais, fragiliza os corpos, desmantela os coletivos e neutraliza as relações e as interações. Elas mudam o sentido do trabalho, questionam o seu propósito e semeiam dúvidas sobre as expectativas de todos e em todos os níveis do organigrama. A avaliação ergológica coloca o problema do viver em conjunto como um problema comum e reconhece a necessidade de abordar em várias vozes as questões, nunca fáceis, do que é ser e trabalhar ao serviço do público, trabalhar em conjunto para produzir a riqueza essencial, para construir e melhorar o mundo comum no qual evoluímos combatendo desigualdades e injustiças. Mais do que uma despesa, essas atividades de serviço público são investimentos sociais. É por essa razão que se torna obrigatório que seja debatido coletivamente a articulação entre o político, o mercado, a organização e o profissional, sabendo que cada um desses eixos responde a objetivos particulares e é atravessado por temporalidades específicas. Essas atividades exigem que o valor suplementar gerado pela implicação individual no trabalho em geral seja considerado e reconhecido, porque sem essa implicação individual, elas não persistiriam.

Se a avaliação é um risco porque pode revelar possíveis desvios entre o que se pensa fazer e o que é realmente feito, a avaliação ergológica supõe outros. Revoga os princípios classicamente estabelecidos da organização do trabalho. Não há mais, de um lado aqueles que sabem, e do outro aqueles que não sabem, aqueles que sabem sabendo por aqueles que não sabem (Schwartz, 2012). A instrução mútua admite uma circularidade de saberes contrária a uma conceção de cima para baixo. Permite regenerar as diretivas, rever as lógicas a partir do trabalho real, o trabalho realmente realizado. Oferece a possibilidade de gerir o mais próximo possível das realidades do trabalho e dos seus destinatários. A avaliação ergológica é, portanto, em última análise, um apoio para quem gostaria de ser ergo-gestor ^[7]. O ergo-gerenciamento é um projeto de uma nova gestão que quer ser mais democrática e, portanto, menos traumática. Uma gestão que não se estabelece sobre um saber hegemónico, autocrático, que não admite a pré-qualificação do poder sobre os saberes, que não nega o real do trabalho. Uma gestão do trabalho pelo trabalho, que dá lugar ao debate, à confiança, que também implica cada um na finalidade do trabalho.

Seria possível concluir postulando a ideia de que o ergo-gestor é aquele que aceita, permitindo que a complementaridade surja nas avaliações que ele gere, um retorno de experiência sobre as suas concetualizações organizacionais e de gestão. É o líder que reconhece que a sua atividade faz parte de um conjunto de atividades combinadas que ele precisa de conhecer e de entender. É um gestor que corre o risco de fazer de outra forma. De facto, se hoje as técnicas de gestão se focalizam mais do que no passado sobre a pessoa que trabalha, hoje, como no passado, o sofrimento no trabalho, o poder e o controlo pontuam o quotidiano dos trabalhadores e das trabalhadoras. O ergo-gerenciamento distingue-se então desta perspetiva indubitavelmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bocquet, B. (2016). *La fièvre de l'évaluation. Quels symptômes? Quels Traitements?* Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- Di Ruzza R & Halevi J. (2003). *De l'économie politique à l'ergologie. Lettre aux amis*. Paris: Editions L'Harmattan.
- Durrive L. (2015). *L'expérience de normes. Comprendre l'activité humaine avec la démarche ergologique*. Toulouse: Editions Octarès.
- Gori, R. (2015). *La fabrique des impoteurs*. Lonrai. Actes sud Editions.
- Hirigoyen M.F. (2017). *Le harcèlement moral au travail*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Janover L. & Rubel M. (2003). *Karl Marx, Philosophie*. Saint Amand: Galimard.

Mendel G. & Prades J.L. (2002). *Les méthodes de l'intervention psychosociologique*. Paris: Editions La Découverte.

Oddone I., Re, A., & Briante G. (1981). *Redécouvrir l'expérience ouvrière*. Paris: Editions sociales.

Prades J.L et les membres de l'ADRAP. (2007). *Intervention participative et travail social. Un dispositif institutionnel pour le changement*. Paris: L'Harmattan.

Schwartz Y. (2000). *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe*. Toulouse: Editions Octarès.

Schwartz Y. & Durrive L. (2009a). *Travail et ergologie: entretiens sur l'activité humaine*. Toulouse: Editions Octarès.

Schwartz Y. & Durrive L. (2009b). *L'activité en dialogues: entretiens sur l'activité humaine*. Toulouse: Editions Octarès.

Schwartz Y. (2012). *Expérience et connaissance du travail*. Millau: Les éditions sociales.

Worms F. (2012). *Soin et politique*. Paris: Presses Universitaires de France.

NOTAS

- [1] Este artigo retoma de forma sintética alguns elementos apresentados no trabalho de tese, para a obtenção de doutoramento em filosofia.
- [2] A pesquisa foi realizada em França no quadro de uma Convention Industrielle de Formation à la Recherche en Entreprise (Convenção Industrial de Formação para a Investigação em Empresa) (CIFRE) no quadro da instituição Caisse d'Allocation Familiale (CAF). O objetivo da CIFRE é co-financiar a formação de um doutorando recrutado por uma estrutura estabelecida no território francês pertencente ao mundo socioeconómico, que o contrata para lhe confiar uma missão de investigação inscrevendo-se na estratégia de pesquisa e desenvolvimento, que servirá de suporte para a preparação da sua tese.
- [3] “O que é, em certo sentido, mais rico do que a análise do trabalho por si só; porque está interessado em todos os ‘usos de si’, transcendendo todos os limites sociais, temporais e institucionais; apto a pensar as circulações e reinvestimentos entre eles. A análise do trabalho assalariado aparece deste ponto de vista mais pobre, na medida em que apenas determinados segmentos da vida humana são tidos em conta e onde a heterodeterminação das normas (variável segundo as épocas, as formas de gestão do trabalho) restringe a esfera das conquistas inventivas” (Schwartz, 2000, p. 422, tradução livre).
- [4] “Os saberes académicos e os saberes não académicos são tendencialmente comensuráveis. E o diálogo que se deve instaurar entre eles é, desde logo, um ‘diálogo igualitário’ (talvez este seja o significado que deve ser dado ao ‘diá-

- logo socrático num duplo sentido’)” (Di Ruzza & Halevi, 2003, p. 68, tradução livre).
- [5] Desenvolvido por Gérard Mendel, “a sociopsicanálise tenta compreender como o facto social influencia o facto psíquico individual, incluindo-se o inconsciente. Prática coletiva, procura estudar como os atores, organizados em grupos específicos (grupos homogêneos de ofício) e no quadro da sua atividade quotidiana, refletem por si mesmos sobre as forças que influenciam a sua personalidade”. (Mendel & Prades, 2002, p. 53, tradução livre).
- [6] Enquanto “Hegel parte do Estado e faz do homem o Estado transformado em sujeito, a democracia parte do homem e faz do Estado o homem transformado em objeto”, ela é “o homem socializado” (Marx cit in Janover & Rubel, 2003, introdução, tradução livre).
- [7] “Ergo-gestor significa que nós paramos, a todos os níveis das organizações humanas, de reificar as normas antecedentes, de reificar os parceiros, interlocutores, executores, usuários..., como se eles não fossem, dia após dia, confrontados com dramáticas de uso de si mesmos, portadores em níveis muito diversos de reservas de alternativas. Isto implica um desafio, uma vigilância, uma inquietude permanente por aqueles que têm essa responsabilidade ou esse poder, na sua relação com aqueles de quem esperam um resultado industrioso” (Schwartz & Durrive, 2009a, p. 242, tradução livre). Essa postura é pertinente para todos os níveis hierárquicos.

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO?

Fouchecourt-Dromard, I. (2018). A abordagem “ergológica” para uma outra avaliação do trabalho social. *Laboreal*, 14(1), 59-64. <http://dx.doi.org/10.15667/laborealxiv0118id>

TEXTOS HISTÓRICOS

UM RETORNO A GILBERT SIMONDON E À SUA OBRA INICIAL.

COMENTÁRIO AO TEXTO DE SIMONDON, G. (1969). INTRODUCTION. IN G. SIMONDON.
DU MODE D'EXISTENCE DES OBJETS TECHNIQUES (PP. 9-16). PARIS: AUBIER.

JACQUES LEPLAT

[1] École Pratique des Hautes Études
Grupo de pesquisa e de estudo da
história do trabalho e da orientação
(GRESHTO)
Centro de pesquisa do trabalho e do
desenvolvimento (CRTD)
Conservatório Nacional das Artes e
Ofícios (CNAM)
41, Rue Gay-Lussac 75005
Paris, France
Jacques.leplat@wanadoo.fr

A tradução deste texto para português
foi realizada por João Viana Jorge.

VOLVER SOBRE GILBERT SIMONDON Y SU LIBRO INICIAL.

UN RETOUR À GILBERT SIMONDON ET À SON ŒUVRE INITIALE.

A RETURN TO GILBERT SIMONDON AND TO HIS INITIAL WORK.

Manuscrito recebido em:
janeiro/2018
Aceite após peritagem:
fevereiro/2018

Não surpreenderá, ninguém que se interesse pela história do trabalho, ver figurar o nome de Simondon num texto da revista *Laboreal* geralmente orientada para as questões relacionadas com o domínio da psicologia do trabalho e da ergonomia. Como escreve este autor na introdução da obra «Du mode d'existence des objets techniques»^[1], “o homem é o organizador permanente de uma sociedade dos objetos técnicos que têm necessidade dele como os músicos necessitam de um maestro” (p. 11). A história da ergonomia da atividade como a da psicologia do trabalho acarreta numerosas ilustrações desta declaração desde os primeiros tempos da afirmação da abordagem que lhes é comum (Ombredane e Favergue, 1955; Leplat e Cuny, 1977; Montmoulin, 1984; Wisner, 1985; Rabardel, 1995). O nome de Gilbert Simondon está associado aos objetos técnicos. Mas não se deve reduzir o livro de Simondon a este único aspeto e constata-se desde a leitura das primeiras páginas dessa obra que as suas análises se desenvolvem num quadro mais alargado.

1. GILBERT SIMONDON, UM AUTOR PRIMORDIAL, ORIGINAL, MAS TARDIAMENTE APRECIADO

Previamente a este comentário lembrarei que Simondon iniciou a sua carreira na Universidade de Poitiers que a seguir abandonou pela da Sorbonne. Como se pode constatar na sua bibliografia, tal como a retomada na obra, é autor de grande número de publicações sobre diversos temas, ainda que o seu interesse pelas questões tocantes às relações entre o homem e o trabalho fosse preponderante, tendo-se isso manifestado de maneiras diversas: pelo estabelecimento de relações com os docentes, pelas conferências, pelas participações em júris de teses e em numerosos congressos. Tive a sorte de o conhecer no início da sua carreira e, depois, de o encontrar frequentemente no seu Laboratório no Instituto de Psicologia da rua Serpente (Sorbonne) e nunca vou esquecer as visitas comentadas que me fez fazer à sua sala de experimentação na qual se encontrava um certo número de objetos que figuram na tabela no início do livro aqui discutido. Cada um desses objetos, extremamente variados, tinha uma história que ele gostava de contar, pronto a responder a todas as questões.

Gilbert Simondon (1929-1989) é pois um autor primordial e original no campo das pesquisas respeitantes às relações entre a cultura e a técnica. A presente obra ocupa nisto um lugar central, reconhecida pela riqueza da análise proposta mas também pelas numerosas pistas de pesquisas aparentadas que aí apresenta. O interesse que lhe dedicaram é aliás hoje renovado no quadro de numerosos projetos. E assim, alguns fazem referência a uma «re-descoberta da obra de Simondon». É verdade que, se a sua originalidade e o seu valor foram muito cedo reconhecidos pelos seus pares, a obra não conquistou de imediato grande público, sem dúvida desencorajado por passagens do livro por vezes muito técnicas. Foram necessários anos a fio para que essa contribui-

ção encontrasse por fim a audiência que merece, provavelmente favorecida por alguns grandes leitores que constituem “a base com a qual Simondon elaborou, através do diálogo direto com a epistemologia de Canguilhem, a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty e a cibernética de Wiener, a originalidade de um pensamento que autoriza uma perspectiva que pode dizer-se ecológica e cuja força deve hoje ser necessariamente considerada” (Bardin, 2014, p. 26).

A título de exemplo dos esforços empreendidos para fazer justiça, há já um quarto de século, à obra de G. Simondon, pode lembrar-se a declaração, em 1992, de Hubert Curien, antigo diretor do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) e do *Centre National d'Études Spaciales* (CNES) por altura dum colóquio organizado pelo Colégio Internacional de Filosofia: “Estou particularmente feliz por apresentar um encontro que procura analisar e rememorar o pensamento de Gilbert Simondon. Esse pensamento tão necessário, tão fecundo para o nosso tempo, tão exemplarmente atual, deve ser retirado dum injusto esquecimento (...) G. S. era um homem de grande cultura científica, particularmente em física e em biologia (...). Era também um investigador exemplar do devir cultural, das realidades psicológicas e sociais: não recortava artificialmente o mundo a partir da tão lamentável separação entre as ciências da natureza por um lado e ciências do espírito, por outro.”

2. GÉNESE DO OBJETO TÉCNICO: O PROCESSO DE CONCRETIZAÇÃO

A análise exaustiva do livro ultrapassaria a finalidade habitual desta rubrica da revista. Privilegiaremos portanto aqui, relacionado com a introdução, o que retivemos do primeiro capítulo e da conclusão da obra.

Esse primeiro capítulo faz na realidade o relanço da introdução retomando os temas frequentemente desenvolvidos em pesquisas relativas a situações de trabalho. O autor escolhe aí o motor de automóvel como exemplo de objeto técnico. Sublinha:

No *motor antigo*, cada elemento intervém num dado momento do ciclo e depois é suposto não mais agir sobre os outros elementos enquanto no *motor atual* cada peça importante é de tal modo ligada às outras por recíprocas trocas de energia que não pode ser outra que não ela. Pode dizer-se que o motor atual é um motor *concreto* enquanto o motor antigo é um motor *abstrato*. A essência da concretização do objeto técnico é a organização de subconjuntos funcionais no funcionamento total (p. 34, tradução livre).

Nesta lógica Simondon estuda então sucessivamente: *a evolução técnica, o ritmo do progresso técnico e as linhagens técnicas*. Insiste muito sobre as modalidades e as consequências da concre-

tização dos objetos técnicos bem como sobre a sua exploração. Segundo ele o artesanato recorre ao estado primitivo da evolução dos objetos técnicos, quer dizer ao estado abstrato e a indústria explora o estado concreto. As modalidades desta passagem são examinadas em detalhe e discutidas a propósito de exemplos definidos que permitem discernir estilos de evolução. Nota portanto que a construção dum objeto técnico determinado pode tornar-se industrial quando esse objeto se torna concreto, a saber: quando o conhecimento subjacente à instrução construtiva e o do olhar científico são análogos.

Afirma igualmente:

(...) existem dois tipos de aperfeiçoamento (...) os aperfeiçoamentos menores prejudicam os aperfeiçoamentos maiores, porque podem mascarar, verdadeiras imperfeições dum objeto técnico com artifícios não essenciais, incompletamente integrados no funcionamento do conjunto, os verdadeiros antagonismos... (...) As etapas reais do aperfeiçoamento técnico fazem-se por mutações, mas por mutações orientadas (p. 39 e 40, tradução livre).

E acrescenta mais adiante aquando de outro exemplo, o do díodo:

A concretização dá ao objeto técnico um lugar intermediário entre o objeto natural e a representação científica. O objeto técnico abstrato, quer dizer primitivo, está muito longe de constituir um sistema natural, físico. É a tradução física de um sistema intelectual (...) Pelo contrário, o objeto técnico concreto, quer dizer evoluído, aproxima-se do modo de existência dos objetos naturais, tende para a coerência interna, para o fecho do sistema de causas e efeitos que se exercem circularmente no interior do seu entorno (...). Esse objeto, evoluindo, perde o seu carácter artificial: a artificialidade essencial de um objeto reside no facto de que o homem deve intervir para manter a sua existência protegendo-o do mundo natural dando-lhe um estatuto de existência aparte... (p. 46 e 47, tradução livre).

3. OBJETO TÉCNICO E TRABALHO

Compreende-se a importância da contribuição de Simondon por qualquer das reflexões sobre as relações entre o objeto técnico e o trabalho humano. Aliás, no primeiro parágrafo da conclusão daquele livro, escreve:

Até hoje a realidade do objeto técnico passou a segundo plano, atrás da do trabalho humano. O objeto técnico foi apreendido através do trabalho humano, pensado e julgado como instrumento, adjuvante ou produto do trabalho.

Ora, seria necessário, em favor do próprio homem, poder operar uma reviravolta que permitisse o aparecimento direto ao que há de humano no objeto técnico, sem passar pela relação de trabalho. É o trabalho que deve ser (re)conhecido como fase da tecnicidade porque é a tecnicidade que é o conjunto de que o trabalho é uma parte e não o inverso (p.241, tradução livre).

Estas questões serão retomadas e aprofundadas ulteriormente. Podem ver-se mais explicitadas numa obra que agrupa textos de Simondon (2014). Todavia já aqui nos diz:

(...) o trabalho pode ser tomado como aspeto da operação técnica, que não se reduz ao trabalho. Só há trabalho quando o homem doa o seu organismo como portador de utensílios, quer dizer quando o homem deva acompanhar, pela atividade do seu organismo, da sua unidade psicossomática, o desenrolar, etapa por etapa, da relação homem-natureza. O trabalho é a atividade pela qual o homem realiza nele próprio a mediação entre a espécie humana e a natureza; dizemos que neste caso o homem opera como portador de ferramentas porque nesta atividade age sobre a natureza e segue, passo a passo, gesto a gesto, essa ação. Trata-se de trabalho quando o homem não pode confiar ao objeto técnico a função de mediação entre a espécie e a natureza, e deve cumprir ele próprio, com o seu corpo, o seu pensamento, a sua ação, essa função de relação. O homem empresta então a sua própria atividade de ser vivo para organizar essa operação; é nisso que é portador de ferramentas. Em contrapartida quando o objeto técnico é concretizado o misto de natureza e homem é constituído ao nível desse objeto; a operação sobre o ser técnico não é exatamente um trabalho. Com efeito, no trabalho o homem coincide com uma realidade que não é humana, verga-se a uma realidade, escorrega de algum modo entre a realidade natural e a intenção humana; o homem no trabalho modela a matéria segundo uma dada forma; alcança essa forma que é uma intenção de resultado, uma pré determinação do que é preciso obter no termo da obra segundo as necessidades pré-existentes. Essa forma-intenção não faz parte da matéria sobre a qual o trabalho incide; exprime uma utilidade para ou uma necessidade do homem mas não sai da natureza. A atividade de trabalho é o que estabelece a ligação entre a matéria natural e a forma e é de proveniência humana; o trabalho é uma atividade que chega a fazer coincidir, a tornar sinérgicas, duas realidades tão heterogêneas como a matéria e a forma (p. 242, tradução livre).

4. DO MODO DE EXISTÊNCIA DOS OBJETOS TÉCNICOS AOS RESULTADOS DO SEU FUNCIONAMENTO

Enfim, lamentaríamos não evocar nesta breve apresentação a perspectiva de pesquisa que Simondon traça indicando quanto o estudo do modo de existência dos objetos técnicos deveria ser prologado pelo dos resultados do seu funcionamento e das atitudes do homem face a esses objetos técnicos:

A atividade técnica ao edificar o mundo dos objetos técnicos e generalizar a mediação objetiva entre o homem e a natureza, prende o homem à natureza por um elo muito mais rico e melhor definido do que o da reação específica do trabalho coletivo. Uma conversibilidade do humano em natural e do natural em humano instituiu-se através do esquematismo técnico. (...) A percepção corresponde à colocação em questão direta do homem vivendo pelo mundo natural. A ciência corresponde à mesma colocação em questão... A ciência corresponde à mesma colocação em questão através do universo técnico. Para o trabalho sem obstáculo a sensação é suficiente; a percepção corresponde ao problema que surge ao nível do trabalho. Em contrapartida, enquanto as técnicas resultam, o pensamento científico não é convidado a nascer. Quando as técnicas falham a ciência está próxima. A ciência corresponde a uma problemática formulada ao nível das técnicas e que não pode encontrar solução ao nível das técnicas. A técnica intervém entre percepção e ciência para provocar uma mudança de nível; fornece esquemas, representações dos meios de controlo, mediações entre o homem e a natureza. O objeto técnico tornado separável pode ser reagrupado com outros objetos técnicos segundo tal esta ou aquela montagem. O mundo técnico fornece uma disponibilidade infinita de agrupamentos e de conexões. (...) Construir um objeto técnico é preparar uma disponibilidade (p. 245 e 246, tradução livre).

Concluamos com Gilbert Simondon: “O objeto que resulta da invenção técnica arrasta com ele qualquer coisa do ser que a produziu, exprime desse ser o que é menos ligado a um *hic et nunc*» (aqui e agora)” (p. 248, tradução livre).

É bem verdade que nunca se acaba de ler um texto de Simondon e este primeiro texto que ele escreveu ainda mais do que os outros. A leitura é por vezes difícil e requer perseverança. Se o quisermos permitir tudo se esclarece com uma nova partida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bardin, A. (2014). *Le monde diplomatique*, Décembre.
- Curien, H. et al. (1992). *Une pensée de l'individualisation et de la technique*. Paris: Albin Michel.
- Leplat, J. et Cuny, X. (1977). *Introduction à la psychologie du travail*. Paris: P.U.F.
- Montmollin (de), M. (1984). *L'intelligence de la tâche*. Peter Lang: Bern.
- Ombredane, A. et Favergé, J.-M. (1955). *L'analyse du travail*. Paris: P.U.F.
- Rabardel P. (1995). *Les hommes et les technologies*. Paris: Armand Colin.
- Simondon, G. (1969). *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier.
- Simondon, G. (2014). *Sur la technique* (1953-1983) Paris: P.U.F.
- Wisner, A. (1985). *Réflexions sur l'ergonomie*. Toulouse: Octarès.

NOTAS

- [1] Primeira edição 1958; segunda edição 1969 utilizada para o presente texto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito vivamente a Marianne Lacomblez e a Régis Ouvrier Bonnaz pela releitura que fizeram do meu texto inicial para o pôr de acordo com as normas da revista e facilitar a sua leitura a futuros leitores.

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO?

Leplat, J. (2018). Um retorno a Gilbert Simondon e à sua obra inicial. *Laboreal*, 14(1), 65-68. <http://dx.doi.org/10.15667/laborealxi-v0118jl>

TEXTOS HISTÓRICOS

DO MODO DE EXISTÊNCIA DOS OBJETOS TÉCNICOS: INTRODUÇÃO.

GILBERT SIMONDON

Texto original: Simondon, G. (1969).
Introduction. In G. Simondon.
*Du mode d'existence des objets
techniques* (pp. 9-16). Paris: Aubier.

A tradução deste texto para português
foi realizada por João Viana Jorge.

**EL MODO DE EXISTENCIA DE LOS OBJETOS TÉCNICOS:
INTRODUCCIÓN.**

**DU MODE D'EXISTENCE DES OBJETS TECHNIQUES:
INTRODUCTION.**

**ON THE MODE OF EXISTENCE OF TECHNICAL OBJECTS:
INTRODUCTION.**

Este estudo é incentivado pela intenção de suscitar uma tomada de consciência do sentido dos objetos técnicos. A cultura constitui-se em sistema de defesa contra as técnicas; ora, essa defesa apresenta-se como defesa do homem supondo que os objetos técnicos não incluem a realidade humana. Quereríamos mostrar que a cultura ignora na realidade técnica uma realidade humana e que para desempenhar cabalmente o seu papel, a cultura deve incorporar os seres técnicos sob a forma de conhecimento e de sentido dos valores. A tomada de consciência dos modos de existência dos objetos técnicos deve ser alcançada pelo pensamento filosófico que se considera ter de cumprir nesse exercício um dever análogo ao que desempenhou na abolição da escravatura e na afirmação do valor da pessoa humana.

A oposição erigida entre a cultura e a técnica, entre o homem e a máquina, é falsa e sem fundamento; não encobre senão ignorância ou ressentimento. Mascara por detrás de um humanismo fácil uma realidade rica em esforços humanos e em forças materiais e que constitui o mundo dos objetos técnicos, mediadores entre a natureza e o homem.

A cultura comporta-se perante o objeto técnico como o homem face ao estrangeiro quando se deixa arrastar pela xenofobia primitiva. O misonéismo, orientado contra as máquinas, não é tanto o ódio pelo novo mas a recusa da realidade estrangeira. Ora este ser estranho é ainda humano e a cultura completa será a que permita descobrir o estrangeiro como humano. Identicamente a máquina é o estrangeiro; é o estrangeiro no qual está incluído o humano, mal conhecido, materializado, submisso, permanecendo todavia humano. A mais importante causa da alienação no mundo contemporâneo reside neste desconhecimento da máquina, que não é uma alienação causada pela máquina mas pelo não conhecimento da sua natureza e da sua essência, pela sua ausência do mundo dos significados e pela sua omissão na tabela de valores e de conceitos integrantes da cultura.

A cultura é desequilibrada porque reconhece determinados objetos como é o caso do objeto estético e lhes concede direitos de cidadania no mundo dos significados enquanto repele outros objetos, e em particular os técnicos, no mundo sem estrutura do que não possui significado mas apenas utilização, uma função útil. Perante esta recusa defensiva, proferida por uma cultura parcelar, os homens que conhecem os objetos técnicos e sentem o seu significado procuram justificar o seu julgamento concedendo ao objeto técnico o único estatuto atualmente valorizado para além do do objeto estético, o de objeto sagrado. Nasce então um tecnicismo destemperado que não é senão uma idolatria da máquina e, através dessa idolatria da máquina e através desta idolatria, por meio de uma identificação, uma aspiração tecnocrática ao poder incondicional. O desejo de poder consagra a máquina como meio de supremacia e faz dela o moderno filtro. O homem que quer dominar os seus semelhantes suscita a máquina androide. Abdica então perante ela e nela delega a sua humanidade. Procura construir a máquina de pensar sonhando poder construir

a máquina do querer, a máquina do viver para poder postar-se detrás dela sem angústia, liberto de todos os perigos, isento de qualquer sentimento de fraqueza, triunfante, mediado pelo que inventou. Ora neste caso, a máquina tornada de acordo com a imaginação esse duplo do homem que é o robot, desprovido de interioridade, representa de modo bem evidente e inevitável um ser puramente mítico e imaginário.

Quereríamos mostrar precisamente que o robot não existe, que não é uma máquina, tanto quanto uma estátua não é um ser vivo, mas simplesmente um produto da imaginação e da fabricação fictícia, a arte da ilusão. Todavia a noção de máquina que existe na cultura atual incorpora em assaz larga medida esta representação mítica do robot. Um homem cultivado não se permitiria falar dos objetos ou das personagens pintadas numa tela como verdadeiras realidades dispondo de uma interioridade e de uma vontade boa ou maldosa. Esse mesmo homem fala todavia das máquinas que ameaçam o homem como se atribuisse a esses objetos uma alma e uma existência separada, autónoma que lhes conferisse o uso de sentimentos e de intenções dirigidas ao homem.

A cultura comporta assim *duas atitudes contraditórias* para com os objetos técnicos: por um lado trata-os como puras *ensamblagens de matéria*, desprovidas de verdadeiro significado e apresentando simplesmente uma dada utilidade. Por outro lado supõe que esses objetos são também robots e que estão animados com *intenções* hostis para com o homem ou representando para ele um permanente perigo de agressão, de insurreição. Considerando boa a conservação da primeira característica pretende impedir a manifestação da segunda e fala em colocar as máquinas ao serviço do homem, acreditando encontrar na redução à escravatura um meio de impedir qualquer rebelião.

De facto esta contradição inerente à cultura advém da ambiguidade das ideias relativas ao automatismo nas quais se esconde uma falha lógica. Os idólatras da máquina apresentam em geral o grau de perfeição de uma máquina como sendo proporcional ao grau de automatismo. Ultrapassando o que a experiência demonstra supõem que por um acréscimo e um aperfeiçoamento do automatismo chegar-se-á a reunir e interligar todas as máquinas entre si de modo a constituir uma máquina de todas as máquinas. Ora, na realidade o automatismo é um assaz baixo grau de perfeição técnica. Para tornar automática uma máquina é preciso sacrificar muitas das possibilidades de funcionamento, muitas das possíveis utilizações. O automatismo e a sua utilização sob a forma de organização industrial designado por *automação*, contém um significado mais económico ou social do que técnico. O verdadeiro aperfeiçoamento das máquinas, aquele do qual se pode dizer que eleva o grau de tecnicidade, corresponde não a um acréscimo de automatismo mas, pelo contrário, ao facto de que o funcionamento de uma máquina encerra uma certa margem de indeterminação. É essa margem que permite à máquina ser sensível a uma informação exterior. É devido a essa sensibilidade da máquina à informação que um equipamento técnico

pode concretizar-se, bem melhor do que por um aumento do automatismo. Uma máquina totalmente automática, completamente fechada sobre si própria num funcionamento pré-determinado não poderia fornecer senão resultados reduzidos. A máquina dotada de alta tecnicidade é uma máquina *aberta* e o conjunto das máquinas *abertas* pressupõe o homem como organizador permanente, como intérprete vivo de umas máquinas em relação às outras. Longe de ser o vigilante de uma tropa de escravos o homem é o organizador permanente de uma sociedade de objetos técnicos que têm necessidade dele como os músicos necessitam do maestro. Este não pode dirigir os músicos senão porque toca como eles, tão empenhadamente como eles, a peça executada; modera-os ou pressiona-os mas é também moderado e pressionado por eles; de facto, através dele o grupo de músicos modera e pressiona cada um deles, é para cada um deles a forma móvel e atual do grupo em vias de existir; é o intérprete recíproco de todos em relação a todos. Assim o homem tem por função ser o coordenador e o inventor permanente das máquinas à sua volta. Está *entre* as máquinas que operam com ele.

A presença do homem nas máquinas é uma invenção perpetuada. O que reside nas máquinas é realidade humana, gesto humano fixado e cristalizado em estruturas que funcionam. Estas estruturas têm necessidade de serem mantidas no decurso do seu funcionamento e a maior perfeição coincide com a maior *abertura*, com a maior liberdade de funcionamento. As máquinas de calcular modernas não são puros autómatos; são entidades técnicas que para além dos seus automatismos de adição (ou de decisão por funcionamento de osciladores elementares) possuem muito vastas possibilidades de comutação dos circuitos que permitem codificar o funcionamento da máquina restringindo a sua margem de indeterminação. É graças a esta margem primitiva de indeterminação que a mesma máquina pode extrair raízes cúbicas ou traduzir um texto simples, composto com um pequeno número de palavras e de expressões, de uma língua para outra.

É ainda por intermédio desta margem de indeterminação e não pelos automatismos que as máquinas podem ser agrupadas em conjuntos coerentes, trocar informação umas com as outras por intermédio do coordenador que é o intérprete humano. Mesmo quando a troca de informação é direta entre duas máquinas (como entre um oscilador piloto e um outro sincronizado por impulso), o homem intervém como o ser que regula a margem de indeterminação a fim de que seja adaptada à melhor troca possível de informação.

Ora pode perguntar-se que homem pode realizar em si próprio a tomada de consciência da realidade técnica e introduzi-la na cultura. Essa tomada de consciência dificilmente pode ser levada a cabo por aquele que estiver ligado a uma única máquina pelo trabalho e a constância dos gestos quotidianos; a relação de uso não é favorável à tomada de consciência porque o recomeço habitual esbate-se no estereótipo dos gestos adaptados à consciência das estruturas e dos funcionamentos. O facto de governar uma

empresa utilizando máquinas, ou a relação de propriedade, não é mais útil do que o trabalho para essa tomada de consciência: cria pontos de vista abstratos sobre a máquina, avaliada pelo preço e resultados do funcionamento mais do que por si própria. O conhecimento científico que vê no objeto técnico a aplicação prática de uma lei teórica também não está ao nível do domínio técnico. Essa tomada de consciência pareceria ser preferencialmente o campo do engenheiro de organização que seria como que o sociólogo e o psicólogo das máquinas, vivendo no meio dessa sociedade de entidades técnicas das quais é a consciência responsável e inventiva.

Uma verdadeira tomada de consciência das realidades técnicas apreendidas na sua significação corresponde a uma pluralidade aberta de técnicas. Não pode aliás decorrer de outra maneira porque um conjunto técnico mesmo pouco extenso engloba máquinas cujos princípios de funcionamento relevam de domínios científicos muito diferentes. A especialização dita técnica corresponde mais do que frequentemente a preocupações exteriores aos objetos técnicos propriamente ditos (relações com o público, forma particular de comércio) e não a uma espécie de esquemas de funcionamento inerentes aos objetos técnicos; é a especialização segundo as diretivas exteriores aos técnicos que cria a estreiteza de vistas censurada aos técnicos pelo homem cultivado que considera que deles se distingue: trata-se mais de uma estreiteza de intenções, de finalidades, do que de uma estreiteza de informação ou de intuição das técnicas. Muito raras são, nos nossos dias, as máquinas que não sejam, ao mesmo tempo mecânicas, térmicas e elétricas.

Para reatribuir à cultura o carácter verdadeiramente geral que perdeu é preciso poder reintroduzir-lhe a consciência da natureza das máquinas, das suas mútuas relações e das suas relações com o homem e dos valores implicados nessas relações. Essa tomada de consciência requer a existência, ao lado do sociólogo e do psicólogo, do *tecnólogo* ou *mecanólogo*. Além disso os esquemas fundamentais de causalidade e de regulação que constituem uma axiomática da tecnologia devem ser ensinados universalmente como o são os fundamentos da cultura literária. A iniciação às técnicas deve ser colocada no mesmo plano que a educação científica; ela é tão desinteressada quanto a prática das artes e domina tanto as aplicações práticas quanto a física teórica; pode atingir o mesmo grau de abstração e de simbolização. Uma criança deveria saber o que é uma autorregulação ou uma reação positiva como sabe o que são teoremas matemáticos.

Esta reforma da cultura, procedendo por extensão e não por destruição, poderia reatribuir à cultura atual o real poder regulador que perdeu. Base de significados, de meios de expressão, de justificações e de formas, uma cultura estabelece entre os que a possuem uma comunicação regulatória; saindo da vida do grupo anima os gestos dos que asseguram as funções de comando fornecendo-lhes normas e esquemas. Ora antes do grande desenvolvimento das técnicas a cultura incorporava a título de esquemas, de símbolos, de qualidades, de analogias, os principais tipos de

técnicas dando lugar a uma experiência vivida. Pelo contrário, a cultura atual é a cultura antiga incorporando como esquemas dinâmicos o estado das técnicas artesanais e agrícolas dos séculos passados. E são esses esquemas que servem de mediadores entre os grupos e os seus chefes impondo, devido à sua inadequação às técnicas, uma distorção fundamental. O poder torna-se literatura, arte da opinião, pleito de defesa das verosimilhanças, retórica. As funções diretivas são falsas porque não mais existe entre a realidade governada e os seres que governam um código adequado de relações: a realidade governada comporta homens e máquinas; o código não assenta senão na experiência do homem trabalhando com utensílios ele próprio enfraquecido e longínquo porque os que empregam esse código não acabam, como Cincinnatus, de abandonar os manípulos da charrua. O símbolo enfraquece tornando-se em simples jogo de palavras, o real está ausente. Uma relação reguladora de causalidade circular não pode estabelecer-se entre o conjunto da realidade governada e a função autoritária: a informação não mais chega porque o código se tornou inadequado ao tipo de informação que deveria transmitir. Uma informação que exprima a existência simultânea e correlativa dos homens e das máquinas deve comportar os esquemas de funcionamento das máquinas e os valores que implicam. É preciso que a cultura se retorne geral, quando na verdade se especializou e empobreceu. Esta extensão da cultura, suprimindo uma das principais fontes de alienação e restabelecendo a informação regulatória, possui um valor político e social: pode fornecer ao homem meios para pensar a sua existência e a sua situação em função da realidade que o envolve. Este trabalho de alargamento e de aprofundamento da cultura tem também um papel caracteristicamente filosófico a desempenhar porque conduz à crítica de um certo número de mitos e de estereótipos, como o do robot, ou dos autómatos perfeitos ao serviço de uma humanidade preguiçosa e plenamente satisfeita. Para operacionalizar esta tomada de consciência é possível procurar definir o objeto técnico em si mesmo pelo processo de concretização e de sobre-determinação funcional que lhe dá consistência, no termo de uma evolução, provando que não poderia ser considerado um simples utensílio. As modalidades desta gênese permitem apreender os três níveis do objeto técnico e a sua coordenação temporal não dialética: o elemento, o indivíduo, o conjunto.

Sendo o objeto técnico definido pela sua gênese é possível estudar as relações entre ele e as outras realidades, em particular o homem no estado adulto e a criança.

Enfim, considerado como objeto de um julgamento de valores, o objeto técnico pode suscitar atitudes muito diferentes conforme é tomado ao nível do elemento, ao nível do indivíduo ou ao nível do conjunto. Ao nível do elemento o seu aperfeiçoamento não introduz qualquer perturbação que engendre angústia por conflito com os hábitos adquiridos: é o clima otimista do século XVIII, introduzindo a ideia de um progresso contínuo e indefinido, comportando melhorias constantes no destino do homem.

Pelo contrário, o indivíduo técnico torna-se durante uns tempos o adversário do homem, o seu concorrente, porque o homem centralizava em si a individualidade técnica do tempo em que só existiam ferramentas; a máquina toma o lugar do homem porque o homem desempenhava uma função de máquina, de portador de ferramentas. A esta fase corresponde uma noção dramática e apaixonada do progresso tornando-se violação da natureza, conquista do mundo, captação das energias. Esta vontade de poderio exprime-se através da desmesura tecnicista e tecnocrática da era da termodinâmica que provoca uma reviravolta ao mesmo tempo profética e cataclísmica. Enfim, ao nível dos conjuntos técnicos do século XX, o energetismo termodinâmico é substituído pela teoria da informação cujo conteúdo normativo é eminentemente regulador e estabilizador: o desenvolvimento das técnicas aparece como uma garantia de estabilidade. A máquina, como elemento do conjunto técnico torna-se no que aumenta a quantidade de informação, o que acrescenta a negentropia ^[1], o que se opõe à degradação da energia: a máquina, produto da organização, da informação, é, como a vida e com a vida, o que se opõe à desordem, ao nivelamento de todas as coisas tendentes a privar o universo dos poderes de mudança. A máquina é aquilo por que o homem se opõe à morte do universo; relenta, como a vida, a degradação da energia e torna-se estabilizadora do mundo.

Esta modificação do olhar filosófico sobre o objeto técnico anuncia a possibilidade de uma introdução da entidade técnica na cultura: essa integração, que não conseguiu efetuar-se nem ao nível dos elementos nem ao nível dos indivíduos de maneira definitiva poderá sê-lo com mais hipóteses de estabilidade ao nível dos conjuntos; a realidade técnica tornada regulatória poderá integrar-se na cultura, regulatória na sua essência. Esta interpretação não podia fazer-se senão por adição no tempo em que a tecnicidade residia nos elementos, por rutura e revolução no tempo em que a tecnicidade residia nos novos indivíduos técnicos; hoje a tecnicidade tende a residir nos conjuntos; pode então tornar-se um fundamento da cultura à qual trará um poder de unificação e de estabilidade, tornando-a adequada à realidade que exprime e regulamenta.

NOTAS

- [1] Nota do tradutor: Negentropia corresponde à capacidade de proporcionar integração e organização do sistema de informação.

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO?

Simondon, G. (1969/2018). Do modo de existência dos objetos técnicos: Introdução. *Laboreal*, 14(1), 69-72.

O DICIONÁRIO

X, COMO RAIO X.

ADELAIDE NASCIMENTO

Cnam, CRTD, Equipe Ergonomie
41 rue Gay-Lussac 75005 Paris, France
adelaide.nascimento@cnam.fr

X, COMO RAYOS X.

X, COMME RAYON X.

X, AS X-RAY.

A descoberta acidental do raio X em 1895 por W. C. Röntgen revolucionou o mundo da físico-química, mas também o campo da medicina e da indústria. Trata-se de um tipo de radiação de alta energia com capacidade de penetrar organismos vivos, atravessar tecidos de pouca densidade e ser absorvido pelas partes mais densas do corpo humano (como estruturas ósseas). Em razão dessa característica, a principal utilização dos raios X consiste em radiografias clássicas e scanners para diagnóstico médico. Eles também são utilizados industrialmente com a finalidade de observação da estrutura interna de objetos e identificação de possíveis falhas. Nos sítios que necessitam uma vigilância importante (aeroportos, museus, etc.), os raios X são de uso cotidiano a fim de controlar o transporte de objetos perigosos e evitar acidentes. Enfim, eles são utilizados em laboratórios com objetivos de pesquisa científica.

Os raios X são radiações ionizantes (capazes de modificar a estrutura da ADN) e consequentemente apresentam efeitos nocivos para a saúde em caso de exposições longas ou repetidas e/ou de forte intensidade, podendo provocar a formação de células cancerígenas. As radiações recebidas ao longo da vida apresentam um efeito cumulativo, e os danos podem se manifestar de maneira imediata ou tardia de acordo com a intensidade da dose recebida. Após a descoberta dos raios X, quase 30 anos foram necessários para que os princípios de prevenção através da radioproteção aparecessem (CIPR, 2011).

Um longo processo de nível mundial esta por trás das normas e leis nacionais relativas à proteção dos trabalhadores, dos pacientes e da população em geral. Elas são fruto de pesquisas e negociações entre diferentes instâncias e são determinadas segundo os avanços da ciência e das demandas da sociedade [4]. Levando em consideração os efeitos nocivos sobre os trabalhadores expostos, os princípios de radioproteção dos trabalhadores são fundamentados em três critérios:

- Duração: a duração de exposição deve ser a mais breve possível;
- Distância: distanciamento máximo dos trabalhadores com relação a fonte de emissão de raio X, com possibilidade de manipular os aparelhos à distância;
- Barreiras físicas: interposição de barreiras espessas e absorventes entre a fonte de raio X e o trabalhador; uso de vestimentas de proteção.

O médico do trabalho, baseando-se em uma análise do posto de trabalho, preenche uma ficha de exposição e classifica os trabalhadores de acordo com o risco corrido. Em função desta classificação, os trabalhadores podem beneficiar de medidas de proteção reforçadas: visitas de controle, dosimetria individual, formação obrigatória sobre os riscos das radiações ionizantes. Apesar dos riscos, a característica ionizante dos raios X apresenta benefícios para o tratamento de pacientes com câncers.

É assim que nasce a radioterapia no começo do século XX. Esta especialidade médica consiste na destruição de células tumorais através de uma dose pré-calculada de radiação e de um tempo determinado de exposição do órgão doente. A resposta dos tecidos às radiações depende de diversos fatores, tais como a sensibilidade do tumor à radiação, sua localização e oxigenação, assim como a qualidade e a quantidade da radiação e o tempo total em que ela é administrada. Para atingir o órgão ao ser tratado, o feixe de radiação atravessa tecidos saudáveis. Dessa maneira, o que está em jogo é não somente a destruição das células tumorais, mas também a preservação dos órgãos saudáveis localizados à proximidade do órgão doente irradiado. Assim, se por um lado os progressos científicos e tecnológicos favoreceram a melhoria da terapêutica em cancerologia (em termos de eficácia clínica), o ganho em termos de redução da morbi/mortalidade dos pacientes foi acompanhado pelo aparecimento de novos riscos para a segurança dos pacientes. Se não controlados, os riscos de acidente podem conduzir a consequências graves para a saúde dos pacientes, como nos mostram os acidentes ocorridos na França em 2005 e em outras partes do mundo. Apesar do impacto mediático, felizmente, os acidentes graves em radioterapia constituem eventos raros: em torno de 20 são repertoriados no mundo até os dias de hoje (Peiffert, Simon, & Eschwege, 2007).

Devido aos acidentes ocorridos em Epinal, na França, e a nova regulamentação exigindo uma melhor gestão de risco da parte dos profissionais, várias demandas de pesquisas em ergonomia foram solicitadas pelos institutos franceses responsáveis pelo controle e inspeção dos centros de radioterapia. O objetivo inicial era de compreender como os profissionais da radioterapia gerenciam, individualmente e coletivamente, as obrigações e os recursos disponíveis a fim de responder aos objetivos de produção da saúde e produção da segurança dos pacientes sabendo-se que em alguns casos esses dois objetivos podem entrar em contradição (Nascimento, 2010). Serão aqui apresentados alguns ensinamentos da análise da atividade dos físicos médicos, profissionais responsáveis pela concepção da dosimetria de acordo com a prescrição médica (número de sessões, dose, órgão a ser irradiado, dose a não ser ultrapassada nos órgãos saudáveis), e pelo controle dos aparelhos de radioterapia.

A antecipação dos riscos de execução de um tratamento pelos físicos médicos é claramente e sobretudo observada quando eles consideram que o tratamento em questão é difícil (muitos parâmetros a regular, posição do paciente desconfortável, etc.) (Nascimento & Falzon, 2012). De maneira unânime, os indivíduos entrevistados mencionam um conjunto de estratégias visando facilitar o trabalho realizado na sala de tratamento pelos técnicos em radioterapia, e assim reduzir os riscos de erro. Estas estratégias são a prova de que os físicos levam em consideração o trabalho dos técnicos, o que constitui uma garantia de cooperação segura. O objetivo dos físicos é garantir que a dosimetria de qualidade obtida virtualmente seja igualmente segura em situação real.

As duas grandes estratégias de prevenção dos físicos são: evitar alguns dos riscos identificados na fase virtual e fornecer assistência aos técnicos em radioterapia durante a sessão de tratamento. Os físicos vão considerar as dimensões técnicas, humanas e organizacionais no posto de tratamento, assim como o conforto do paciente. O objetivo é de reduzir os riscos na fonte, isto é, durante a fase de concepção do tratamento (virtualmente). Eles vão se resguardar, por exemplo, de encaminhar um tratamento muito complicado para uma sala de tratamento sobrecarregada de pacientes, ou que tenha muitos técnicos novatos, ou ainda que tenha um maquinário antigo. Eles podem ainda limitar a complexidade de alguns parâmetros da dosimetria. A metade dos indivíduos entrevistados admitem ajustar alguns parâmetros numéricos da dose, arredondando os dados, para não confundir o trabalho dos técnicos em radioterapia. Associadas a essas estratégias, outras visam dar assistência aos técnicos durante a execução do tratamento. Essas estratégias têm por objetivo controlar algumas fontes de risco que não puderam ser controladas durante a fase de concepção no *software*. Tratando-se dos casos mais raros, a simples transmissão não é suficiente para reduzir os riscos de uma dosimetria complicada. É preciso estar presente na sala de tratamento, para assim garantir que o tratamento será realizado nas mesmas condições previstas na fase de concepção.

As pesquisas mais recentes em ergonomia realizadas na França se interessaram em elucidar a participação dos pacientes na prevenção de riscos de erros (Pernet, Mollo & Giraud, 2012), a organização do trabalho coletivo e a produção de artefactos para garantir a qualidade e a segurança do tratamento (Munoz, 2016), ou ainda os dispositivos de retorno de experiência e de previsão de riscos de acidentes utilizados pelos profissionais da radioterapia (Thellier, 2017).

Em conclusão, nota-se que desde a sua descoberta há mais de 120 anos, os raios X são fonte de riscos e de benefícios para setores econômicos diversos assim como para a população em geral. Eles suscitam questionamentos em termos de proteção dos trabalhadores e dos pacientes submetidos à sua exposição, e abre assim um campo de investigação para as ciências do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- OCIPR (2011). Publication CIPR 105: protection radiologique en médecine. *Commission Internationale de Protection Radiologique*. 72p.
- Munoz, M.-I. (2016). «Prendre soin» du travail: dispositifs de gestion du flux et régulations émergentes en radiothérapie. *Thèse de doctorat em Ergonomie*. Cnam, Paris.
- Nascimento, A. (2010). Produzir a saúde, produzir a segurança. Desenvolver uma cultura colectiva de segurança em radioterapia. *Laboreal*, 6, (1), 37-40 <http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=37t45nSU54711238:7625833:31>
- Nascimento, A., & Falzon, P. (2012). Producing effective treatment, enhancing safety: Medical physicists' strategies to ensure quality in radiotherapy. *Applied Ergonomics* 43, 777-789.
- Peiffert, D., Simon, J. M., & Eschwege, F. (2007). L'accident d'Épinal: passé, présent, avenir. *Cancer/Radiothérapie*, 11(6-7), 309-312.
- Pernet, A., Mollo, V., & Giraud, P. (2012). La participation des patients à la sécurité des soins en radiothérapie: une réalité à développer. *Bulletin du Cancer*, 99, 581-7.
- Thellier, S. (2017). Approche ergonomique de l'analyse des risques en radiothérapie: de l'analyse des modes de défaillances à la mise en discussion des modes de réussite. *Thèse de doctorat em Ergonomie*. Cnam, Paris.

NOTAS

- [1] Sítio internet IRSN: Institut de Radioprotection et Sûreté Nucléaire. <http://www.irsn.fr>

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO?

Nascimento, A. (2018). X, como raio X. *Laboreal*, 14 (1), 73-75. <http://dx.doi.org/10.15667/laborealxiv0118an>

O DICIONÁRIO

WHAT IS WATT?
HISTÓRIA DE UMA MEDIDA.

FRANÇOIS VATIN

Maison "Max Weber"
Université de Paris-Nanterre
200 avenue de la République
92000 Nanterre
vatin@parisnanterre.fr

A tradução deste texto para português
foi realizada por Liliana Cunha.

WHAT IS WATT?
HISTORIA DE UNA MEDIDA.

WHAT IS WATT?
HISTOIRE D'UNE MESURE.

WHAT IS WATT?
HISTORY OF A MEASURE.

1. DE WATT AOS WATTS

Com uma maiúscula, trata-se de James Watt (1736-1819), engenheiro britânico, cujo nome está associado ao desenvolvimento da máquina a vapor. Na década de 1760, ele aprimora a máquina de Newcomen e, em 1774, cria um negócio perto de Birmingham para produzir essas máquinas, que logo se tornaram uma referência em toda a Europa. Com letra minúscula, o watt é uma unidade de energia que aparece na década de 1880 na França, como na Grã-Bretanha, no contexto do desenvolvimento de motores elétricos. Enquanto o termo watt se refere obviamente a James Watt, a conexão entre os dois não é óbvia, uma vez que a medida em watt é tardia e aparece no contexto tecnológico da "segunda" revolução industrial, enquanto James Watt permaneceu como um símbolo da primeira revolução.

Para compreender a gênese da denominação de watt, é preciso passar por uma expressão que aparece na década de 1850: o "cavalo de Watt". James Watt mediu, de facto, a capacidade das suas máquinas em "força de cavalo" ("power of the horse"), que está na origem do "cavalo-vapor" (*horsepower*). A lógica de uma tal medida é comercial. Trata-se de avaliar a máquina pelo número de cavalos que ela pode substituir. Os engenheiros do século XIX não foram os primeiros a raciocinar dessa maneira. Já em 1699, Guillaume Amontons tinha procurado, a fim de convencer os seus colegas acadêmicos, avaliar a potência da "máquina de fogo" que submetia ao seu julgamento, calculando o número de homens ou de cavalos que ela poderia substituir. Isso conduziu-o a liderar o primeiro estudo ergonômico do trabalho industrial, o dos polidores de espelho da jovem empresa de Saint-Gobain. Ele mediria a sua atividade como o produto de uma força (exercida sobre o polidor) pela velocidade do movimento deste último, que corresponde a uma potência ^[1].

Convencionalmente, em França, o valor do cavalo-vapor foi estabelecido no início da década de 1830 em 75 Kilogramas por segundo, o que significaria que um cavalo teria a capacidade muscular para elevar um peso de 75 kilogramas a um metro por segundo. Esta medida não foi convencionalizada sem causar uma certa hesitação que denunciou o Capitão (e futuro Almirante) Simeon Bourgeois, em 1854, num relatório ao ministro da Marinha, Theodore Ducos: "Na realidade, o cavalo-vapor não tem atualmente um valor determinado, e é estabelecido entre as expressões de cavalo nominal, cavalo de Watt, cavalo efetivo, etc. uma confusão deplorável..." ^[2].

O watt corresponde, no sistema internacional de medidas físicas contemporâneas (sistema MKSA por metro, kilograma, segundo, ampere), a um joule por segundo. O joule, unidade standard moderna de energia, é ele próprio igual a 0,102 kilogramas. Um "cavalo de Watt" (uma potência de 75 Kilogramas por segundo) representa, portanto, cerca de 736 watts. Ao passar de cavalo de Watt para watt, passamos de uma medida convencional da potência cavalares, inventada no século XIX, mas cujo espírito releva de medidas antigas estudadas por Wittold Kula ^[3], ao rigor desen-

2. DO TRABALHO À POTÊNCIA

Além dessas questões metrológicas, a emergência do watt como medida de referência no campo da indústria elétrica, no final do século XIX, é testemunha de uma inversão entre os conceitos de trabalho e de potência.

No início do século XIX, definiu-se o "trabalho de uma força" como um peso elevado a uma determinada altura. A ação de qualquer máquina pode, de facto, ser reduzida à ação de elevação de um peso, sob a condição de serem pensadas as engrenagens necessárias. Ora, essa ação fornecia a grandeza de base da física desde Galileu e Newton, pois consistia na grandeza que era requerida para se opor à força da gravidade. Qualquer "trabalho" realizado por uma máquina poderia, portanto, ser medido como o produto de uma força pelo deslocamento de seu ponto de aplicação, como o era na elevação vertical de um peso. Chamou-se a essa grandeza o "trabalho", porque era considerada equivalente ao "trabalho" realizado pelos homens ou pelas bestas de carga ^[4]. No final do século XVIII, Charles Augustin Coulomb procurou medir a "quantidade de ação que os homens podem produzir de acordo com o modo como usam as suas forças". Ele tomou como exemplo de base a elevação de uma carga numa escada. Na mesma época, Edme Reignier inventou o "dinamómetro", instrumento que permitia medir a força instantânea numa configuração de tensão. Podia-se, portanto, facilmente calcular o trabalho realizado pelos animais de tração instalando um dinamómetro no animal e carregando-o. O conceito de potência foi libertado do de trabalho. Ele corresponde à quantidade de trabalho realizado num dado tempo. Em 1826, o engenheiro Charles Dupin propôs chamar esta medida de "dínamo", expressão que não perpetuou. Como os homens e os animais, as máquinas desenvolvem trabalho. Mas uma rutura se opera na conceção mesmo da máquina no início do século XIX. Até lá, o termo designava um instrumento de transformação do movimento mecânico, tal como um moinho, colocado em movimento pelo vento ou pela água para gerar um movimento preciso e controlado (por exemplo, a moagem do grão). Assim, distingue-se as máquinas dos "motores", que estão na origem deste movimento, e entre estes dois tipos: os motores "inanimados" (o vento, a água) e "animados" (os homens e os animais). A origem da força animal permanece misteriosa, mesmo se, de uma forma muito sábia, Lavoisier a concebeu, desde 1789, como uma forma de combustão. A difusão da "máquina a vapor", em grande parte iniciada por James Watt e seu colega Matthew Boulton, vira do avesso essas representações. Trata-se, de facto, de uma máquina "motriz", que produz movimento a partir da combustão do carvão. Esta inovação tecnológica está na origem de uma revolução científica na década de 1840: a invenção da termodinâmica. Vamos perceber, com efeito, que podemos considerar que o calor e o trabalho são duas formas da mesma grandeza física: a energia. Vai-se procurar medir, em conformidade com as intuições de Antoine Lavoisier, o "equivalente mecânico do calor". Portanto,

as formas de energia reconhecidas pelos físicos não deixarão de se expandir: a energia eletromagnética, a energia contida nas ligações químicas (cuja evidência por Marcellin Berthelot na década de 1880 permitirá a elaboração, no final do século, da bioenergética, que alimentará o movimento das ciências do trabalho ^[5]), mais tarde a energia atômica ...

Ao passar do trabalho mecânico para a energia, passamos de uma força em ato (o movimento mecânico) para uma força em potência. Já em 1834, Adhémar Barré de Saint-Venant escreveu que o conceito de "trabalho mecânico" tinha que ser complementado pelo de "capital mecânico" ^[6]. Não se abandona a metáfora econômica na origem do conceito de trabalho, definido pelo engenheiro Claude-Louis Navier, em 1829, como um "dinheiro mecânico". Mas é amplificado. Passa-se, num movimento que não poderia deixar de evocar o pensamento de Karl Marx, de uma teoria da troca para uma teoria do capital. Não é de admirar que o conceito de "potência" tenha precedência sobre o de trabalho. No ensino elementar da física, há muito tempo que foi deduzida a "potência" do "trabalho". Hoje deduz-se o "trabalho" da "potência". A linguagem comum reteve o kilowatt, de que é deduzido, para medir o seu consumo de energia, o kilowatt-hora (potência multiplicada por um tempo). Esta é uma energia cujas dimensões físicas são as mesmas que as do trabalho. O kilowatt-hora pode, portanto, ser medido em kilogramas (o kilowatt-hora é de 3600 kilojoules, ou seja, 367 200 kilogramas).

A evolução das denominações físicas é testemunha daquelas, combinadas da ciência e do mundo social que a incorporam. Da força bruta de homens e dos animais evocada pela noção do kilograma, passou-se ao poder etéreo de uma misteriosa corrente elétrica. O laborioso cavalo de Watt foi substituído por um ser mítico, o kilowatt-hora, que aos mais antigos, em França, pode lembrar os terríveis gritos que ele proferiu quando consumidores inconsequentes e sem piedade "os jogaram pelas janelas" ^[7].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bourgeois, S. (1854). *Rapport à son excellence M. Ducos sur la navigation commerciale*. Paris.
- Kula, W. (1970). *Des mesures et des hommes*. Paris: Maison des sciences de l'homme (édition originale polonaise, 1970).
- Saint-Venant, B. (1834). *Mémoire sur les théorèmes de la mécanique générale* (présenté le 14 avril 1834). Académie des sciences, Archives de l'Ecole Polytechnique, Fonds Saint-Venant, carton n° 19.
- Vatin, F. (1993). *Le travail. Economie et physique (1780-1830)*. Paris: PUF. Tradução parcial em português: ABCM (Associação Brasileira de Engenharia e Ciências Mecânicas) (2017). *O Trabalho. Economia e Física*, vol. 20, n° 2, p. 25-39. Tradução completa no prelo: Vatin, F. (2018). *As medidas do trabalho:*

física e economia. Campinas: Mercado de Letras.

Vatin, F. (1999). *Le travail, sciences et société*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles. Tradução portuguesa: Vatin, F. (2002). *Epistemologia e Sociologia do Trabalho*. Lisboa: Instituto Piaget. Tradução espanhola: Vatin, F. (2004). *Trabajo, Ciencias y sociedad. Ensayos de sociología y epistemología del trabajo*. Buenos-Aires et Mexico: Lumen Humanitas.

NOTAS

- [1] O poder mecânico é um trabalho dividido por um tempo. O trabalho é o produto de uma força por uma distância. Se assumirmos a velocidade constante, a potência pode ser definida como o produto de uma força por uma velocidade, que é uma distância dividida por um tempo.
- [2] Bourgeois, S. (1854). *Rapport à son excellence M. Ducos sur la navigation commerciale*. Paris.
- [3] Kula, W. (1970). *Des mesures et des hommes*. Paris: Maison des sciences de l'homme (édition originale polonaise, 1970).
- [4] Vêr em Vatin, F. (1993). *Le travail. Economie et physique (1780-1830)*. Paris: PUF. Tradução parcial em português: ABCM (Associação Brasileira de Engenharia e Ciências Mecânicas) (2017). *O Trabalho. Economia e Física*, vol. 20, n° 2, p. 25-39. Tradução completa no prelo: Vatin, F. (2018). *As medidas do trabalho: física e economia*. Campinas: Mercado de Letras.
- [5] Vêr em Vatin, F. (1999). *Le travail, sciences et société*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles. Tradução portuguesa: Vatin, F. (2002). *Epistemologia e Sociologia do Trabalho*. Lisboa: Instituto Piaget. Tradução espanhola: Vatin, F. (2004). *Trabajo, Ciencias y sociedad. Ensayos de sociología y epistemología del trabajo*. Buenos-Aires et Mexico: Lumen Humanitas.
- [6] Saint-Venant, B. (1834). *Mémoire sur les théorèmes de la mécanique générale* (présenté le 14 avril 1834). Académie des sciences, Archives de l'Ecole Polytechnique, Fonds Saint-Venant, carton n° 19.
- [7] "Não jogue os seus Kilowatt-hora pelas janelas" era um slogan da propaganda governamental francesa para incitar o público a moderar os seus consumos no contexto da crise petrolífera no final dos anos de 1970.

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO?

Vatin, F. (2018). What is watt? História de uma medida. *Laboreal*, 14 (1), 76-78. <http://dx.doi.org/10.15667/laborealxiv0118fv>